



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE *CAMPUS* FORTALEZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES

MARIA DE FÁTIMA GOMES DE CASTRO

**NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E
PATRIMÔNIO CULTURAL NO CENTRO HISTÓRICO DE AQUIRAZ**

FORTALEZA-CE
AGOSTO – 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G633n Gomes de Castro, Maria de Fátima.
NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E PATRIMÔNIO
CULTURAL NO CENTRO HISTÓRICO DE AQUIRAZ / Maria de Fátima Gomes de Castro. -
2024.
124 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes,
Campus Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Pro^{fa}. Dra. Antônia de Abreu Sousa .
Coorientação: Profa. Dra. Prof. Dr. José Albio Moreira Sales .
1. Ensino de Artes Visuais; Patrimônio Cultural; Centro Histórico; Aquiraz; Arte Sacra. I.
Título.

CDD 700

MARIA DE FÁTIMA GOMES DE CASTRO

**NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E
PATRIMÔNIO CULTURAL NO CENTRO HISTÓRICO DE AQUIRAZ**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre Área de concentração: Ensino de arte.

Aprovado (a) em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Antônia de Abreu Sousa (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) –
Campus Fortaleza

Prof. Dr. José Albio Moreira Sales (Co- Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) –
Campus Fortaleza

Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros (Examinador interno)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) –
Campus Fortaleza

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria de Sousa França (Examinador externo)
Universidade Estadual do Ceará (UECE) – *Campus* Itaperi/ Fortaleza

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia se realizar sem o apoio de pessoas que em algum momento cruzaram meu caminho. Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Antônia de Abreu Sousa, e meu Co-orientador Professor Doutor José Albio de Moreira Sales agradeço pelo empenho e sentido prático com que sempre me orientaram neste trabalho. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar. Desejo igualmente agradecer a todos os professores e colegas do Mestrado profissional em Artes, em especial a Neide Ávila, cujo apoio e incentivo estiveram presentes em todos os momentos durante essa caminhada de dois anos. Agradeço aos Diretores, Coordenadores e Monitores das escolas que trabalhei em 2022, pela compreensão, sempre prestativos e contribuindo para essa conquista. A todos os alunos que fizeram parte desse meu caminhar. Saudade infinitas das turmas de 2022 do sexto ao nono ano, da escola de ensino fundamental II Francisca Oriá Serpa, meus eternos alunos. Obrigada por me fazerem amar cada vez mais à docência. Agradeço aos meus pequenos, Alice e Gabriel (afilhados) por me ensinarem sobre o amor puro e verdadeiro. E por fim, quero agradecer à minha família, minha base, meu orgulho, minha mãe, irmãs, irmão e sobrinha. Aos amigos que ganhei durante toda a minha jornada acadêmica, e em especial Edna Monteiro pelo companheirismo e apoio incondicional de sempre.

RESUMO

Partindo da linha de pesquisa em Ensino e Aprendizagem em Artes com ênfase nas Artes Visuais e Educação Patrimonial, apresento uma proposta metodológica para o Ensino Fundamental II, a partir da exploração dos bens integrados de origem sacra da Igreja matriz e do Museu São José de Ribamar no Centro Histórico de Aquiraz. Esta é uma pesquisa com abordagem autobiográfica e qualitativa, que traz em sua problematização uma reflexão sobre o meu percurso no despertar para a docência e como se dá essa relação comigo, com o outro e com o Patrimônio Cultural. Dessa forma busquei refletir sobre o meu percurso enquanto artista/ professora/ pesquisadora. Assim, percebi que minhas vivências, experiências e o Centro Histórico da cidade estão interligados e que ao se tornarem objetos de estudo e análise, podem contribuir com a formação dos discentes, enquanto sujeitos sensíveis, criativos, afetivos e críticos. Com isso, o objetivo geral deste estudo propõe discutir vivências em sala de aula a partir do Patrimônio Cultural de Aquiraz por meio do Ensino de Artes Visuais. Desse modo, pretendo contribuir instigando os educandos a despertar o sentimento de preservação e valorização dos bens patrimoniais da cidade a partir de um pensamento crítico e atuante sobre o meio em que vivem. Apresento como produto final um livro didático com abordagem específica em Ensino de Artes visuais e Arte Sacra, utilizando meios digitais para proporcionar acesso virtual ao acervo da Igreja e do Museu. Assim, esta pesquisa se justifica pela capacidade de desenvolver novos conhecimentos dentro de um processo de interdisciplinaridade, bem como incitar nos estudantes o entendimento do meio em que vivem e o resgate da sua identidade. Dessa forma é possível que aprendam a observar, a pensar e sentir o Patrimônio Cultural da cidade de maneira afetiva. Conhecer a história do lugar é fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, para isso faço um breve apanhado da história de Aquiraz, a partir dos estudos de (FARIA, 2010), (GIRÃO, 1984), (PAIVA, 2011), (SOUZA, 2004), (STUDART, 2004), entre outros. Para melhor compreender o conceito de monumentos históricos e educação patrimonial, valorizo os achados de (CHOAY, 1999) e (HORTA ET AL. 1999). Destaco a contextualização e análise dos objetos de arte sacra, relacionando esse repertório com os conceitos de (ARAÚJO JUNIOR, 2019) e (IPHAN, 2014). O embasamento para discussão sobre o ensino de arte e aprendizagem se deu por meio da Abordagem triangular de

(BARBOSA, 2010), da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (BRASIL/MEC, 2018), do Documento Curricular Referencial do Ceará – DCRC, (CEARÁ, 2021) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de artes – PCN artes, (BRASIL/MEC, 1998). O suporte metodológico que constituiu esta pesquisa autobiográfica e qualitativa, teve como aporte teórico (PASSEGI, 2021), (NUNES, 2015) e (JOSSE, 2010). E pôr fim a pesquisa de campo, que se constituiu no registro fotográfico das peças do acervo da Igreja Matriz e do Museu Sacro São José de Ribamar.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Patrimônio Cultural; Centro Histórico; Aquiraz

RÉSUMÉ

Sur la base de la ligne de recherche sur l'enseignement et l'apprentissage des arts, avec un accent sur les arts visuels et l'éducation au patrimoine, je présente une proposition méthodologique pour l'école primaire II, basée sur l'exploration des biens intégrés d'origine sacrée de l'église mère et du musée São José de Ribamar dans le centre historique d'Aquiraz. Il s'agit d'un projet de recherche qualitatif autobiographique, dont la problématisation inclut une réflexion sur mon parcours pour devenir enseignante et sur la manière dont cette relation avec moi-même, avec les autres et avec le patrimoine culturel se construit. J'ai ainsi cherché à réfléchir sur mon parcours en tant qu'artiste/enseignant/chercheur. Je me suis ainsi rendu compte que mes expériences et le centre historique de la ville sont interconnectés et que lorsqu'ils deviennent des objets d'étude et d'analyse, ils peuvent contribuer à l'éducation des étudiants en tant que sujets sensibles, créatifs, affectifs et critiques. Dans cette optique, l'objectif général de cette étude est de discuter des expériences de classe basées sur le patrimoine culturel d'Aquiraz à travers l'enseignement des arts visuels. De cette manière, j'ai l'intention d'aider les étudiants à éveiller un sens de la préservation et de l'appréciation des biens patrimoniaux de la ville, basé sur une pensée critique et active de l'environnement dans lequel ils vivent. Mon produit final est un manuel avec une approche spécifique de l'enseignement des arts visuels et de

l'art sacré, utilisant les médias numériques pour fournir un accès virtuel aux collections de l'église et du musée. Ainsi, cette recherche se justifie par la capacité à développer de nouvelles connaissances dans le cadre d'un processus d'interdisciplinarité, ainsi qu'à encourager les étudiants à comprendre l'environnement dans lequel ils vivent et à retrouver leur identité. Ils peuvent ainsi apprendre à observer, à réfléchir et à ressentir le patrimoine culturel de la ville de manière affective. La connaissance de l'histoire du lieu est une source primordiale de connaissance et d'enrichissement individuel et collectif. Pour ce faire, je rappelle brièvement l'histoire d'Aquiraz, en me basant sur les études de (FARIA, 2010), (GIRÃO, 1984), (PAIVA, 2011), (SOUZA, 2004), (STUDART, 2004), parmi d'autres. Pour mieux comprendre le concept de monuments historiques et d'éducation au patrimoine, je valorise les conclusions de (CHOAY, 1999) et (HORTA ET AL. 1999). Je souligne la contextualisation et l'analyse des objets d'art sacré, en reliant ce répertoire aux concepts de (ARAÚJO JUNIOR, 2019) et (IPHAN, 2014). La base de la discussion sur l'enseignement et l'apprentissage de l'art était l'approche triangulaire de (BARBOSA, 2010), le socle commun du programme national - BNCC, (BRASIL/MEC, 2018), le document référentiel du programme du Ceará - DCRC, (CEARÁ, 2021) et les paramètres du programme national pour les arts - PCN arts, (BRASIL/MEC, 1998). Le support méthodologique qui a constitué cette recherche autobiographique et qualitative a eu comme contribution théorique (PASSEGI, 2021), (NUNES, 2015) et (JOSSO, 2010). Enfin, la recherche sur le terrain a consisté en des enregistrements photographiques des objets de la collection de l'Église Mère et du Musée Sacré de São José de Ribamar.

Mots-clés : Enseignement des arts visuels ; Patrimoine culturel ; Centre historique ; Aquiraz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Trilha na serra da Pacatuba.....	12
Figura 2- Registros da infância	5
Figura 3- Estudo de natureza-morta	12
Figura 4- primeira pintura em tecido.....	15
Figura 5- Em cima pintura em tecido com carimbo; à direita pintura em tecido com estêncil; a baixo técnica do Batik, à esquerda bastidor	18
Figura 6- Primeira pintura em tela.....	21
Figura 7- Pintura em parede	25
Figura 8- Pinturas engenhoca parque	27
Figura 9- Laboratório de pintura e gravura do Graduação em Artes Visuais do IFCE.	31
Figura 10-Cartazes e aberturas de exposições.....	33
Figura 11- Abertura da exposição Guerreiras ou Artistas?	36
Figura 12- Entrevista para Tvc e jornal O Povo	38
Figura 13- Trabalhos apresentados nas exposições.....	40
Figura 14-Texto de aluno após aula de Artes Visuais	46
Figura 15- Texto sentido de aluno nas aulas do estágio	47
Figura 16-Texto sentido de aluno após aula de arte	48
Figura 17- Releitura da obra, O caracol de Henri Matisse.....	51
Figura 18- Oficina de Artes visuais e Patrimônio Cultural	61
Figura 19- Identificação das linhas nos prédios históricos e pintura com cores análogas e complementares.....	62
Figura 20- Personagens criados na oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural	65
Figura 21- Histórias em quadrinhos produzidas na Oficina de Artes e Patrimônio Cultural	66
Figura 22- Aulas de arte com alunos do ensino fundamental II, em escola pública de Fortaleza	72
Figura 23-Fachada da igreja matriz de Aquiraz, Ruínas dos jesuítas, Portão principal do mercado das artes, Fachada do museu sacro São José de Ribamar.....	74
Figura 24- Mercado das artes, Igreja Matriz, fachada e parte interna, Ruínas dos jesuítas, Casa do capitão-mor, Fachada do Museu Sacro São José de Ribamar.....	79
Figura 25- Fachada da Igreja Matriz, São José de Ribamar	82
Figura 26- Fachada do museu sacro São José de Ribamar	86
Figura 27- Retábulo da igreja São José de Ribamar	92

Figura 28- Análise estrutural do retábulo do antigo Colégio dos Jesuítas. Imagens retiradas do livro Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, de Sandra Alvim. Pag. 63. Desenho 14.	94
Figura 29- Púlpito da igreja Matriz São José de Ribamar	95
Figura 30- Imagem de púlpito. Ilustração retirada do livro Glossário de Arquitetura e Ornamentação, de Affonso Ávila. Pag. 168. Desenho 51, elaborado por João Marcos Machado Gontijo.....	96
Figura 31- Painel do teto da igreja matriz São José de Ribamar	97
Figura 32-Forro de caixotão. Imagem retirada do livro Introdução ao Barroco Mineiro, de Adalgisa Arantes.	99
Figura 33- Escultura de anjo, pertencente a igreja Matriz São José de Ribamar	100
Figura 34- Escultura de anjo na Igreja Matriz de Aquiraz	103
Figura 35- Capa da revista do curso prático de desenho	105
Figura 36- Caderno de atividade da professora.....	108
Figura 37- Estudantes contemplando o trabalho da aula prática.....	114
Figura 38- O ensino de arte	117

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLAV	Curso de Licenciatura Em Artes Visuais
DEPAC	Departamento de Preservação do Patrimônio Cultural
DCRC	Documento Curricular Referencial do Estado do Ceará
ICOM	Comissão Internacional de Museus
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

Sumário

OS CAMINHOS PERCORRIDOS CRIAM HISTÓRIAS ÚNICAS.....	1
1 Memórias, lugares, momentos e sensações	6
1.1 A pintura contempla um ato de liberdade.....	14
1.2 A pintura mural orna os espaços e transmite uma mensagem.....	23
1.3 Cada experiência nos prepara para um próximo estágio da vida	28
2 CADA PONTO DE CHEGADA ABRE CAMINHO PARA UMA NOVA PARTIDA	41
2.1 Experiências e vivências no Estágio	44
2.2 Qualquer lugar pode ser um espaço de aprendizagem	59
2.3 O desafio da sala de aula	66
3 A PRIMEIRA CAPITAL DO CEARÁ	75
3.1 Igreja Matriz São José de Ribamar	80
3.2- Museu sacro são José de Ribamar	84
3.3 Arte Sacra	89
4- NARRO A MIM MESMA, POIS SOU O ASSUNTO QUE MELHOR CONHEÇO.	104
Considerações finais	118
REFERÊNCIAS	120
Apendice.....	123



Fonte: Arquivo pessoal- 2019

Figura 1- Trilha na serra da Pacatuba

OS CAMINHOS PERCORRIDOS CRIAM HISTÓRIAS ÚNICAS

Se a mente não possuísse o poder de entesourar e recordar suas experiências passadas, nenhum conhecimento de qualquer tipo poderia ser adquirido. Se todo pensamento ou emoção sumisse por completo da mente no momento em que deixasse de estar presente seria como se não houvesse existido, e não poderia ser reconhecido ou nomeado caso voltasse a acontecer. Uma pessoa assim não estaria apenas sem conhecimento - sem experiência acumulada do passado -, mas também sem propósito, objetivo ou plano a respeito do futuro, pois esses implicam conhecimento e requerem memória. (Kay, 1995 APUD Atkinson, 2022, p 08).

A existência de um ser humano se faz por meio de entrelaces de acontecimentos e de vivências que vão delineando e configurando as experiências dos sujeitos. A memória é a responsável por desempenhar esse papel, é ela que vai construindo nossa individualidade, deixando registros e impressões do que foi vivido e assim vai traçando caminhos que nos levarão para o próximo estágio da vida. A memória não se faz importante apenas no aprendizado de quem estuda, mas também para a inspiração de um artista, para a genialidade de um professor, ou até mesmo para um pesquisador mostrar sua capacidade criativa e investigativa. Quando iniciei esta pesquisa, tive a sensação de tomar posse da minha própria história, e isso me levou a refletir sobre o percurso que ficou gravado na construção da minha trajetória existencial.

A vida não é pré-fabricada, ela vai se edificando nos ensinamentos, nas aprendizagens, nos experimentos, no convívio com o outro e na relação com os espaços, afim de se transformar, gerar conhecimentos e valores necessários que possam atender as aspirações da vida. No intuito de construir uma narrativa a partir do que vivi, fiz uma analogia entre as minhas memórias e o caminhar, designando as etapas da vida como percursos que precisei trilhar para conquistar objetivos e vencer desafios. Momentos, lugares e sensações que estavam guardadas nos meus arquivos mentais, foram ressurgindo. Desde a minha relação com o centro histórico de Aquiraz ainda na infância, passando pelos primeiros desenhos e pinturas, até chegar as galerias de arte. E talvez a mais árdua das experiências, a renúncia à docência, e como se deu a superação desse momento na minha vida. Nesse instante pude ver que mesmo fragmentados todos os passos se mostraram fundamentais para iniciar minha caminhada rumo ao lugar onde estou hoje, enquanto artista/professora/pesquisadora.

O processo de entendimento e descoberta do eu, vai esculpindo os sujeitos e influenciando suas escolhas, decisões, pensamento crítico e a compreensão de si mesmo. A educação é terreno fértil para construção dessas novas mentalidades e descobertas. Assim, acredito que a escola é um espaço possível de despertar e resgatar a identidade dos indivíduos. Diante dessa premissa considero como justificativa para a relevância desta pesquisa o diálogo entre Artes Visuais e o Patrimônio Cultural como um processo permanente e sistemático, capaz de propor uma aprendizagem significativa e promover a produção de novos saberes, de autoconhecimento e de valorização cultural por parte dos estudantes. Portanto, apropriar-se dos monumentos históricos, que tanto denotam significados políticos, econômicos, sociais, quanto visuais, emocionais e afetivos, é uma forma de torná-los um recurso didático que ao mesmo tempo em que produz o aprendizado, estimula o sentimento de pertencimento, o pensamento crítico, despertando assim a sensibilidade para admirar, respeitar e compreender sua cultura.

Sugerir uma estratégia de ensino capaz de incentivar a apropriação, a valorização, a compreensão estética e reflexiva sobre o Patrimônio Cultural da cidade é uma possibilidade de construir um novo entendimento dentro do contexto artístico e cultural desse lugar. Refletindo sobre meu percurso enquanto professora de Artes visuais, percebi que minhas vivências, e experiências se interligam com o Centro Histórico de Aquiraz e se tornam objetos de estudo desta pesquisa. Consequentemente, essas experiências podem vir a contribuir com o aprendizado dos discentes enquanto sujeitos sensíveis, criativos, afetivos e críticos. Nessa perspectiva, levanto a seguinte questão norteadora da pesquisa: Como minhas experiências enquanto professora de Artes visuais podem contribuir com o Ensino de Arte nas escolas públicas do município de Aquiraz a começar pelo Fundamental II? Partindo desse questionamento defino como objetivo geral da pesquisa, um diálogo entre as minhas vivências no ensino de Artes Visuais e o Patrimônio Cultural de Aquiraz e assim instigar nos estudantes o resgate de sua identidade e o despertar para um pensamento crítico e atuante no meio em que vive. Para atingir o objetivo geral sigo com a definição dos objetivos específicos:

- Colaborar com o ensino de Artes Visuais nas escolas públicas do município de Aquiraz e contribuir com a formação dos discentes, enquanto sujeitos sensíveis, criativos, afetivos e críticos.

- Instigar estudantes e professores a despertarem o sentimento de preservação e valorização dos bens patrimoniais da cidade.

- Produzir um livro didático, em formato e-book, para apoiar e motivar os professores com conteúdo, ideias e apontamentos a serem abordados em sala de aula, disponibilizando códigos de acesso para interações virtuais com os monumentos históricos.

A fundamentação teórica deve servir de base para a análise e interpretação dos dados coletados e discussão final da pesquisa. Dessa forma, as informações apresentadas serão interpretadas à luz das teorias existentes, fundamentando-se nos escritos de alguns autores, os quais descrevo a seguir. O embasamento teórico para apoiar os escritos sobre autobiografia partiu de (PASSEGI, 2021), (NUNES, 2015), (JOSSO, 2010) E (MORIN, 2010). A história da Igreja Matriz, do Museu Sacro de Aquiraz, conceitos de Patrimônio Cultural, contou com os estudos de (FARIA 2010), (GIRÃO 1984), (PAIVA 2011), (SOUZA 2004), (STUDART 2004), (CHOAY 1999) e (HORTA ET AL. 1999), respectivamente. A combinação harmoniosa e lógica, apresentando uma infinidade de detalhes históricos, são favoráveis para uma compreensão integral do nosso passado. (ARNHEIM 1997), (GOETHE 1993), (OSTROWER 2004) e (WÖLFLLING 2006) fundamentaram as concepções sobre elementos visuais, desenho, pintura e escultura. Ao contrário de palavras a linguagem visual não tem significado predefinido, no entanto ao entrarem em um contexto formal podem dizer tudo. E para os conceitos de arte sacra, (BELL 2007), (FABRINO 2012), (IPHAN 2014), (GOMBRICH 2000) e (ARAÚJO JUNIOR 2019), a Arte Sacra, documenta, identifica e demonstram a sensibilidade de artistas que por aqui passaram e deixaram registrado em seus trabalhos sua visão de mundo. Para a argumentação sobre Abordagem Triangular e Ensino de Arte, utilizei as definições de (BARBOSA 2010), (FERRAZ E FUSARI 2009) e (PIMENTEL 2010), já que afirmam que o Ensino de Arte é uma possibilidade de aprendizado para apreciar e refletir sobre as criações artísticas. Para a análise documental busquei a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (BRASIL/MEC, 2018), Documento Curricular Referencial do Ceará – DCRC, (CEARÁ, 2021) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de artes – PCN artes, (1998). Esses documentos oficiais servem de norteamento para a inserção e o desenvolvimento do componente curricular Arte em sala de aula.

A metodologia desta pesquisa traz uma abordagem autobiográfica e qualitativa por entender que a capacidade do sujeito de constituir uma narrativa a partir de si mesmo, de suas experiências, erros, acertos e aprendizagens é fundamental no processo de formação da sua subjetividade e do perfil profissional. (PASSEGI 2021), diz que as abordagens biográficas diante da ação de narrar estimulam o sujeito a refletir sobre as experiências vividas ao dar sentido a elas e reconstitui uma versão de si mesmo ao repensar sua relação com o mundo. Aqui sou autora, narradora e personagem. Reconstitui as diferentes fases da minha vida, da menina que descobria os espaços da cidade, passando pela adolescente que sentia a arte pulsar dentro de si, chegando a mulher, artista/professora/pesquisadora que sou hoje.

Esta pesquisa apresenta quatro capítulos, onde no primeiro narro a minha trajetória desde os primeiros contatos com o Centro Histórico de Aquiraz, até o meu processo de formação, enquanto artista/professora/pesquisadora. Trago a primeira pintura em tecido e em tela e o meu início na pintura mural, até os dias atuais. No capítulo seguinte, apresento meu percurso em sala de aula, minhas vivências, experiências e superações, assim como minha visão e compreensão do que é ser professora de Arte, hoje. O terceiro capítulo traz a história de Aquiraz, o conceito de Patrimônio Cultural, de Monumentos Históricos e de Arte Sacra. Concepções que podem ser definidas como bens integrados a partir das pinturas de forros, pintura de parede, molduras esculpidas, retábulo, púlpitos, pias de batismo e de água benta, portas, conjuntos escultóricos fixos, fontes, chafarizes, cruzeiros, pelourinhos, entre outros. No quarto capítulo, apresento a metodologia utilizada na pesquisa, as estratégias aplicadas, o tipo de pesquisa, métodos e técnicas empregadas e as experiências e os achados nas aulas de Artes Visuais, tanto dentro do espaço escolar, quanto fora dele. Exponho ainda as etapas da produção do livro didático, discutindo os conceitos de Ensino de Arte dentro da perspectiva abordada pelos documentos oficiais de ensino básico nacional. Onde veremos que ao conhecer a arte o aluno desenvolve uma nova visão para uma melhor compreensão de mundo, integrando múltiplos sentidos fundamentais na construção da sua identidade e da consciência de participação na sociedade. Nas considerações finais exibe-se os achados da pesquisa e a experiência da produção do livro didático. Abaixo a figura 2, mostra momentos da infância.



Fonte: Álbum de família- 1980 a 1989

Figura 2- Registros da infância

1 MEMÓRIAS, LUGARES, MOMENTOS E SENSACÕES

... narrar é preciso! Para não enclausurar, sacralizar, o passado. Para alargar o presente. E sobretudo nos constituirmos em devir. Essas são marcas de reflexividade narrativa fundantes de nossa condição biográfica, a de seres narradores, que encadeiam, temporalmente, acontecimentos, presentes, passados e futuros num enredo com começo, meio e fim... (Passegi, 2021, p 104)

Nasci e vivo atualmente na Primeira Capital do Ceará! Desde muito pequena escutava minha mãe e minha avó falar com toda satisfação e orgulho de terem nascido na “Primeira Capital do Ceará”, título dado a Aquiraz no período da colonização portuguesa. Quando penso no que deu origem a esse sentimento de amor e orgulho por ter nascido aqui, lembro da fala delas. Esse afeto não poderia vir de outro lugar se não do seio familiar. Ao ver e ouvir aquelas mulheres, por quem tenho amor e admiração se orgulharem do lugar onde viviam/vivem, emanou do meu ser a mesma afeição, talvez com mais intensidade. (LEHRER, 2011, APUD PASSEGI 2021, p. 104), diz que as lembranças da infância são uma flutuação da memória, entre a impressão do que foi vivido e o sentido que queremos, podemos, desejamos ou sabemos atribuir a elas. Logo, esse ato de rememoração nos transforma e nos leva a pensar que a memória, a experiência vivida e a consciência de si estão intrinsecamente vinculadas à reflexividade narrativa.

Aqui começa meu percurso narrativo. Alguns fatos narrados vieram à tona a partir do momento em que revisei os álbuns de família, quando sentei e conversei com minha mãe, durante as visitas que fiz ao centro histórico nas manhãs de domingo. No caso das fotografias, elas foram me ajudando a reconstruir memórias afetivas, permitindo resgatar acontecimentos de um período remoto. Durante as conversas as imagens das cenas iam surgindo em minha mente. Já as visitas ao centro histórico me lembraram do quanto sou apaixonada por Aquiraz, por sua história, suas belezas naturais, sua cultura e em especial pelos prédios históricos. (PASSEGI, 2008) afirma que ao ato de falar sobre si, implica em pensar sobre o que falar, a memória seleciona aquilo que para ela ficou como significativo. Para mim, refletir sobre minhas experiências de vida é compreender minha própria existência, minha identidade, é poder estar aberta para mim, para o outro e para o mundo.

Nas lembranças do centro histórico uma imagem surgiu muito viva em minha memória. A pracinha arborizada, os bancos de concreto, crianças brincando, o coreto¹ no meio da praça, o carrinho do pipoqueiro, o sino batendo anunciado a missa, os fiéis chegando, pessoas se encontrando. Uma das lembranças mais vivas que tenho e que diz respeito a Igreja Matriz São José de Ribamar, são as imagens sacras, uma delas desperta minha atenção até hoje, a escultura de São Miguel Arcanjo². Quando criança, com meus seis, sete anos de idade ficavam paralisada enfrente a escultura. Mas o que aquela imagem despertava em mim? Que sensações aquela escultura sacra provocava? Além da percepção estética³ que primeiro chegavam aos meus olhos, as cores das vestimentas, a armadura prateada, as longas asas e a grande lança afiada apontando para a cabeça do inimigo. Eu via também a beleza angelical, um exemplo de valentia, de coragem, um anjo do bem pronto para combater o mal, logo uma sensação de proteção surgia em mim., Como podemos ver na figura 3, a seguir.

¹ Coreto: pavilhão erigido em praças ou jardins públicos, para concertos musicais.

² São Miguel Arcanjo: Miguel (em hebraico: מִיכָאֵל (Micha'el ou Mīkhā'ēl; em grego: Μιχαήλ, Mikhaél; em latim: Michael ou Mīchaël; em árabe: ميخائيل, Mīkhā'il) é um arcanjo nas doutrinas religiosas judaicas, cristãs e islâmicas. Os católicos, anglicanos, ortodoxos e luteranos se referem a ele como Arcanjo Miguel ou simplesmente como Miguel. É sincretizado nas religiões afro-brasileiras com o orixá Exu. Em Pernambuco, é sincretizado com o orixá Oxóssi. Em hebraico, Miguel significa "aquele que é similar a Deus" (Mi-"quem", kha-"como", El-"Deus"), o que é tradicionalmente interpretado como uma pergunta retórica: "Quem como Deus?" (em latim: Quis ut Deus?), para a qual se espera uma resposta negativa, e que implica que ninguém é como Deus. Assim, Miguel é reinterpretado como um símbolo de humildade perante Deus. Na Bíblia Hebraica, Miguel é mencionado três vezes no Livro de Daniel, uma como um "grande protetor que defende o povo de Deus" «Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta a favor dos filhos do teu povo; » (Daniel 12:1). A ideia de Miguel como um advogado de defesa dos judeus se tornou tão prevalente que, a despeito da proibição rabínica contra se apelar aos anjos como intermediários entre Deus e seu povo, Miguel acabou tomando um lugar importante na liturgia judaica. Em Apocalipse 12:7–9, Miguel lidera os exércitos de Deus contra as forças de Satã e seus anjos e os derrota durante a guerra no céu.

³ Estética: Estética (do grego *aisthēsis*: percepção, sensação, sensibilidade) é um ramo da filosofia que tem por objetivo o estudo da natureza, da beleza e dos fundamentos da arte. Ela estuda o julgamento e a percepção do que é considerado beleza, a produção das emoções pelos fenômenos estéticos, bem como: as diferentes formas de arte e da técnica artística; as ideias de obra, de arte e de criação; a relação entre matérias e formas nas artes. Por outro lado, a estética também pode ocupar-se do sublime, ou da privação da beleza, ou seja, o que pode ser considerado feio, ou até mesmo ridículo.



Fonte: Arquivo pessoal-2024

Figura 3- Escultura de São Miguel Arcanjo

No espaço que compreende todo o Centro histórico, muitas coisas aconteciam, casais de namorados se encontravam, crianças corriam, pessoas praticavam esportes, os fiéis rezavam, os comerciantes vendiam seus produtos. No entanto com o passar dos anos, esse local foi se tornando vazio e perdendo o dinamismo dos tempos passados. Hoje a praça da Igreja Matriz apresenta um cenário de abandono. Do coreto só restou parte da estrutura de alvenaria; dos bancos restam dois ou três; plano de arborização não existe, e pouco se vê manutenção com algumas plantas e árvores que ainda resistem. Tudo isso me causa um sentimento de descontentamento com o poder público da cidade que ignora a importância de oferecer um ambiente agradável e cuidado para a população da cidade. Outro fato está me causando indignação com os prédios do centro histórico, trata-se da permanência de portas fechadas do museu desde o início da pandemia em 2019. Desconheço o real motivo desse procedimento. Já o mercado das artes quase em ruínas, atualmente se encontra em reforma. Mas para isso acontecer foi preciso que parte do teto desabasse. No entanto, por ser um bem tombado as autoridades públicas têm a obrigação de reparar os danos e manter a estrutura edificada preservada.

Aquiraz é uma cidade com grande potencial turístico, tanto cultural, quanto eco turístico, porém falta investimento das autoridades para atrair visitantes em direção ao Centro histórico da cidade. Percebo que há uma preocupação do poder público em atrair grandes construtoras para investir na especulação imobiliária na orla marítima da cidade, prática que não para de crescer. Enquanto isso o centro histórico do município fica abandonado, infelizmente. (CHOAY 1999), diz que os monumentos históricos são testemunhos irreparáveis da história de um lugar. São eles que constroem a multiplicidade de histórias, de políticas, de costumes, de arte, de técnicas e servem para investigação intelectual e formação profissional, além de introduzir uma pedagogia geral, onde os cidadãos dotados de uma memória histórica e mobilizados pelo sentimento de orgulho, desenvolvem uma memória afetiva e viva.

Continuando a viagem pelas lembranças da memória, volto a minha infância. Ser criança é poder experimentar e viver fantasias. Uma hora sou super-heróina, posso voar, tenho superpoderes, daqui a pouco sou uma dançarina, cantora, atriz, professora, desenhista, pintora, enfim, a imaginação de uma criança não tem limites, assim é possível ser o que quiser ser. É nesse momento do brincar que a criança vai se descobrindo,

e expressando seus sentimentos, as sensações e percepções de mundo. (FUSARI 2009), diz que a expressão infantil é a externalização das manifestações interiores e é ela quem irá formar o repertório da criança constituído de elementos cognitivos e afetivos.

Sempre gostei de pintar, lembro de colorir todas as figuras dos cadernos de atividade que vinham sem preenchimento de cor, era meu passa tempo preferido, eu perdia a noção do tempo no vai e vem do lápis, no colorido que ia surgindo e completando o espaço do desenho. Aqueles cadernos de atividade eram para mim o que são hoje os livros de pintura terapêutica para adultos, me sentia muito bem ao pintá-los. Deitada no chão da sala, ou sentada a mesa, ficava deslumbrada com o colorir. Enquanto a pintura me fazia relaxar o desenho me deixava intrigada, pois para mim, o ato de desenhar exigia mais habilidade e técnica do que a pintura naquele momento. Sem o conhecimento de técnicas para aprender a ver, traçar uma linha ou criar uma forma com precisão, ficava difícil. Porém, hoje, com o advento da internet, romper essas dificuldades é mais fácil, pois o acesso para uma diversidade de materiais e dicas de como fazer facilita a reprodução de imagens e ajudam muito no processo criativo do artista. Então, diante das frustrações e das dificuldades comecei a pensar que reproduzir desenhos não era para mim. Talvez esse tenha sido o ponto inicial da minha insegurança, em relação ao meu fazer artístico por tanto tempo.

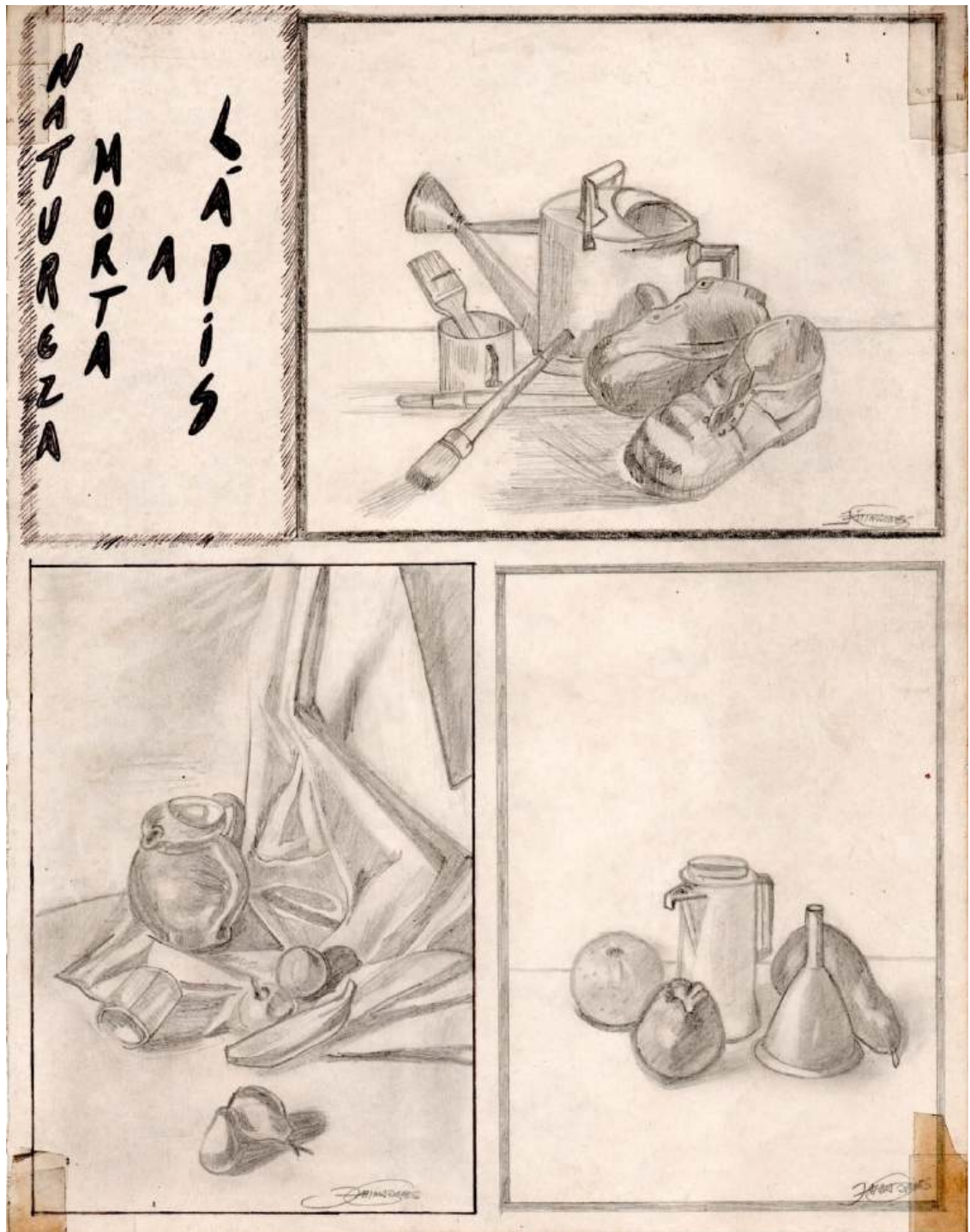
Contudo não consegui abandonar totalmente o desejo de aprender a desenhar. Comprei revistas que ensinavam técnicas de desenho, atentei para os tipos de materiais adequados e comecei a treinar, seguindo cada passa a passo. Produzia e guardava para mim. Aos poucos fui percebendo que era uma questão de seguir as regras e treinar. Já o desenho intuitivo era diferente, despertava um certo prazer, pois me deixava livre da obrigação de seguir uma técnica, era só o movimento da mão conduzindo o lápis para fazer surgir linhas e formas, logo a responsabilidade de reproduzir uma imagem com precisão não existia. A intuição de certa forma é uma oportunidade de explorar ainda que inconscientemente a criatividade, e aguça a imaginação nos levando para um caminho de descobertas.

No campo da visualidade o essencial é o desenvolvimento da visão (FUSARI, 2009), diz que, é a visão que faz conhecer todas as principais qualidades dos objetos e nos ajuda a discriminá-las. Mas, tudo o que vemos é de fato real? Sabemos que tudo é uma questão de ângulo, ou seja, o ponto de onde observamos um objeto pode

influenciar a nossa percepção. A distância interfere no tamanho, assim como a posição do objeto no espaço ou a luz que incide sobre ele intervém na forma como vemos esses elementos. No entanto, um artista ao construir sua representação de mundo, tem propriedade para distorcer a realidade, utilizando muitas vezes intuição e técnica ao mesmo tempo. Dispor desse entendimento anteriormente, teria me livrado dos desapontamentos com o desenho. Mas acredito que tudo o que foi vivido a princípio, serviu de aprendizagem, e contribuiu para o meu desenvolvimento enquanto artista, sendo este o meu maior estímulo para aprender cada vez mais, e não desistir. Afinal toda mudança é precedida pelo caos.

Voltando a minha narrativa, lembrei de um momento da adolescência que ilustra muito bem a arte se apresentando dentro de um cenário onde o meu fazer artístico era bastante espontâneo. Comprei lápis de cera, cartolinas e pinteí. Fiz várias pinturas. Somente cor em contraste, na verdade não sabia que se denominavam pinturas abstratas⁴. Colei tudo na parede da sala e fiquei contemplando como se estivesse expondo em uma galeria. Eram pinturas criadas intuitivamente, a expressão mais pura do meu sentir, tal qual uma criança que rabisca uma superfície e deposita ali sinais da expressão mais legítima do seu ser. Eu não entendia por que aquela vontade de pintar era tão forte. Hoje compreendo que aquele impulso era a arte pulsando em mim, tentando me mostrar o caminho a seguir. Porém, demorei um pouco para entender e valorizar isso. Para (VYGOTSKY 1989), aprender é um processo de conhecimento, habilidades e valores, que englobam o intercâmbio ativo do indivíduo com o mundo cultural em que está inserido. Dessa forma entende-se a aprendizagem como um processo múltiplo e participativo, que se constitui em cada época por suas características próprias, onde o sujeito aprende não por um ato mecânico, mas pela curiosidade, atenção, instinto investigativo e coragem para se desafiar no novo. Abaixo na figura 4, estudo de natureza-morta com lápis grafite.

⁴ Pinturas abstratas: Ausência de objetos reconhecíveis; Arte subjetiva; Oposição ao modelo renascentista e à arte figurativa; Valorização de formas, cores, linhas e texturas.



Fonte: Arquivo pessoal-1998

Figura 3- Estudo de natureza-morta

Acreditar e persistir no sonho é uma possibilidade de torna-lo possível de ser alcançado. Por volta dos dezessete anos, participei de um projeto da Universidade Estadual do Ceará - UECE, que disponibilizava oficinas de pintura para a população jovem de Aquiraz. Esse foi o primeiro e único curso de pintura que fiz antes de ingressar na Licenciatura em Artes Visuais anos depois. A oficina durou uma semana, as aulas eram divididas em abordagens distintas, a cada dia trabalhávamos uma técnica de pintura diferente. Aprendi pintura em tecido, pintura em tela, pintura em madeira e em peças de barro. Esse talvez tenha sido o início do despertar da consciência para a construção da minha trajetória enquanto artista visual. Defino-o, portanto como o ponto de partida para caminhar de encontro com meu fazer artístico. Posteriormente a esse aprendizado, se inicia uma abertura para o novo, a partir do forte desejo de produzir pinturas e desenhos.

Diante dos mais variados suportes experimentei as cores e as formas, reproduzindo objetos, a natureza e as pessoas. Contudo não sentia segurança para mostrar meu trabalho ao mundo, ou seja, usá-lo como fonte de renda. Poucos tinham acesso, somente família e amigos mais íntimos. Por mais que as pessoas elogiassem eu não conseguia acreditar em meu potencial artístico. Relaciono isso à frustração que senti na infância por não ter acesso as técnicas adequadas para reproduzir um desenho. Talvez o medo de me expor se fez presente em forma de insegurança, me impedindo de confiar na minha capacidade criativa. Buscava sempre uma desculpa para justificar meu medo, uma delas era que as pinturas e desenhos precisam de algo a mais.

Demorou muito para que eu entendesse o que estava bloqueando meu desenvolvimento enquanto artista. Primeiramente precisei aprender a acreditar nas minhas habilidades e competências. Isso só foi possível quando comecei a praticar e experimentar técnicas de pintura e desenho com determinação e a lançar um olhar crítico sobre meus trabalhos. Acredito que o primeiro a fazer uma crítica da arte produzida deve ser o próprio artista. Assim fui ganhando confiança e a insegurança foi se dissolvendo aos poucos, e por fim, entendi que existia um anseio por mais conhecimento e segui sempre buscando aprender mais sobre essas duas linguagens das artes visuais que tanto me fascinam, o desenho e a pintura. Os amigos e a família foram um apoio fundamental para não me deixar desistir, cada elogio era um incentivo, um estímulo.

1.1 A pintura contempla um ato de liberdade.

Diferente de alguns pintores que se dedicam a um tipo particular de pintura para atingirem a excelência em suas composições, não me limitei a uma única técnica, nem mesmo a um gênero, gosto de explorar novas possibilidades com a pintura e me desafiar em diferentes temas. Geralmente encontrar um pintor que trata de todos os gêneros da pintura, é algo raro de se ver, contudo não é impossível. Muitos artistas se especializam em uma tendência, que pode ter influência dos lugares, da cultura ou da história pelas quais vivenciaram algum tipo de experiência. Porém fechar-se em um único tema pode demonstrar uma certa limitação e acomodação, considero relevante vencer a negligência e continuar experimentando novas possibilidades e seguir avançando. (LINCHENSTEIN 2006), relata um pensamento de Leonardo da Vinci⁵ dizendo que não é de grande feito um artista que estuda uma única coisa durante toda a sua vida, alcançar a perfeição, já que só sabe fazer bem a mesma figura, o que parece bem pobre, na visão do artista renascentista.

A pintura abrange e contempla todas as coisas que a natureza produz, portanto não é interessante prender-se em um tema apenas. Em seguida apresento uma das primeiras técnicas de pintura que aprendi, a pintura em tecido, tendo como tema florais o que poderia se caracterizar como um modesto exemplo de uma natureza-morta⁶. Como mostra a figura 4.

⁵ Leonardo Da Vinci: Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou simplesmente Leonardo da Vinci (Anchiano, 15 de abril de 1452— Amboise, 2 de maio de 1519), foi um polímata nascido na atual Itália, uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores de todos os tempos e, possivelmente, a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido. Segundo Helen Gardner, historiadora de arte, a profundidade e o alcance de seus interesses não tiveram precedentes e "sua mente e personalidade parecem sobre-humanos para nós, e o homem em si [nos parece] misterioso e distante".

⁶ Natureza Morta: é um gênero artístico que representa objetos estáticos e inanimados, como por exemplo, frutas, flores, louças, instrumentos musicais, livros, utensílios domésticos, entre outros.



Fonte: Acervo pessoal-1997

Figura 4- primeira pintura em tecido

Ao iniciar uma pintura em tecido deve-se começar pelas figuras do fundo da imagem usando primeiramente as cores de tons mais suaves. Assim como qualquer outra técnica de pintura, essa, requer também treino constante, paciência para aguardar a finalização do processo de secagem da tinta e muita determinação para adquirir mais segurança ao manusear os pinceis e os pigmentos. A imagem acima é o registro da primeira pintura em tecido que fiz. Nela utilizei a técnica de pintura a mão livre e carimbo. As flores e galhos pintei a mão livre e as folhagens, usei folhas de plantas naturais como carimbo⁷. Trata-se de uma pintura em tecido de algodão fino, com uma estampa composta por flores desabrochadas e outras ainda em botão, de cor rosa. As folhas e galhos aparecem suavemente em um tom de verde oliva, quase desaparecendo na superfície do tecido, o que caracteriza o uso do carimbo. Esse trabalho foi feito durante a primeira oficina de pintura que participei, aos dezessete anos, no projeto de pintura da UECE, como mencionei anteriormente e se encontra nos guardados de minha irmã até hoje, há exatamente vinte e seis anos.

A pintura em tecido é uma técnica milenar, que tem sua origem na tradição popular de países como, Indonésia, Índia, China, Japão, se espalhando por outros países posteriormente. Na Indonésia essa técnica de pintura era considerada uma arte nobre, pois apenas as princesas e suas damas tinha tempo suficiente para praticá-la de forma detalhada e elaborada. Na Índia a pintura em tecido remonta ao século XI. Na América Latina, a técnica era utilizada pelos povos pré-colombianos para decorar roupas e tecidos. No Brasil a técnica chegou com os colonizadores portugueses e se popularizou principalmente entre as mulheres. Com o transcorrer do tempo a pintura em tecido passou a ser utilizada não somente nos tecidos nobres, mas também na decoração de outras peças do cotidiano doméstico. Existem várias técnicas de pintura em tecido, entre elas estão a pintura a mão livre, técnica mais comum, pintura com carimbo e estêncil e o Batik⁸, originário da Indonésia, onde utiliza-se cera quente para criar os desenhos e depois tingir com pigmentos. Abaixo imagens das técnicas dessas pinturas em tecido.

⁷ Carimbo: A pintura com carimbo é uma técnica bastante fácil de colocar em prática, basta do mergulhar um objeto em tinta e pressioná-lo sobre a base escolhida.

⁸ Batik: forma de expressão artística que consiste em desenhar com cera quente sobre o tecido e em seguida tingi-lo com cores variadas.

Assim como qualquer técnica de pintura, pintar em tecido consiste em saber primeiramente o tipo de material que será utilizado. Nesse caso, usa-se tintas e tecidos específicos para esse fim. Os tecidos mais indicados para pintura manual são os que fixam melhor a tinta, como por exemplo o algodão, o brim, o linho. Já os tecidos com alta porcentagem de fios sintéticos, tal como o nylon e o cetim, não são indicados para essa técnica de pintura, pois a tinta não fixa bem e pode sair facilmente ao serem lavados. Por isso é muito importante conhecer bem o material a ser utilizado na pintura, assim como algumas regras básicas para o momento da ação. Dentre elas estão detalhes que fazem muita diferença no resultado final da pintura. A primeira delas é esticar muito bem o tecido em um bastidor⁹ para bordado ou em uma placa de madeira e por fim esboçar previamente no tecido o desenho escolhido para estampar. Isso pode ser feito por decalque¹⁰, uma técnica que consiste em passar uma imagem, desenho ou pintura, para outra superfície por pressão ou cópia e por fim ter habilidade para manusear as ferramentas de pintura. A seguir na figura 5, exemplos de técnicas de pintura em tecido.

⁹ Bastidor: é um aro de plástico ou de madeira usado para prender bem o tecido e assim ficar mais fácil de bordar ou pintar o tecido. Dessa forma é possível estampar tecidos, criar peças de decoração com muita personalidade. Pode-se usar o tecido que quiser.

¹⁰ Decalque: é um plástico, tecido, papel ou substrato cerâmico que tem impresso nele um padrão ou imagem que pode ser movido para outra superfície em contato, geralmente com o auxílio de calor ou água. A palavra é abreviação de decalcomania, que é a versão em inglês da palavra francesa *décalcomanie*. A técnica foi inventada por Simon François Ravenet, um gravurista da França que mais tarde se mudou para a Inglaterra e aperfeiçoou o processo que chamou de "*décalquer*" (que significa "copiar traçando"); tornou-se difundido durante a mania de decalque ou mania do final do século XIX.



Fonte: <https://br.pinterest.com-2024>

Figura 5- Em cima pintura em tecido com carimbo; à direita pintura em tecido com estêncil; a baixo técnica do Batik, à esquerda bastidor

O termo pintura refere-se à técnica de aplicar pigmento em uma superfície. Que pode ser papel, tela, madeira, parede, entre outras. Sua finalidade é dispor tons, matizes e texturas, em um espaço. A cor é seu elemento fundamental. A pintura é uma das expressões artísticas mais tradicionais que existe, tendo registros desde a pré-história com as pinturas rupestres, chegando aos hiper-realismos na atualidade. A pintura sempre esteve presente nas mais distintas culturas. Na Grécia por exemplo, os registros mais antigos de pinturas datam de 700 a.C., sabe-se pouco acerca do trabalho dos pintores gregos dessa época. Contudo, as pinturas desse período estavam permeadas de características egípcias. Chamadas de estilo geométrico, ilustravam cenas fúnebres em vasos de grandes dimensões usados em túmulos. Por volta de 480 a.C. elas passaram a ser produzidas em vasos menores e com uma temática diferente. Nesse momento da história grega, essas ilustrações narravam mitos e lendas utilizando a princípio um estilo onde a figura principal tinha a silhueta em evidência. Assim ficou conhecida como as figuras em preto, depois foi gradualmente substituída pela técnica de figuras em vermelho, onde o artista explorava as linhas internas do desenho e permitia mostrar o personagem em uma perspectiva equilibrada com detalhes precisos dos trajes e expressões faciais.

Esses trabalhos representavam uma ampla tentativa de compreender o mundo. O enfoque principal estava em explicar a razão pela qual os lendários heróis do passado pareciam incomparavelmente mais grandiosos que os homens do momento presente. A arte grega segue avançando e chega ao estilo clássico, desenvolvendo técnicas ilusionistas de pinturas de paisagens em painéis e murais. Talvez tenha sido a maior inovação desse período, mesmo que ainda deixassem a desejar o domínio das leis da perspectiva. Para (GOMBRICH 2000), os gregos romperam as regras rígidas da pintura oriental e enveredaram por um rumo de descoberta a fim de acrescentarem às margens tradicionais do mundo, um número cada vez maior de características obtidas através da observação.

Não podemos falar de pintura grega sem mencionarmos a pintura romana, afinal os pintores eram praticamente os mesmos nas duas cidades. Porém, quando Roma se tornou uma importante civilização essa realidade mudou e os artistas precisaram se adaptar as novas exigências impostas. Dentre elas, estava a necessidade de pintar retratos que representassem fielmente os modelos reais. Nesse gênero de pintura os romanos se deram bem, ultrapassando os gregos que pintavam

retratos menos realistas. Outro estilo predominante em Roma eram os afrescos¹¹. Esse tipo de pintura, a princípio, era feito em um conjunto de painéis que imitava o mármore. Segundo (BELL, 2008), a ilusão criada por essas pinturas tinha um grau de realidade tridimensional, porém se fossem minuciosamente observadas era perceptível a pouca compreensão que os romanos tinham de profundidade espacial. A maioria dessas pinturas foram soterradas na erupção do monte Vesúvio em 79 d.C. Tanto Grécia como Roma sofreram influências em suas pinturas. Os gregos aperfeiçoaram as técnicas copiadas dos egípcios e os romanos aprimoraram o que os gregos já faziam. Assim a pintura vai se propagando pelo mundo, se transformando, desenvolvendo características próprias a partir de outras manifestações pictóricas já existentes.

No Brasil, a pintura surge ainda no período colonial, como uma forma de registro do que os colonizadores viam por aqui, na fauna, na flora e na população. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, trazendo em sua comitiva artistas europeus, se depararam com povos que já utilizavam a pintura para enfeitar seus corpos e utensílios domésticos, ainda que com pigmentos naturais e de maneira bastante peculiar. Porém, apesar dos indígenas se expressarem através de uma arte própria, predominou os registros pictóricos da pintura europeia, por ser uma pintura narrativa, que atendia as expectativas dos colonizadores de retratar a colônia. Já os povos indígenas produziam pinturas geométricas, de difícil interpretação de significados para quem não fazia parte da tribo. A pintura perpassa por todos os períodos da história humana, refletindo comportamentos, crenças, vida social e política.

Quando recebi a primeira encomenda de uma pintura em tela, busquei influências que transformassem meu processo de criação em algo aceitável, tanto para mim, como para a pessoa que encomendou. Procurei inspiração em figuras encontradas em livros antigos, criando assim uma releitura¹² da possível imagem. Na minha interpretação da imagem a partir do gesto pictórico, criei primeiramente um fundo sólido de azul cerúleo que foi interrompido por uma mancha escura feita com

¹¹ Afrescos: pintura mural que consiste em aplicar cores diluídas em água sobre um revestimento de argamassa ainda fresco, de modo a facilitar o embebimento da tinta.

¹² Releitura: É a criação de uma nova obra de arte a partir de uma referência artística anterior.

pinceladas longas, em diagonal. Dentro dela surge um rosto que supostamente seria de um integrante dos povos indígenas, pois a pintura facial que aparece caracteriza essa ação praticada por eles. Abaixo a figura 6 apresenta a primeira pintura em tela que fiz.



Fonte: Arquivo pessoal-2003

Figura 6- Primeira pintura em tela

A pintura apresenta desenhos circulares na cor preta e adornos nas laterais da boca, como enfeite. Vemos ainda uma mão que surge para dentro da mancha escura no centro da tela segurando um objeto como se estivesse dando continuidade ao ritual de pintura indígena. Não se sabe se a mão é da própria pessoa que tem o rosto representado na tela, se seria de outro indígena ou talvez de algum europeu. O fato é que a pintura do indígena traz alguns detalhes que instigam o espectador a buscar respostas para os questionamentos que vão surgindo. É uma pintura intrigante, e a mancha de onde emerge a figura é a responsável por isso. O rosto parece estar refletido em um pedaço de espelho ou seria um reflexo na água? As indagações irão permanecer, deixando que o próprio observador decida qual seria a melhor resposta. Não se sabe ao certo, porém, esse detalhe me fez lembrar de Narciso, obra pintada pelo artista italiano do barroco¹³, Caravaggio¹⁴. Debruçado na beira do lago, Narciso olha fixamente para o reflexo da própria imagem, uma beleza tão grande, que o faz apaixonar-se por si mesmo ao ver o próprio rosto.

A pintura em tela é um trabalho que explora diferentes temas a partir de imagens já existentes ou não, e são manuseadas em novas conexões. Portanto, a escolha consciente do material com o qual irá se trabalhar, é fundamental para garantir um produto de excelente qualidade. Para isso é preciso ter alguns cuidados, que vão desde a escolha das tintas e pincéis, até o tratamento da estrutura da superfície contra fungos e acidez das tintas. A superfície a ser pintada também demanda cuidados extras, por exemplo, se faz necessário impermeabilizar todo o fundo da tela, para que a tinta não vaze para a parte de traz. Dentre os tipos de pigmentos mais usados para pintar telas, os mais comuns são a tinta a óleo, a acrílica e até mesmo a tinta para tecido como preferem alguns pintores. Uns usam espátulas de metal ou plástico. Outros preferem manusear os pincéis, ferramentas estas com características diversas. Pois podem ser de pelo natural, ótimos para reter grande quantidade de tinta, e são utilizados em quase todas as técnicas, menos na acrílica, por secar rápido e desgastá-los com mais facilidade. Os de pelos sintéticos permitem um maior controle

¹³ O estilo barroco dominou a arquitetura, a literatura, a pintura e a música no século XVII e as primeiras décadas do século XVIII. O Barroco apareceu como oposição ao Renascimento, que primava pela harmonia e simplicidade.

¹⁴ Caravaggio (1571-1610) foi um pintor italiano, o mais revolucionário artista do Barroco, reconhecido pela grande expressividade de suas obras e pelo espetacular contraste entre luz e sombra.

nas pinceladas, são duráveis e indicados para tinta à base de água, acrílica e aquarela por exemplo. Esses pormenores ajudam na durabilidade e qualidade do trabalho, a exemplo da imagem acima, que parece bastante preservada, tratando-se de uma pintura feita há mais de vinte anos.

1.2 A pintura mural orna os espaços e transmite uma mensagem.

Nenhuma civilização vive sem arte. Independentemente de sua finalidade, ela sempre esteve presente nos espaços, desde os primórdios. Por vezes por um motivo espiritual, decorativo ou até mesmo de protesto. A pintura em parede surge na pré-história, provavelmente como uma experiência espiritual primária. Ali eram usados sangue, argila, terra, plantas, pedras e ossos moídos para criar as pinturas. Segundo (BELL 2008), a arte antiga girava em torno de forças e princípios invisíveis, ou seja, em torno de “deuses”, pois, pensava-se que ao fabricar imagens, poderiam alcançar a proteção dessas forças. Isso não significa que toda a arte pré-histórica tem necessariamente vocação religiosa. Alguns registros de pinturas rupestres revelam paisagens, animais, modos de vida, e costumes de um povo. Na antiguidade, por exemplo, as pinturas murais feitas pelos egípcios, alimentava a crença de que se a fiel imagem do rei fosse preservada, ele continuaria vivendo para sempre, mesmo depois de morto.

De um período para outro a pintura seguiu passando por várias transformações, e os pintores improvisando nas técnicas. Os artistas empregavam encanto e fantasia, fossem nos painéis de Pompeia, com paisagens realistas, mais conhecidas como *trompe-l'oeil*¹⁵, ou nos afrescos de Leonardo da Vinci, (1452-1519), contando passagens bíblicas, tal como, “A Última Ceia” que tornou-se uma das obras mais emblemáticas do pintor renascentista ao retratar um dos últimos momentos de Jesus Cristo ao lado de seus apóstolos antes de ser crucificado. No afresco, Leonardo Da Vinci captura o instante em que Jesus revela que será traído por um dos seus propagadores. A pintura se encontra na Igreja e Convento Santa Maria Delle Grazie,

¹⁵ Trompe-l'oeil é uma técnica de pintura que cria uma ilusão de ótica fazendo com que formas de duas dimensões aparentemente possuam três dimensões. Provém de uma expressão em língua francesa que significa "engana o olho".

em Milão, na Itália. Outro afresco que se tornou obra prima, encontra-se no teto da capela Sistina, no Vaticano em Roma e foi pintado por Michelangelo Buonarroti ¹⁶(1475-1564), a pedido do papa Júlio II. Esta pintura é considerada um marco da Alta Renascença, é também um dos maiores tesouros da igreja católica. O artista trabalhou nos murais por quatro anos, onde retratou várias histórias bíblicas na qual a de maior impacto simboliza o ato da criação do homem, ao descrever o momento dramático pouco antes do Criador tocar o dedo de Adão e este receber o sopro de vida.

A técnica que começou dentro de uma caverna, avançou para as tumbas egípcias, decorou templos e palácios, aproximou o ser humano do invisível, confundiu o olho humano com as técnicas de perspectiva romana, narrou histórias bíblicas, levantou questões políticas e não mais parou. Tendo como ponto de partida as paredes das cavernas, a pintura mural segue em evolução e sua história perpassa por uma variedade de temas e técnicas, que vão desde os religiosos até cenas do cotidiano, dos afrescos da alta renascença até os grafites da arte contemporânea. A pintura mural atravessa os tempos, as civilizações e continua em seu percurso, firme em seu propósito, o servir.

Na primeira metade do século XX a pintura mural vai florescendo novas ideias e se estabelece nos murais mexicanos, com inspirações antigovernistas. Os artistas mexicanos fortaleceram a arte mural ao abordarem o cotidiano dos oprimidos, reforçando a importância dos povos indígenas, dentro da sociedade. Entre os artistas de maior destaque está Diego Rivera, que apresentou ao mundo seu extraordinário domínio de técnicas clássicas e modernas, o que tornou seus complexos, manifestando características realistas. Abaixo a figura 7, traz o registro de um momento em que executo uma pintura mural.

¹⁶ Michelangelo Buonarroti: Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (Caprese, 6 de março de 1475 — Roma, 18 de fevereiro de 1564), mais conhecido simplesmente como Michelangelo ou Miguel Ângelo, foi um pintor, escultor, poeta, anatomista e arquiteto italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do ocidente. Ele desenvolveu o seu trabalho artístico por mais de setenta anos entre Florença e Roma, onde viveram seus grandes mecenas, a família Medici de Florença, e vários papas romanos. Iniciou-se como aprendiz dos irmãos Davide e Domenico Ghirlandaio em Florença. Tendo o seu talento logo reconhecido, tornou-se um protegido dos Medici, para quem realizou várias obras. Depois fixou-se em Roma, onde deixou a maior parte de suas obras mais representativas. Sua carreira se desenvolveu na transição do Renascimento para o maneirismo, e seu estilo sintetizou influências da arte da Antiguidade clássica, do primeiro Renascimento, dos ideais do humanismo e do neoplatonismo, centrado na representação da figura humana e em especial no nu masculino, que retratou com enorme pujança.



Fonte: Arquivo pessoal-2021

Figura 7- Pintura em parede

O muralismo ou pintura mural é a pintura executada diretamente na parede. Hoje ela está diretamente ligada à arquitetura, com a finalidade de levar estilo e alegria aos espaços. Apesar de existir a muito tempo está revivendo atualmente seu momento de ascensão, conquistando novamente seu espaço na área de decoração e transformando os ambientes. Os materiais necessários para realizar esse tipo de pintura, são, tintas acrílicas ou spray, pincéis de diferentes tamanhos, rolos de pintura, bandejas para tinta, fita adesiva e panos para limpeza. Para iniciar nessa técnica é preciso começar pelos espaços mais amplos do desenho e áreas de fundo do mural, utilizando para isso rolos de pintura, para cobrir mais rápido as grandes áreas, e os pincéis são mais indicados para as partes com detalhes menores. Muitos artistas contemporâneos vêm se destacado na pintura mural. A nível internacional temos, Banksy¹⁷ um artista que causa grandes inquietações. No Brasil Eduardo Kobra¹⁸, por exemplo está ganhando destaque pelo mundo a cada dia. Em Fortaleza há dez anos foi criado um festival que reúne artistas muralistas, com o intuito de colorir os muros e ruas da cidade. Como uma forma de instigar o sentimento de pertencimento e a autoestima das pessoas, o festival concreto, procurar colorir as ruas e ressignificar a cidade. A arte urbana busca não apenas requalificar espaços públicos, mas ampliar o sentimento de valorização dos espaços. Dentre os artistas de destaque temos Acidum Project¹⁹. A seguir na figura 8, algumas pinturas murais realizadas por mim no parque Eco educativo Engenhoca em Aquiraz, entre os anos de 2009 e 2012.

¹⁷ Banksy: é o pseudônimo de um artista britânico, que tem uma arte de rua satírica e subversiva combina humor negro e grafite feito com uma distinta técnica de estêncil. Seus trabalhos de comentários sociais e políticos podem ser encontrados em ruas, muros e pontes de cidades por todo o mundo. O trabalho de Banksy nasceu da cena alternativa de Bristol, e envolveu colaborações com outros artistas e músicos.

¹⁸ Eduardo Kobra: Nasceu em 1975 no Jardim Martinica, bairro da zona sul paulistana, o artista tornou-se um dos mais reconhecidos muralistas da atualidade, com obras em 5 continentes. Desde os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016, ele detém o recorde de maior mural grafitado do mundo – primeiro com ‘Etnias’, pintado para celebrar o evento, com 2,5 mil metros quadrados; marca superada por ele mesmo em 2017, com uma obra que retrata um trabalhador simples de uma fazenda de cacau e que ocupa um paredão de 5.742 metros quadrados às margens da Rodovia Castello Branco, na Região Metropolitana de São Paulo.

¹⁹ Acidum Project: é um coletivo formado pelos artistas Robézio Marqs e Tereza Dequinta, que vem realizando trabalhos referentes à arte urbana, assumindo vários trânsitos e facetas de atuação, além de ações colaborativas entre si e com outros artistas. Seus trabalhos transitam pelos universos da arte contemporânea, streetart e raízes da tradição do Nordeste do Brasil. O Acidum vem consolidando um trabalho com obras icônicas, carregadas de simbolismo, que refletem o poder de sua natureza local e universal em vários países (Canadá, Austrália, EUA, etc).



Fonte: Arquivo Pessoal-2009 a 2012
Figura 8- Pinturas engenhoca parque

1.3 Cada experiência nos prepara para um próximo estágio da vida

Essas experiências vividas despertavam em mim uma necessidade de ir mais longe. Isso foi se tornando mais evidente durante o período em que trabalhei com pintura mural no parque ecoeducativo engenhoca²⁰, naquele instante começaram a surgir algumas inquietações. Uma delas era a busca por mais informações sobre novas técnicas de pintura e desenho. Eu queria ser mais independente e criar minhas próprias ilustrações. A cópia e a imitação já não se encaixavam mais no meu processo criativo. Porém o uso de referências para produzir desenhos e pinturas não seriam descartadas, afinal elas nos inspiram a desenvolver novos trabalhos. Afinal, nada surge do nada, (KLEON, 2013), diz que, todo trabalho criativo é construído a partir do que já existe.

Durante três anos, de 2009 a 2012, período em que trabalhei com pintura mural no parque ecoeducativo engenhoca, percebi que o medo e a insegurança já não me acompanhavam mais, me sentia segura e confiante. Nesse período, ao contrário de outras épocas o que eu mais queria era que todos conhecessem meu trabalho. Talvez uma das melhores experiências e aprendizados que tive na vida em relação ao exercício de técnicas de pintura e entendimento do meu valor enquanto artista. A prática rotineira da produção artística, os desafios superados, o incentivo e a valorização das pessoas ao meu redor foram vivências ricas para estimular e fortalecer minha bagagem profissional. Toda essa compreensão me leva para um novo caminho a ser percorrido, a qualificação profissional em Artes Visuais. Ao

²⁰ Parque Ecoeducativo Engenhoca: Parque de aventura ao ar livre com arvorismo, tirolesa, arco e flecha, minigolfe, caiaque e pedalinho.

Endereço: R. Raimundo Coelho, 200 - Centro, Aquiraz - CE, 61700-000

entender a importância de tudo o que estava acontecendo comigo e o quanto tudo aquilo favorecia meu crescimento profissional, decidi tentar vestibular para ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- IFCE.

Nesse momento pesquisei maiores informações sobre a formação em Artes Visuais no ensino superior e decidi fazer minha inscrição no vestibular do IFCE. Conquistei aprovação e iniciei minha graduação em fevereiro de 2011. Então a partir desse momento imergi no universo das Artes Visuais, conheci diversas linguagens artísticas. Aprofundei os estudos nas disciplinas, práticas, porém, não deixei de valorizar as aulas teóricas. Dentre os conteúdos aprendi sobre prática pictórica, desenho de observação, gravura, escultura, fotografia, artes digitais, web arte, vídeo arte, teoria da arte, artistas e movimentos artísticos, entre outros. Nas disciplinas teóricas estudei sobre didática, metodologia do ensino de arte, psicologia da aprendizagem, etc. E assim avancei fortalecendo minha autoconfiança para viver plenamente aquilo que é inerente ao meu ser, o fazer artístico.

Segundo (MACHADO, 2008), o ensino de Artes Plásticas na Escola Técnica Federal do Ceará, teve início no ano de 1985, por meio de um projeto de Arte-educação idealizado pela professora Lourdes Macena, que contava com o apoio de estudantes voluntários para compor as oficinas de desenho e pintura para o ensino técnico. No entanto o projeto só se consolidou em 1991, quando professores especializados ingressaram na instituição através de concurso público. Eram oferecidas cinco oficinas: ilustração; escultura; pintura; desenho artístico e colagem. Muitas pessoas da comunidade procuravam essas oficinas, principalmente professores de ensino fundamental e médio.

No entanto, a crescente procura por cursos de Artes, levou três professores a buscarem uma solução para resolver essa questão, Tânia Kalcenik, Maximiano Arruda e Antônia de Sousa, todos do Instituto Federal do Ceará. Eles se reuniram com o intuito de elaborar um projeto para criar o Curso de Tecnologia em Artes Plásticas. O projeto foi aceito e o curso iniciou em 2001, no prédio do IFCE, localizado na avenida 13 de maio, contando com a seguinte estrutura: 4 professores, 2 salas de aula e uma boa grade curricular. Porém alguns obstáculos foram enfrentados, desde a falta de estrutura física, a falta de equipamentos, de acervo para a biblioteca e recursos humanos, sobretudo professores para dar suporte ao curso. Por conta dessa falta de

condições estruturais o curso foi transferido da avenida 13 de maio, no bairro de Fátima para a rua Nogueira Aciolly, na Aldeota. Um prédio desativado, onde antes funcionava a Delegacia do MEC²¹, passou a acomodar o Curso Tecnológico de Artes Plásticas, em 2002.

Apesar de ter sido aprovado pelo MEC, como um curso tecnológico, não foi essa a ideia inicial dos professores, na verdade eles queriam criar uma Licenciatura em Artes, porém, na época não foi possível pois o regulamento do IFCE, só permitia licenciatura para cursos da área de exatas ou de tecnologia. Então, por quatro anos o curso seguiu sendo Tecnológico, depois de alguns ajustes na grade curricular foi possível mudar a modalidade de tecnológico para licenciatura e o curso passou a ser chamado pela sigla CLAV, Curso de Licenciatura em Artes Visuais²². Essa mudança certamente ajudou muito na formação de professores de Artes visuais²³ e na qualidade do ensino, pois até então, segundo (MACHADO, 2008), muitos desses professores não tinham formação acadêmica em Artes Visuais. Abaixo na figura 9, imagens de momentos nos laboratórios de pintura e gravura, respectivamente.

²¹ Delegacia do MEC: As delegacias regionais do MEC, em geral, funcionavam como um entreposto do FNDE, instruindo sobre os convênios de programas do órgão, como os de merenda e de transporte escolar.

²² Curso de Licenciatura em Artes Visuais: O curso de licenciatura em Artes Visuais aborda fundamentalmente a prática da produção artística e a reflexão teórica permitindo a aquisição de repertório estético. Dessa forma o licenciado poderá desenvolver atividades profissionais na área de artes visuais e ensino de arte.

²³ Artes Visuais: é a designação dada ao conjunto de artes que representam o mundo real ou imaginário e que tem a visão como principal forma de avaliação e apreensão. Uma arte visual está relacionada com a beleza estética e com a criatividade do ser humano, capaz de criar manifestações ou obras agradáveis aos olhos. O conceito de arte visual é muito amplo, envolvendo áreas como o teatro, dança, pinturas, colagens, gravuras, cinema, fotografia, escultura, arquitetura, moda, paisagismo, decoração, etc. As novas tecnologias também têm revolucionado o conceito de artes visuais, em áreas como a web design, que tem um grande impacto na sociedade atual. As artes visuais podem ser criadas através de várias ferramentas ou instrumentos, como o papel, madeira, gesso, argila, programas informáticos, máquinas de captação e reprodução de imagens como filmadoras ou máquinas fotográficas.



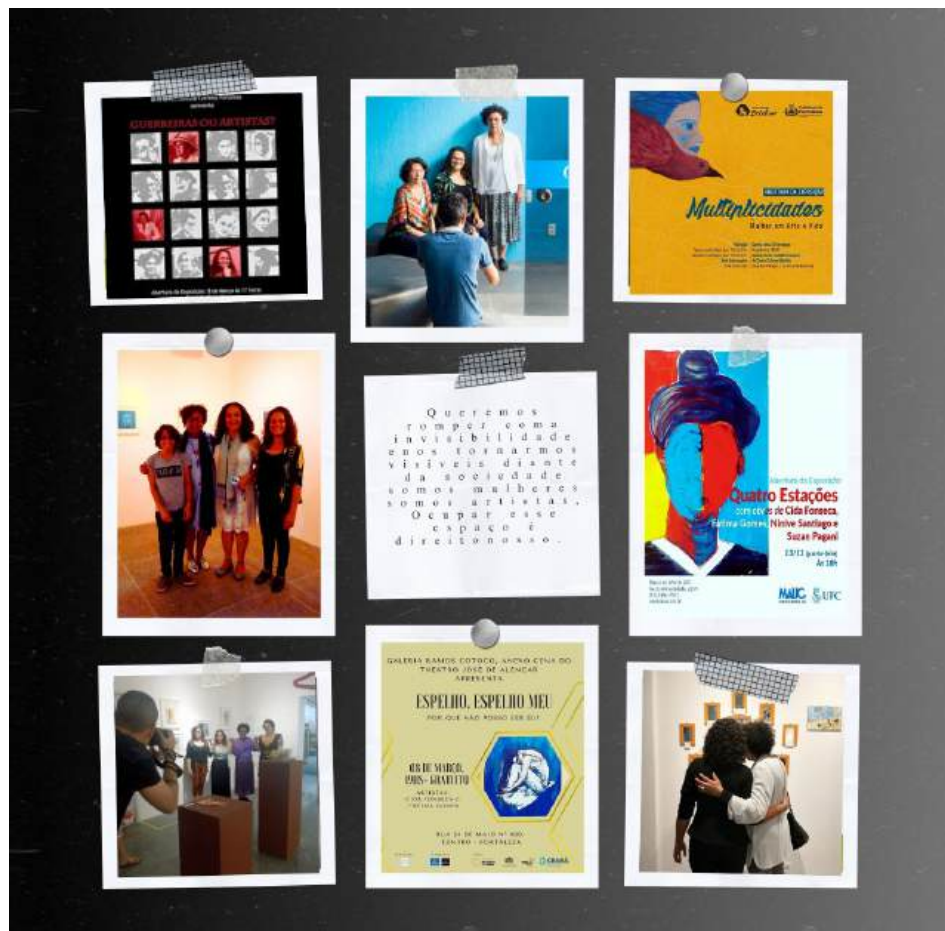
Fonte: Arquivo pessoal- 2012 e 2013

Figura 9- Laboratório de pintura e gravura do Graduação em Artes Visuais do IFCE.

Dentro dessa ampla área de conhecimento, definitivamente me encontrei, e fiz morada. Juntei o máximo de conhecimentos para produzir arte e assim me senti confiante. Nós, seres humanos usamos a arte para deixar marcas por onde passamos. Esses rastros geram valores históricos e culturais. Porém, o fazer artístico institui significados e um conhecimento simbólico, por ser uma prática de representação visual, que mobiliza a memória e reúne sentidos para as imagens. A arte deve ser vista e pensada como um fazer que não está limitado a um único significado, visto que seu contexto e definição pode mudar de acordo com a realidade na qual está inserida. O mundo da arte é instável, aberto a reorientações e dependente de possibilidades de interpretação e novas aprendizagens.

Diante das experiências vividas, hoje me considero uma artista visual, capaz de expressar minha visão de mundo por meio do desenho, da pintura e da fotografia. Em minha produção artística, expresso as memórias afetivas do que vivi na infância, do que aprendi com minhas antecessoras, das coisas que fazem parte da cultura nordestina, da disparidade entre a imensidão da natureza e o ínfimo do ser humano. Meus trabalhos transitam entre realismo, pop art, e o “fluid lines” (linhas fluídas). A influência vem de artistas visuais como, Paul Cézanne, Henri Matisse, Paul Klee, Tarsila do Amaral. A inspiração para produzir deriva das coisas que vivencio diariamente, do encontro com pessoas, dos passeios pela natureza, do contato com a cultura local e regional, e da arquitetura antiga repleta de visualidades e histórias.

O encontro com a arte não encerra meu percurso, pelo contrário, me leva a explorar um novo caminho, à docência. Sim, o curso de Artes Visuais, trata-se de uma licenciatura, ou seja, forma artistas professores. Uma via um tanto quanto inquietante para mim, talvez pelo fato de, enquanto artista buscar sempre a liberdade no fazer e não estar habituada com obediência das regras imutáveis da realidade escolar. Ser professora a princípio não foi tão fácil para mim. Em meu pensamento pairava a ideia de que um artista visual nunca se sentiria integrado a uma instituição de ensino. Por serem dois pontos extremos. O artista é livre, a escola apreende, controla. Porém, com o passar do tempo percebi que a realidade poderia ser diferente, e que arte e escola poderiam caminhar juntas. A figura 10, apresenta momentos de material de divulgação das exposições.



Fonte: Arquivo pessoal – 2012 a 2022

Figura 10-Cartazes e aberturas de exposições,

Um artista dispõe de infinitas possibilidades para mostrar sua visão de mundo ao público. Cada um utiliza a técnica que melhor representa seu objetivo diante dos assuntos que julga pertinente. Alguns artistas irão provocar questionamentos ou reflexões acerca do tema da obra. Outros suscitarão visibilidade ao assunto abordado e tentarão sensibilizar ou causar estranhamento com seu trabalho, utilizando para isso os mais inusitados materiais, a exemplo do artista francês Marcel Duchamp²⁴, que em 1917, deixou muitas pessoas desconfortáveis ao expor um urinol virado em noventa graus com a assinatura R. Mutt, durante a exposição da Associação dos Artistas Independentes de Nova York, chamando a técnica de “ready-made”²⁵. O trabalho foi rejeitado pelo júri da exposição e aceita somente depois que os avaliadores ficaram sabendo do verdadeiro autor da escultura, denominada “Fonte”.

Outro artista que chamou atenção e levantou discussão ao pintar trinta e duas latinhas de sopa, e expor em uma galeria, foi o americano Andy Warhol²⁶ em 1962. Sua obra colocou em evidencia o excesso de consumo de produtos industrializados. Alterar o sentido das coisas para causar estranheza, romper com o clássico e chamar atenção para algum assunto, são atributos da arte. Tudo depende do que o artista considera relevante dentro do seu processo criativo. De como vê as coisas e o que julga interessante para expressar sua visão de mundo. Bem, acredito que a arte tem a capacidade de mudar a realidade das coisas, a visão de mundo das pessoas, pois ela instiga e intriga, deslumbra e desilude, agrada e desagrade, sensibiliza e causa estranhamento, isso é arte, uma explosão de inquietações e sentimentos diversos.

Contudo, para um artista não basta apenas provocar sensações, é preciso deixar sua marca no mundo e promover sua arte. Assegurando assim, que seu trabalho tenha um longo alcance e seja reconhecido. Partindo desse pensamento, enquanto artista visual, comecei a buscar visibilidade no circuito artístico de Fortaleza a partir de 2016. Fui a procura de galerias para expor meu trabalho, porém, a priori não tive êxito. Em meio a frustração surgiu a ideia de usar meu corpo como suporte

²⁴ Marcel Duchamp (1887-1968) foi um pintor e escultor francês, naturalizado norte-americano. Foi considerado um ícone do movimento conceitual de arte moderna o “Dadaísmo” e o precursor do “ready-made”.

²⁵ Os *ready made* são objetos industrializados que, retirados de seu contexto cotidiano e utilitário, transformam-se em obras de arte. Isso ocorre a partir do momento em que eles são inseridos em museus e galerias.

²⁶ Andy Warhol, (1928-1987) foi um pintor e cineasta norte-americano, um importante artista da Pop Art, lembrado por suas pinturas nas latas de sopa Campbell e principalmente pela sequência de retratos de Marilyn Monroe.

para expor os trabalhos em espaços públicos, principalmente em shoppings de Fortaleza. A ideia era descer e subir as escadas rolantes com os quadros na altura do rosto, para que as pessoas vissem e sentisse algum impacto. Juntamente com duas amigas artistas, percorríamos os shoppings da cidade aos sábados, dia que tínhamos tempo livre e que possivelmente teria mais público nesses espaços. Percebemos alguns olhares curiosos e indagadores, porém não passou disso. No entanto, como não alcançamos nosso objetivo buscamos outro caminho para encontrar a visibilidade dentro do circuito artístico da cidade e a procura por galerias para expor meus trabalhos e conquistar espaço nas artes visuais continuou.

Não obstante, finalmente aconteceu o que eu tanto desejava. Eu (Fátima Gomes), Cida Fonseca e Fátima Azevedo, juntamos nossos conhecimentos e escrevemos um projeto para o edital do Espaço Cultural dos correios, em agosto de 2016. Fomos contempladas e vimos o fruto de todo o trabalho, esforço e persistência aflorar. Reaberto, o Espaço Cultural dos Correios no Centro de Fortaleza, recebeu a exposição, “Guerreiras ou Artistas?”²⁷, no dia 08 de março de 2017. Foi um projeto produzido com muito carinho e desejo de nos mostrar ao mundo. Desde as intervenções nos shoppings da cidade de Fortaleza, passando pela criação, finalização do projeto, pedidos de patrocínio, até a abertura da exposição, percorremos longos caminhos, porém, chegamos aonde sonhávamos, uma galeria de arte. A figura 11 mostra dois momentos desse percurso, a primeira as três artistas buscando visibilidade e a segunda a conquista de um espaço físico para expor nossos trabalhos.

²⁷ Exposição, “Guerreiras ou Artistas? ”: Este projeto surgiu, a partir de uma pesquisa em Artes Visuais, acerca da Arte cearense, com foco na presença feminina, tendo como base a trajetória singular de Nice Firmeza, Heloísa Juaçaba e Dayse Grieser, que apesar das dificuldades de sua época, superaram os obstáculos e se sobressaíram no cenário artístico local e nacional, muito embora ainda pouco referendadas na história das artes. Apesar da luta feminina, que vem se consolidando desde o século passado, artistas mulheres ainda sofrem com a falta de visibilidade. Esse fato pode ser constatado ao consultarmos as coleções dos grandes museus de arte. Exposições com a temática “Mulheres Artistas”, vêm ocorrendo tanto no Brasil, como na Europa e nos Estados Unidos, nos últimos anos. Esse tipo de exposição tem sua relevância à medida que reúne trabalhos de mulheres artistas, até então anônimas e os ilumina, dando ao público a possibilidade de acessá-los e pensar na Mulher Artista dentro do panorama atual, resgatando, as artistas esquecidas pela história patriarcal dominante. As artistas acreditam poder fomentar a diversidade cultural de Fortaleza, possibilitando o livre acesso ao trabalho dessas Mulheres Artistas e evitando que no futuro, artistas mulheres sejam esquecidas ou não vinculadas ao legado deixado.



Fonte: Arquivo pessoal-2017

Figura 11- Abertura da exposição Guerreiras ou Artistas?

O projeto *Guerreiras ou Artistas?*, trazia um questionamento sobre a posição e atuação das mulheres artistas em meio ao circuito de arte de Fortaleza. Seriam somente artistas ou precisam ser também guerreiras na luta por visibilidade dentro da sociedade? Visto que a própria história da arte, deixa muitas artistas na invisibilidade. Ao ler o livro, *501 Grandes artistas*, publicado pela Editora Sextante, escrito por vários autores e editado por Stephen Farthing, percebi que apenas 50 mulheres eram retratadas, entre mais de 400 homens. Assim surge o questionamento: Onde estão as artistas que a história da arte ocultou? Sabemos que existiram muitas mulheres com grande potencial artístico, e que muitas delas foram parceiras de artistas homens consagrados pela história da arte. Sempre os incentivando e até mesmo produzindo para eles, como o caso de Camille Claudel²⁸, que no período em que foi assistente de Auguste Rodin²⁹ proporcionou ao artista o momento mais produtivo da vida do escultor. A vida e o trabalho de Camille Claudel ficaram ligados a Rodin, o que se transformou numa trágica história de criação, amor e loucura.

Outro exemplo clássico da invisibilidade da mulher na História da Arte, é o da artista italiana ,Artemisia Gentileschi³⁰, que apesar de seu grande talento na pintura, demorou séculos para ser reconhecida. Muitas de suas pinturas foram atribuídas ao pai e a outros artistas do sexo masculino. Contudo na tradição da sociedade patriarcal, eventualmente as mulheres sofriam pressões para se dedicarem exclusivamente à algumas tarefas: o cuidado com a casa e a criação dos filhos. A mostra “*Guerreiras ou Artistas?*” buscava de certa forma romper com essa realidade e tornar visível diante da sociedade mulheres artistas, para ocuparem seu lugar de direito. Na figura 12 o apareço participando de duas entrevistas, uma para a TV e outra para um jornal local.

²⁸ Camille Claudel: Camille Claudel, nome artístico de Camille Athanaïse Cécile Cerveaux Prosper foi uma escultora e artista francesa. Faleceu na obscuridade, mas sua obra ganhou reconhecimento por sua originalidade décadas após a morte. Era irmã mais velha do poeta e diplomata Paul Claudel.

²⁹ Auguste Rodin: François-Auguste-René Rodin (Paris, 12 de novembro de 1840 — Meudon, 17 de novembro de 1917), mais conhecido como Auguste Rodin, foi um escultor francês. Apesar de ser geralmente considerado o progenitor da escultura moderna, não se propôs a rebelar contra o passado. Foi educado tradicionalmente, teve o artesanato como abordagem em seu trabalho, e desejava o reconhecimento acadêmico, embora nunca tenha sido aceito na principal escola de arte de Paris. Esculturalmente, Rodin possuía uma capacidade única em modelar uma superfície complexa, turbulenta, profundamente embolsa em argila. Muitas de suas esculturas mais notáveis foram duramente criticadas durante sua vida.

³⁰ Artemisia Gentileschi: (Roma, 8 de julho de 1593 – Nápoles, 1656) foi uma pintora barroca italiana, considerada hoje uma das mais bem-sucedidas pintoras de sua época.



Fonte: Arquivo pessoal-2017

Figura 12- Entrevista para Tvc e jornal O Povo

O percurso em busca de visibilidade enquanto artista continua. Nos anos seguintes, ainda em parceria com a artista visual e poetisa Cida Fonseca ocupei outros equipamentos culturais da cidade. Em 2018 ocupamos o Centro Cultural Belchior, com a exposição “Multiplicidades”, onde questionávamos os múltiplos papéis que a mulher assume dentro da sociedade. A mostra foi aberta ao público dia 08 de março, dia internacional da mulher. A escolha pela data estava relacionada as lutas das mulheres em todos os âmbitos da vida, isso de certa forma fortalecia nossa caminhada e incentivava mais mulheres artistas a buscar seu lugar de direito dentro das artes visuais.

No ano seguinte, em 2019, o Museu de arte da Universidade Federal do Ceará-MAUC, acolheu o projeto, “Quatro Estações”, no qual quatro mulheres artistas, Fátima Gomes, Cida Fonseca, Niníve Santiago e Suzan Pagani, apresentavam sua visão de mundo, por meio da pintura, da fotografia, da gravura e da tridimensionalidade no crochê. Durante os dois anos de pandemia participei de exposições virtuais e coletivas do Museu de arte da UFC, e do Fórum de artistas do Ceará. Em 2021 com a abertura das galerias e espaços culturais integrei a exposição coletiva, intitulada 08 de maio, organizada pelo Fórum de artistas do Ceará na galeria Antônio Bandeira, no Centro Cultural Banco do Nordeste e em seguida, no mesmo ano, participei da coletiva, “Um lugar espelhado na arte”, na galeria do Shopping Benfica.

Em 2022 retomei a parceria com a artista visual Cida Fonseca para expor em galerias físicas com projeto próprio. O novo projeto foi intitulado, “Espelho, espelho meu, por que não posso ser eu? ” Nesse projeto, questionávamos como as pessoas se auto reconhecem, como se percebem, como se veem, o que pensam de si mesmas. A exposição aconteceu na galeria Ramos Cotoco no anexo do Teatro José de Alencar, e foi aberta no dia 08 de março. Em 2023 e 2024, estive novamente com um dos meus trabalhos na mostra 08 de maio na galeria Antônio Bandeira, no Centro Cultural Banco do Nordeste em seguida participei da exposição coletiva, Livro do Artista, na Galeria Chico da Silva em Fortaleza e mais recentemente, no dia 08 de março de 2024, participei da exposição “Sintonia”, também na Galeria Chico da Silva. Em maio de 2024 fui convidada a participar da exposição Pietá, amor e dor, na galeria de arte da Assembleia Legislativa do Ceará e na Artivo galeria.

A seguir imagens de alguns trabalhos apresentados nas exposições citadas a cima. Em algumas pinturas utilizei a técnica da pintura acrílica, em outras a técnica

de gravura sobre papel canson. Como ferramentas utilizei pincel e espátula para espalhar a tinta na superfície do papel, madeira e goivas para entalhar as linhas fluidas da gravura e tinta tipográfica. Na página ao lado pintura mais recentes utilizando tinta acrílica sobre papel canson. São pinturas onde o colorido é bastante intenso, permeadas de movimento e expressividade, fruto da minha descarga emocional e meu comprometimento com a arte, como podemos ver nas imagens da figura 13 a seguir.



Fonte: Arquivo pessoal – 2017 a 202

Figura 13- Trabalhos apresentados nas exposições

2 CADA PONTO DE CHEGADA ABRE CAMINHO PARA UMA NOVA PARTIDA

Entre teoria e prática persiste uma relação dialética que leva o indivíduo a partir para a prática equipado com uma teoria e a praticar de acordo com essa teoria até atingir os resultados desejados. Toda teorização se dá em condições ideais, e somente na prática serão notados e colocados em evidência certos pressupostos que não podem ser identificados apenas teoricamente. Isto é, partir para a prática é como um mergulho no desconhecido. (D'AMBROSIO, 1996, p. 79).

Um percurso finalizado abre uma oportunidade para que se possa iniciar novos caminhos. Nunca antes havia pensado em narrar, escrever ou refletir sobre minhas experiências enquanto professora. Ao transcrever essas vivências passei a visualizá-las por um novo ângulo. O sentimento que aflora é o de permitir dar sentido ao que inconscientemente a vida veio me preparando desde sempre e talvez eu não tinha percebido. É poder sentir que posso reinventar a percepção de mim mesma, repensar a minha relação com o outro, através das memórias preservadas, das palavras lembradas; dos gestos; dos afetos; dos fazeres; das imagens; das palavras proferidas. Pessoas chegaram, alguns se foram, outros permaneceram e tudo isso faz parte do todo interligado. É como se a participação de cada coisa que aconteceu/acontece, estivesse/esteja preparando um novo caminho a ser percorrido.

Nunca me imaginei em uma sala de aula. No entanto ter uma formação superior em Artes Visuais era um dos meus sonhos. Sendo o curso de Artes visuais do Instituto Federal do Ceará uma Licenciatura Plena, eu não estava descomprometida com o ensino. Entendi isso logo no período dos estágios. Nesse momento, percebi como o Ensino de Artes era visto dentro da comunidade escolar e o quanto os alunos desconsideravam esse aprendizado. Os estudantes reconheciam as aulas de Artes como um momento recreativo. Muitos nem sabiam que existe avaliação para esse componente curricular.

A falta de informação era evidente por parte dos alunos, e em algumas escolas também pelos professores. Isso tudo era causado pelo fato de muitos professores de Artes das escolas públicas que frequentei no período do estágio não terem qualificação ou formação na área. Nesse período encontrei vários professores de Português ministrando aulas de Arte para complementar a carga horária. Fiquei sentida com isso, primeiro lamentei pela desvalorização e falta de consideração para com o profissional que foi substituído por outro de uma área distinta sem uma

formação adequada para lecionar Arte. Depois conversando com alguns professores da faculdade sobre a minha indignação, compreendi que essa carência se dava pelo fato de na época, em meados dos anos 2013, 2014, ainda não haver professores de Artes em quantidade suficiente para suprir a demanda das escolas.

Apesar do desconforto em ver professores sem qualificação ministrando aulas de Artes, entendi o porquê da enorme carência desse profissional nas escolas. Segundo (MACHADO, 2008), o curso de Licenciatura em Artes do IFCE, havia começado a formar os primeiros professores de Artes em 2010, visto que anteriormente o curso era na modalidade tecnólogo, que não habilitava para a docência. E mesmo que o curso formasse professores de Artes, não era garantido que todos optassem por ministrar aulas, muitos seguiram como artistas ou foram trabalhar em outras áreas.

Mas por que a Arte é tão importante na educação escolar? A Arte tem um papel indispensável na vida das pessoas e na sociedade, desde os primórdios, tornando-a um fator essencial de humanização. (FERRAZ e FUSARI, 2009), apontam a arte como uma manifestação da criatividade humana, da interação com o mundo e de conhecimento de si mesmos. Desde a infância, interagimos com as manifestações culturais ao nosso redor. Gostamos ou não do que vemos ou ouvimos, sejam imagens, sons, músicas, falas, gestos, movimentos, entre outros. Aos poucos vamos formando e criando sentido ao que nos encanta ou ao que não encanta. Ao conhecer as manifestações artísticas, produzida por diferentes pessoas, classes sociais ou lugares, o educando amplia a sua concepção da arte e aprende a dar sentido a ela. Assim seu repertório cultural se desenvolve, surgindo desse modo uma possibilidade de aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, com uma visão crítica da arte.

Falar da importância da arte na escola, me faz lembrar de todo o percurso pelo qual o ensino de arte passou até chegar aonde hoje está, um componente curricular obrigatório no currículo escolar decretado por lei. Quando a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, por volta do século XIX, recebeu artistas franceses de renome para lecionar na recém-inaugurada Academia, grandes artistas brasileiros foram formados, dentre eles, Vitor Meirelles (autor da “Primeira Missa no Brasil”) e Pedro Américo (Autor da pintura “Grito do Ipiranga”), nomes da pintura Neoclássica brasileira. Tornaram-se posteriormente os pintores oficiais do império. Após a

Proclamação da República, já no século XX, por interferência do processo de industrialização no Brasil, criou-se os Liceus de Artes e Ofícios que formavam mão de obra especializada em objetos decorativos e arquitetônicos. Seguindo rigorosamente as técnicas de desenhos e pinturas acadêmicas o que de certa forma prendia a livre expressão do artista.

No entanto, com o movimento modernista no Brasil, os artistas foram influenciados pelo expressionismo e fauvismo europeu, o que os fez produzir obras que ultrapassaram as tradições acadêmicas. Ao romper com esses determinismos de regras rígidas da arte acadêmica, abriu-se espaço para as liberdades expressivas, impulsionando a ideia de “livre expressão” na educação infantil. A livre-expressão valoriza a expressividade e a criatividade, sem que o professor interfira diretamente, assim a criança tem independência para criar sem o medo de julgamentos. No entanto, ainda é possível ver alguns alunos nas aulas de desenhos, com receio de se expressar por medo de errar. No ato de expressar-se não existe erros ou acerto, mas sim o mostrar-se para o mundo.

Em 1948 surge o Movimento “Escolinhas de Artes”, segundo (BARBOSA, 1997), a livre-expressão e o desenvolvimento da criatividade passaram a ser a abordagem mais difundida em arte-educação. Ou seja, as folhas da árvore poderiam ser pintadas de “vermelho” e o desenho do rosto não necessariamente tinha que ser realista, pois o que todos queriam ver, era a expressão pura, sem interferência alguma sobre o fazer artístico dos educandos. O que se entendia como proposta metodológica dentro do ensino de Arte nesse momento era que a criança poderia manifestar seus desejos e emoções, livremente sem ser contida por regras ou métodos. Segundo (BARBOSA, 1995, p.45), a ideia de livre-expressão, originada no Expressionismo, levou a ideia de que a Arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seus sentimentos e a ideia de que a Arte não é ensinada, mas sentida.

Contudo a livre-expressão não deve ser conduzida para o lado oposto, ou seja, o deixar fazer. Mesmo que o educando fique livre da rigidez da produção Acadêmica, sou de acordo que algum tipo de orientação seja destinado a ele para que não se torne um fazer por fazer. O que não significa que o professor interfira diretamente, mas sim de forma a mediar as dificuldades encontradas pelo aluno. Mostrando-lhe caminhos que possa seguir para alcançar seu objetivo na atividade. Ser espontâneo,

mas não ficar alheio a referências de obras de arte, pois essa também é uma forma de instigar no aluno sua criatividade e imaginação, trazendo uma nova visão daquilo que lhe é apresentado.

As mudanças no Ensino de Arte nas escolas brasileiras, seguiu acompanhando os movimentos sociais que buscavam mudanças na postura educacional. Na primeira década do século XX as escolas foram influenciadas por ideias que vinham da Europa e Estados Unidos, chamado “Escola Nova”, que tinha Jonh Dewey como o pesquisador mais influente desse pensamento. Para Dewey a escola deveria se integrar a comunidade, o que consequentemente levaria a um sistema educacional descentralizado. Nessa perspectiva o mais importante era aprender experimentando, a criança pesquisava e o professor apenas orientava, para que se desenvolvesse livre e espontaneamente.

Porém outros pensadores diziam o contrário, segundo Feldman, Thomas Munro e Elliot Eisner, o desenvolvimento artístico da criança não ocorre de forma espontânea, mas através de estímulos, orientações e apropriação do conhecimento mediado pelo professor. (ARAÚJO E SILVA, 2007), dizem que o ensino de arte na educação escolar não possui um fim em si mesmo, mas, serve como meio para se alcançar objetivos que não estão relacionados com o ensino de arte propriamente dito. O ensino de Arte é uma área de conhecimento capaz de propor uma construção social, histórica e cultural, ligado ao aprendizado.

2.1 Experiências e vivências no Estágio

O estágio é o momento de experimentação, seu objetivo é, além de complementar a formação acadêmica do licenciando, possibilitar a integração entre teoria e prática, através do contato direto do futuro professor com o ambiente escolar. É também uma oportunidade de conhecer e viver de fato a realidade da sala de aula. No caso narrado aqui, trata-se de um estágio com alunos do ensino médio técnico, dentro de uma instituição federal. Isso contribuiu muito para mim, enquanto professora estagiária e me deu a oportunidade de praticar ações educativas em busca de um aperfeiçoamento e melhor desempenho na minha formação enquanto professora de Artes visuais.

Durante o tempo em que permaneci em contato direto com a sala de aula, procurei conhecer o cenário no qual a escola pertence e assim buscar desenvolver as atitudes fundamentais para o bom desempenho de minha atividade como futura professora de artes visuais. Ainda que eu acreditasse que não atuaria como professora, trabalhei com determinação para conquistar bons resultados e a experiência valer a pena. Esse processo me possibilitou entrar em contato com problemas reais da sala de aula. Entre eles a indisciplina, a insignificância do Ensino de Artes para a maior parte dos alunos. Esses foram os dois pontos que me levaram a trabalhar com mais empenho, traçando métodos e estratégias para envolver os alunos e mostrar o Ensino de Arte como algo interessante, respeitável e aprazível.

Foi também um momento, para analisar novas possibilidades de atuação. Desta forma, fiz uma leitura mais ampla e crítica do que é ser professor de Artes Visuais no ensino público e comecei a planejar aulas que ajudassem na resolução desses empecilhos. No caso, o ponto chave para a virada do jogo foi trazer um pouco do universo dos educandos para dentro da sala de aula. Sempre tentando sensibilizar os alunos através das memórias afetivas, fazendo com que buscassem em suas lembranças momentos que proporcionassem alguma sensação ao serem recordados. Procurei também mostrar através dos conteúdos, o valor e a importância que o Ensino de Artes Visuais tem para o desenvolvimento cognitivo e para expressão dos sentimentos das pessoas, assim como fazê-los descobrir seu potencial criativo.

Sentindo-me mais confiante para atuar como professora estagiária, desenvolvi minha metodologia, trabalhando sempre a memória afetiva, a autoestima e fazendo-os sentir-se capazes. Para isso iniciei minhas aulas, baseando-me na abordagem triangular, primeiramente ver, em seguida fazer e por fim, através de textos, os alunos podiam expressar sua opinião e contextualizar o que tinham aprendido. Sempre procurei deixar bem evidente para os estudantes, que o conhecimento que eles estavam adquirindo naquele momento seria importante para o desenvolvimento da criatividade, e da percepção de cada um. Assim como para a construção de um raciocínio crítico, dentro da realidade em que viviam. Trabalhei com dedicação para mostrar aos alunos que mesmo sem saber, ou conhecer as técnicas de desenho ou da pintura, todos somos capazes de criar se nos permitirmos estar abertos para aprender aquilo que desconhecemos. E que não podemos nos limitar somente ao que já sabemos, é preciso despertar em cada um o instinto explorador, para que possamos

ir muito além de nossas próprias expectativas. Os textos abaixo nas figuras, 14, 15 e 16, mostram que meu objetivo nas aulas foi atingido, pois os alunos refletiram sobre o fazer artístico, apresentando uma nova percepção sobre as aulas de Arte.

1

Co fazer esse desenho percebi que esse não é o meu forte, contrariando meu pensamento que arte é algo simples, não é como matérias exatas, que possuem uma receita a se seguir, necessita-se de muita habilidade nas mãos, criatividade e principalmente se expressar por meio de sua arte. Meu irmão sempre soube desenhar muito bem e sempre achei isso legal, agora percebo o dom que ele possui e me orgulho disto. Gostei desta experiência de liberdade e de poder me expressar por meio de algo que pode ser tão íntimo.

Pedro
Lucas Cronipe

Fonte: Arquivo pessoal-2013

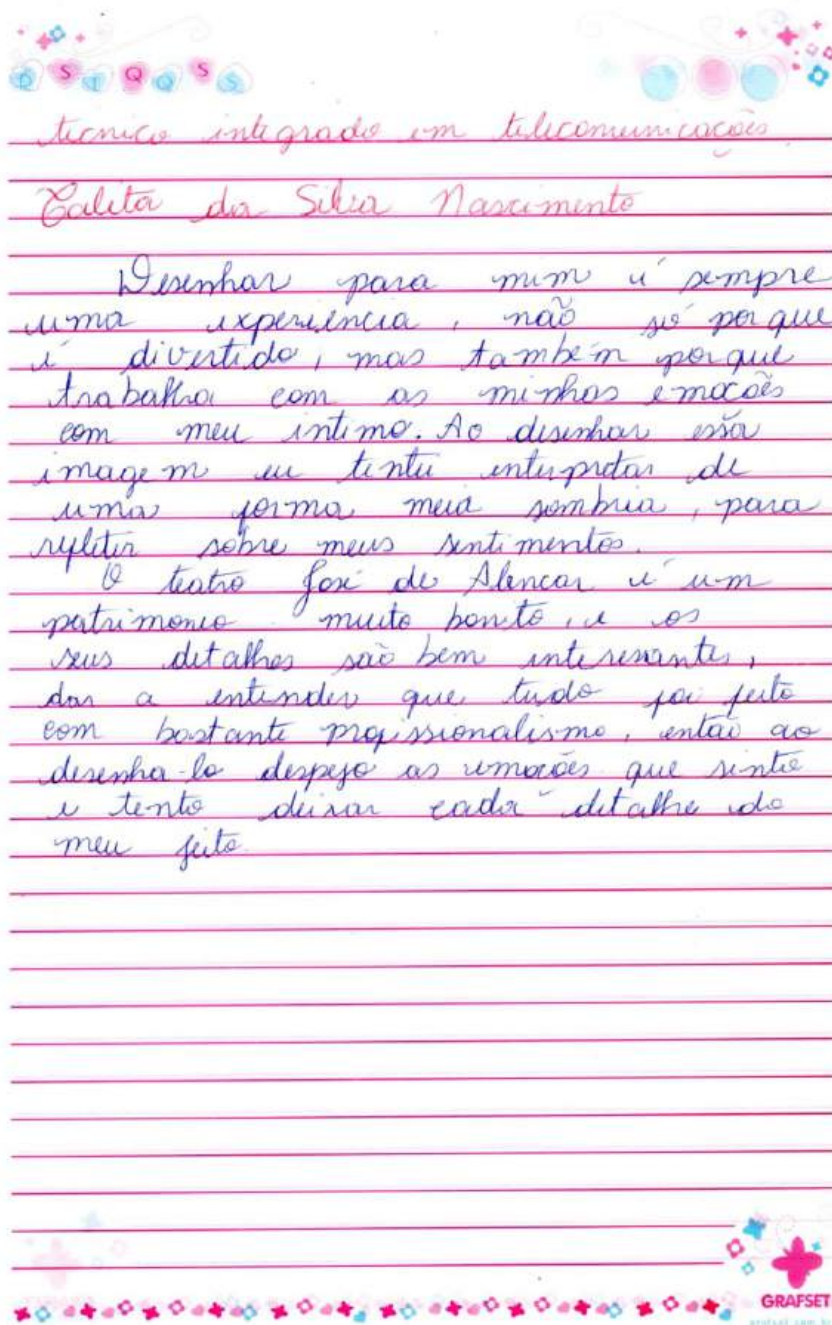
Figura 14-Texto de aluno após aula de Artes Visuais

Quando desenhei a Base Aérea lembrei da minha infância, além de gostar de desenhar quando era criança, passei praticamente a vida toda na Aeronáutica, porque meu pai trabalhava lá e eu ia ver ele trabalhando. Sempre achei tudo muito lindo e sempre significava muito para mim, pois aprendi muita coisa neste lugar. Ao desenhar lembrei de vários momentos importantes e que me fizeram feliz. Pode concluir que arte não é somente pinturas, esculturas ou desenhos, mas ela é uma das formas que nós podemos expressar o que estamos sentindo ou já sentimos.

Sarah Queiroz Araújo da Silva,

Fonte: Arquivo pessoal -2013

Figura 15- Texto sentido de aluno nas aulas do estágio



Fonte: Arquivo pessoal-2013

Figura 16-Texto sentido de aluno após aula de arte

Um dos aspectos que considerei relevante em minha metodologia, foi apresentar o domínio que tenho de algumas técnicas de desenho e pintura para os alunos. De certa forma, ajudou muito no sentido de ganhar a confiança, respeito e a admiração deles. O Ensino de Artes Visuais requer entendimento sobre conteúdos, materiais e técnicas com os quais se esteja trabalhando. Quando o aluno tem essa percepção, este passa a olhar o professor (a) com mais confiança e as aulas se tornam mais interessantes, para ambos os lados. No entanto é preciso que o professor tenha bastante cuidado para não sobressair demais e o aluno se sentir incapaz por medo de não atingir o nível técnico do professor. Acredito que é também papel do professor, fazer com que o aluno se permita sentir-se capaz de seguir em frente sem medo, acreditando em seu potencial em meio aos desafios.

Por meio dos textos sentidos apresentados nas imagens acima é possível ver que os alunos receberam o incentivo necessário para reconhecer o espaço em que vivem e assim fortalecer suas atitudes no sentido de despertar um pensamento mais crítico e atuante. O Ensino de Artes Visuais, situa-se na interface da comunicação visual dos indivíduos, tornando-se necessária como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo dentro das escolas. Assim, gera a necessidade de saber ver e perceber o mundo, distinguindo sentimentos, sensações, ideias e qualidades contidas no mundo. Dessa forma, é possível que o Ensino de Artes Visuais proporcione ao educando a possibilidade deste de interferir e discutir seus próprios posicionamentos, bem como suas interlocuções, de maneira estética, com o propósito de construir suas próprias percepções reflexivas.

A fundamentação da minha metodologia nesse período se intensifica na abordagem triangular de (BARBOSA, 1998), por se fazer tão necessária no Ensino de Artes Visuais. Em nosso cotidiano, estamos sempre rodeados de informações visuais, são imagens impostas pela mídia; nos produtos comerciais; nas ideias; conceitos e comportamentos. (BARBOSA 1998) diz que, quando o aluno conhece a gramática visual e sua sintaxe através da arte, este é capaz de compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-se de que estão aprendendo com estas imagens. Saber ler o mundo no qual estamos inseridos é algo muito importante para nós que somos estimulados o tempo todo com imagens, através da publicidade, da televisão, do cinema, da internet, entre outros. Consumimos essas imagens de forma inconsciente

e acrítica. Daí a importância de incentivar os indivíduos, para que estes interpretem melhor as informações imagéticas que recebe e assim possa atuar dentro da sociedade de forma mais crítica e consciente.

(PIMENTEL 2010) diz que, nas aulas de Arte, não basta apenas propor e desenvolver atividades: é preciso desenvolver o pensamento artístico, diversificando-os, contextualizando-os, motivando a curiosidade e a investigação. Segundo a autora, a Abordagem Triangular é, portanto, um referencial, uma possibilidade concreta de um trabalho complexo em Arte/Educação; cabendo ao professor de Arte levar em consideração as diversas possibilidades de expressão abordadas pela abrangência dos objetos artísticos e as especificidades educacionais de formação que ele pontue como relevantes. A partir de três eixos não hierárquicos e não lineares - fazer, ler e contextualizar - é possível, pensar uma atuação significativa no Ensino de Artes Visuais.

Muitos dizem que na prática a teoria é outra, de certa forma sim, mas acredito que é preciso primeiramente estar ciente da realidade que nos cerca, para que não criemos ilusões acerca da profissão escolhida, neste caso a de professora de artes visuais. Sabemos que a maioria das escolas públicas, tanto do município como do estado não tem seu corpo docente habilitado em Ensino de Arte. E isso desfavorece em parte tanto o ensino quanto a aprendizagem dos alunos nas escolas.

A experiência vivida no estágio me fez perceber o quanto a presença de um profissional qualificado, com domínio de conteúdo e formação na área de atuação é capaz de promover resultados satisfatórios no ensino e aprendizagem em artes. O que de certa forma ajuda no trabalho dentro da sala de aula, a lidar com as diferenças e dificuldades encontradas. A animação, também foi uma forma de ganhar a confiança dos alunos, considere importante pingar algumas gotas de bom humor nas aulas, para descontrair um pouco.

Outro ponto importante que percebi em minhas aulas no estágio, foi o fato de sempre procurar tratar todos muito bem, incentivando-os na prática artística e fazendo-os entender que são capazes de ir muito além do que imaginam ao se permitirem dar o primeiro passo. Acredito que é também papel do professor, estimular os alunos naquilo que se sentem desestimulados. Parece-me que este método funcionou para alguns alunos, pois percebi através de seus textos, uma mudança na maneira de falar o que pensam sobre artes visuais. Nos primeiros textos escritos pelos

alunos, muitos afirmavam não gostar de arte, achavam difícil, ou que nunca iriam conseguir. Já nos textos finais, muitos diziam ter se apaixonado pelas artes visuais, que gostariam de continuar estudando artes visuais ou que descobriram que tinham habilidades artísticas que desconheciam. Saber desses relatos foi muito satisfatório para mim, pois eles indicavam que eu estava no caminho certo. Releitura de obra de Henri Matisse na figura 17, logo abaixo.



Fonte: Arquivo pessoal-2018

Figura 17- Releitura da obra, O caracol de Henri Matisse

2.2 Qualquer lugar pode ser um espaço de aprendizagem

Costuma-se pensar a prática do ensino/aprendizagem a partir de uma instituição educacional. No entanto o aprender não necessariamente requer sua realização dentro de uma escola. Qualquer lugar pode ser um espaço de aprendizagem, seja um jardim, uma praça ou até mesmo debaixo de uma árvore. Mas para que isso aconteça deve-se estimular a troca de experiências, incentivar o agir e o pensar de cada participante. Segundo (NUNES, 2015), a aprendizagem se produz nos mais variados contextos, tanto em espaços formais quanto informais, é um processo contínuo e diversificado e não se limita a um único espaço determinado para este fim. Com base nesse pensamento, entre 2013 e 2014, quando iniciei a pesquisa para o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), criei uma oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural. O objetivo foi experimentar na prática, como se desenvolveria o aprendizado a partir da articulação entre o Centro Histórico de Aquiraz e o Ensino de artes visuais, fora do ambiente escolar.

Para isso, organizei um espaço onde fosse possível a realização da oficina, e que proporcionasse total liberdade para agir, no sentido de poder escolher e programar o conteúdo a ser ensinado, sem seguir um ensino programático pré-estabelecido pelos livros didáticos da escola. No singelo jardim da minha casa, dispus uma mesa de madeira, com seis cadeiras, material impresso para as aulas, uma mini apostila, com resumo da história de Aquiraz e do Centro histórico da cidade, dicas de técnicas de desenho do rosto e corpo humano e de como produzir uma História em Quadrinhos. Tinta guache, lápis grafite e de cor, papeis e uma enorme vontade de compartilhar histórias e saberes para aqueles jovens curiosos por conhecer o que estava por vir.

Convidei cinco adolescentes com idade entre doze e dezesseis anos para participar das aulas. Rafael, 12 anos, 6º série e Ryan 13 anos, 7º série, ambos estudantes na escola municipal de ensino fundamental II, Ernesto Gurgel Valente, localizada no centro da cidade de Aquiraz. Josilene 15 anos, aluna do 1º ano na escola de ensino médio Telina Matos Pires, localizada também no centro de Aquiraz. Marina 15 e Josiele 16 anos, estudantes do 1º e 2º ano respectivamente, na escola profissionalizante Alda Façanha em Aquiraz. A quantidade de participantes nas

oficinas foi definida levando em consideração o material didático disponível e o espaço físico onde aconteceriam as aulas, já a faixa etária foi estipulada pela idade que possivelmente os adolescentes teriam no ensino fundamental II e médio. As aulas aconteciam aos sábados por decorrência do tempo livre de ambas as partes envolvidas, alunos e professora, e tinham duração de três horas cada aula. Fazíamos visitas ao Centro Histórico de Aquiraz, analisávamos os detalhes da estrutura dos prédios, observando também cada detalhe dos objetos no interior desses espaços. Praticávamos a leitura visual³¹ externa e interna de cada construção para que depois fossem produzidos desenhos e pinturas das mesmas a partir da visão de cada aluno.

Os indivíduos não aprendem da mesma forma, cada sujeito desenvolve uma estratégia de aprendizagem, que permite o envolvimento ativo com o objeto de conhecimento. De acordo com, (POZO, MONEREO E CASTELLÓ, APUD NUNES, 2015), essas estratégias são sistemas conscientes de decisões que o aprendiz toma, mediados por instrumentos simbólicos, como as visualidades dos espaços, a linguagem, o pensamento, entre outros. Portanto, com o propósito de instigar a aprendizagem em artes visuais por meio do Centro Histórico de Aquiraz, defini o conteúdo das aulas da oficina com base na necessidade de fazer com que os alunos compreendessem a diferença entre ver e olhar. Para isso foi preciso levá-los ao Centro Histórico e depois apresentar o conceito de elementos visuais³². Assim como apresentar a História de cada monumento para que os alunos comesçassem a se familiarizar com parte de seu Patrimônio Cultural. Adquiridos os conhecimentos teóricos partimos para a prática, os alunos experimentaram desenhos lineares, seguindo o passo a passo das técnicas de desenho até chegar nas pinturas com diferentes harmonias cromáticas. Seguindo sempre os preceitos da Abordagem Triangular³³, ver, fazer e contextualizar. Na figura 18, momentos da oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural em 2014.

³¹ Leitura visual: é uma forma mais estruturada de analisar imagens, distinguindo entre o que é evidência e o que é inferido ou imaginado.

³² Elementos visuais: Ponto, linha, superfície, luz e sombra, cor e volume, são os elementos plásticos que formam tudo aquilo que tocamos ou vemos. Eles formam o vocabulário básico do artista e conhecê-los é poder aguçar a percepção e compreensão da obra criada.

³³ Abordagem Triangular: foi sistematizada por Ana Mae Barbosa, e está voltada para um ensino baseado em três eixos norteadores: a Leitura, a Contextualização e o Fazer Artístico; no qual ressalta a importância de o aluno compreender e fazer a leitura de imagens.



Fonte: Arquivo pessoal-2014

Figura 18- Oficina de Artes visuais e Patrimônio Cultural

Com base nos conceitos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa³⁴, (ver, fazer e contextualizar) e na Educação Patrimonial de Maria de Lourdes Parreira Horta³⁵, (observar, registrar, interpretar e apropriar-se), busquei no momento da oficina, despertar nos alunos o olhar crítico para as coisas que os rodeiam e a traçar caminhos para uma consciência de preservação e conservação de seu Patrimônio Cultural, assim como induzi-los a fortalecer sua identidade. E dessa forma proporcionar, tanto a alfabetização do olhar, ver e ler, quanto a alfabetização cultural, preservar e conservar. Para (PIMENTEL, 2010) é preciso passar por um conjunto amplo de experiências, articulando percepção, imaginação, conhecimento, produção e sensibilidade artística pessoal e coletiva, no processo de aprendizagem em Artes Visuais. Essa é uma forma de propor e desenvolver o pensamento artístico, diversificando-o, contextualizando-o, motivando a curiosidade e a investigação. (BARBOSA, 1998) reforça esta afirmação, dizendo que a Abordagem Triangular é, portanto, um referencial, uma possibilidade concreta de um trabalho complexo em Arte/Educação; cabendo ao professor de arte levar em consideração as diversas possibilidades de expressão abordadas pela abrangência dos objetos artísticos e as especificidades educacionais de formação que ele pontue como relevantes, assim é possível, pensar uma atuação significativa no Ensino de Arte.

Portanto, conhecer o modo como um aluno cria é entender sua visão de mundo, pois os desenhos e pinturas produzidas configuram e dão significado ao que cada um absorveu durante a aprendizagem. Logo, conduzir a prática e metodologia pedagógica respeitando a subjetividade dos discentes com seus níveis de aprendizagem, ritmos e singularidades faz o ensino mais eficiente. (VIGOTSKY, APUD NUNES 2015), diz que a aprendizagem é processo crucial no desenvolvimento do Homem, como espécie e como ser que através de milhares de anos avançou de uma realidade primitiva, para construir civilizações, descobrir importantes conhecimentos científicos, viver novas formas de interações sociais, tornando mais complexos a si e ao mundo ao seu redor.

³⁴ Ana Mae Barbosa: Rio de Janeiro, 17 de julho de 1936, é uma educadora brasileira, que integrou o Movimento Escolinhas de Arte, iniciado nos anos 1940 no Brasil e com atuação fora do sistema de educação pública, que visava pesquisar novos parâmetros para a Arte-educação, pautados na liberdade de expressão, considerando a relevância da Arte no processo educativo e na formação dos sujeitos. Nos anos 1980, a educadora sistematizou a Abordagem Triangular — proposta pedagógica pautada em três eixos para o conhecimento em Arte: ler (ler uma obra de Arte), fazer (fazer Arte) e contextualizar (conhecer o contexto da obra).

A figura 19 apresenta desenhos e pinturas produzidas por alunos na oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural.



O Desenho e a Pintura são duas linguagens das Artes Visuais capazes de proporcionar infinitas possibilidades de expressão. Experimentar o mundo através do Desenho e da Pintura é reconhecer-se nele. Desta maneira, é possível que aquele que tentar viver essa experiência possa estruturar suas ideias, sentimentos e sensações de uma forma mais crítica e atuante dentro do meio em que vive. E, ao mesmo tempo, desenvolver autonomia, ao reconhecer seu potencial criativo, através de uma postura atuante dentro da sociedade. Pois através da Arte é possível construir relações interpessoais que perpassam o convívio social, levando o aluno a valorizar a si mesmo e ao outro.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Arte (PCN-Arte, 1998), a Educação em Arte propicia o desenvolvimento da sensibilidade, percepção e imaginação do aluno, tanto no fazer, como no apreciar e contextualizar Arte. Quando um indivíduo desperta a capacidade de identificar e analisar criticamente o que está inserido em sua realidade ele é capaz de entender a importância de compreender o espaço em que vive. Para (OSTROWER, 2010), é possível que esse indivíduo se identifique com seu meio e possa intervir em sua realidade, construindo e fortalecendo relações entre sua identidade e as representações visuais do seu cotidiano.

Desenhar supõe uma ação em relação à realidade: quem desenha pode desejar imitar a sua realidade sensível, transformá-la, criar uma nova realidade com as características próprias, interferir e sofrer interferências dessa mesma realidade. Quando comecei a analisar os personagens e às histórias em quadrinhos criadas pelos alunos na oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural, percebi que o produto final produzido a partir das referências históricas do patrimônio de Aquiraz, despertou nos alunos a construção de um pensamento que se ampliou diante do que se pensava e observava sobre os monumentos históricos. E dessa forma alcancei o objetivo da oficina. Propor conhecimento acerca dos monumentos do Centro histórico de Aquiraz, juntamente com instruções sobre desenho e pintura, deixando que os estudantes transformassem todo aquele conhecimento que dispunham em um produto autoral, expressando sua visão de mundo e pensamento crítico a partir do Patrimônio Cultural por meio da arte.

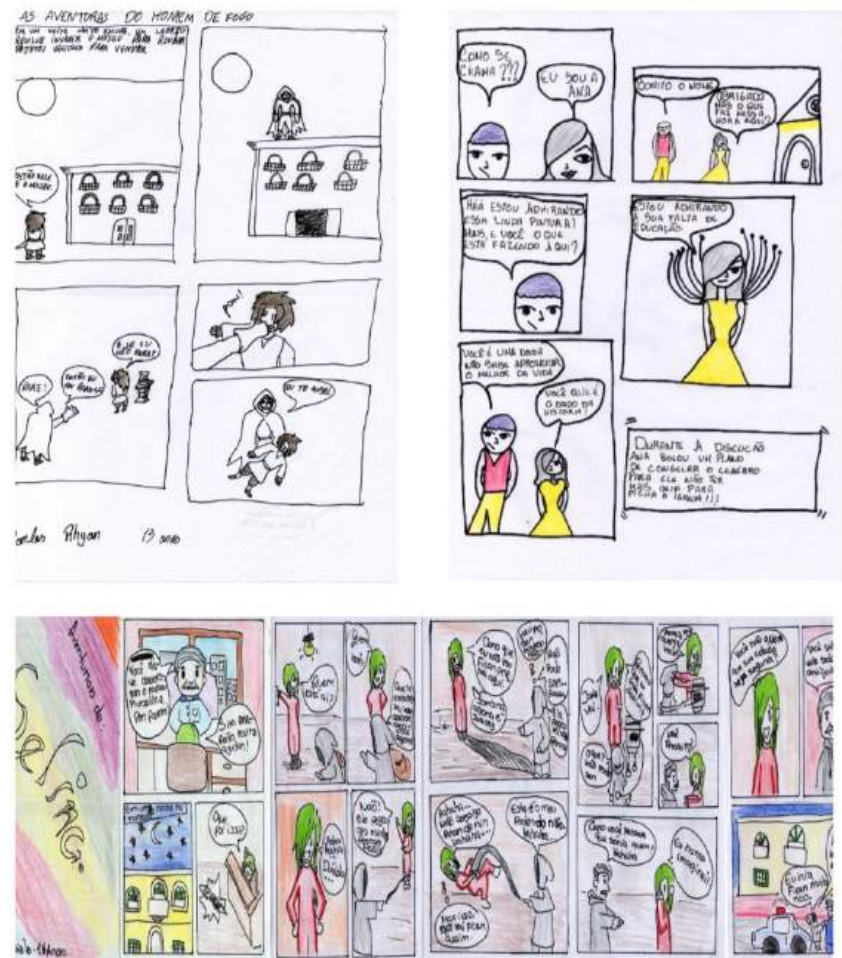
Dessa forma entendi que a aprendizagem ocorreu com muito mais sentido, quando envolvi os conteúdos trabalhados com a realidade dos alunos, e, principalmente, quando incluí interesses particulares de cada um. Essa junção fez com

que o desenvolvimento dos trabalhos fosse mais eficiente e o resultado satisfatório, pois notei que cada aluno buscou dar o melhor de si de acordo com o que tinha sido ensinado e aprendido nas aulas. Dessa forma o aluno deixa de ser percebido como um agente passivo e passa a ser ativo em seu processo de construção de conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem. (HERNANDEZ, 2000) diz que é preciso privilegiar o universo visual e cultural do educando, para que este possa interferir e discutir seus próprios posicionamentos e suas interlocuções de maneira estética, construindo um pensamento reflexivo sobre o meio em que vive e enfocando os aspectos qualitativos da inteligência e a forma que cada um vai dando significado à sua realidade. Nas figuras 20 e 21 desenhos e Histórias em quadrinhos produzidos pelos alunos participantes da oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural.



Fonte: Arquivo pessoal- 2014

Figura 20- Personagens criados na oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural



Fonte: Arquivo pessoal- 2014

Figura 21- Histórias em quadrinhos produzidas na Oficina de Artes e Patrimônio Cultural

2.3 O desafio da sala de aula

De acordo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as escolas têm como objetivo formar cidadãos críticos, criativos, colaborativos e capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Destacando a importância de uma educação integral, que não se limita ao aspecto acadêmico e leva em consideração o desenvolvimento socioemocional e cidadão dos estudantes. Com isso, a escola ao longo dos anos vem se transformando para atender a essas expectativas e proporcionar um ambiente que atenda as diretrizes impostas. Essas mudanças atingem também os professores que são levados a mudar sua forma de atuar em sala de aula.

Apesar das constantes transformações, a estrutura da escola que conhecemos hoje não difere muito da escola de períodos remotos: uma sala retangular com cadeiras enfileiradas, uma mesa, um quadro e um adulto supervisionando atividades para indivíduos com mais ou menos a mesma idade. Desde sua criação, entre os séculos XV e XVII na Europa Ocidental, a escola segue esse padrão, tendo como protagonistas desse cenário, alunos e professores. Antes da invenção da escola, crianças e adultos compartilhavam das mesmas adversidades e contratempos da maior idade. No entanto, após sua criação a fase infantil passou a ser vista de maneira distinta da idade adulta. Ou seja, as crianças passaram a ser resguardadas dos perigos e problemas da vida dos mais velhos, em um local seguro e que ao mesmo tempo as preparava para o futuro. Na escola as crianças poderiam receber ensinamentos morais e aprender as virtudes cristãs, assim como outros tipos de conhecimento, que lhes poderia ser útil posteriormente.

Com isso, aos poucos o modelo de escola que conhecemos atualmente, foi se estruturando e o que antes era reservado para um público seletivo, começou a abrir as portas para todas as pessoas, esse ritmo de expansão se consolida e é nomeado de “escola de massas³⁶”, configurando assim sistemas escolares com características semelhantes no mundo todo. Como por exemplo: Ensino primário de 9 anos; seriação

³⁶ Escola de massas: Um grupo de estudiosos da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, mostrou que os diversos processos nacionais de escolarização apresentam muito mais características comuns do que diferenças. Iniciada em alguns países da Europa Ocidental e da América do Norte por volta de 1850, a escolarização de massas conseguiu se estender a praticamente todos os lugares do planeta, configurando sistemas escolares com características muito semelhantes.

anual; alunos agrupados com a mesma idade em classes, avaliação, orientação curricular nacional, professores especialistas nas series finais, entre outras. E os alunos? Seu comportamento seria similar em todos os lugares? Infelizmente nos cursos que formam professores não aprendemos a lidar com tantos comportamentos diferentes em um mesmo lugar e ao mesmo tempo, por isso muitos professores se sentem incapacitados de permanecerem em sala de aula. E o que fazer diante desses desafios? Encarar as dificuldades ou buscar outros caminhos? Essa é uma decisão difícil, pois a docência também tem seus encantos e talvez seja nesse ponto que devemos nos apoiar para resgatar as forças necessárias para seguir enquanto professores.

A docência é uma das profissões mais bonitas e indispensáveis para a sociedade, pois as demais profissões têm como base o professor. Contudo, mesmo sendo tão necessária, é um dos ofícios menos reconhecidos, principalmente pela baixa remuneração e pelas condições de trabalho, fatores estes que fazem com que muitos professores se sintam desmotivados chegando até mesmo a mudar de profissão. Segundo, (SOUZA, 2011, p. 03), os principais motivos de desmotivação da categoria são, os baixos salários, a desvalorização social, a indisciplina dos alunos, o controle burocrático do Estado, a violência na escola, o desafio de ser considerado responsável pela não aprendizagem dos alunos e outros fatores de ordem social, econômica e política.

No cotidiano da sala de aula essa insatisfação por parte do professor surge das péssimas condições de trabalho, da qualidade do ensino, das relações escolares e remuneração salarial, gerando um “mal-estar docente”. Esse termo vem sendo muito usado no ambiente escolar e é explicado de acordo com (MATUDA e MARTINS, 2014), pela dificuldade dos professores em atribuir um sentido a seu trabalho, desenvolvendo doenças que muitas vezes são decorrentes do exercício da profissão, como por exemplo, depressão e gastrite. Por mais que existam leis para tratar da valorização dos professores, as necessidades reais ainda não estão resolvidas. Porém as perspectivas de melhorar a qualidade de ensino estão articuladas com a desvalorização do professor, traduzida em melhores condições de trabalho, formação e remuneração dos docentes.

Quando em 05 de agosto de 2015, entrei em sala de aula como professora o “mal-estar docente” me acompanhou. Era um misto de sensações, ao mesmo tempo

em que o medo e a insegurança surgiam, a expectativa de tentar transformar o pensamento dos discentes me preenchia de força para seguir. No entanto nada do que eu idealizei se realizou naquele momento. Foram muitas as dificuldades que enfrentei, desde a indisciplina dos alunos, a falta de material didático específico para trabalhar os conteúdos de Artes em sala de aula; a obrigação de apresentar conteúdos nas outras linguagens da arte, no caso, dança, música e teatro.

Sentia uma certa rejeição com o Ensino de Arte por parte de outros professores, como sendo inferior as outras disciplinas. A dificuldade dos alunos em compreender que a arte é um meio de instigar a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico, também se apresentava como uma dificuldade para mim. A falta de material para as aulas práticas de pintura. A falta de apoio e acolhimento da gestão escolar em algumas escolas. Muitas vezes me senti angustiada, com medo, queria fugir daquela situação. Achava que nunca iria conseguir ser como os outros professores, que aparentemente tinham o domínio da sala de aula, eram amados pelos alunos e respeitados pela gestão escolar.

Foi um período tenso para mim. Diante de tudo que eu estava vivendo, das angustias, dos medos, comecei a desenvolver ansiedade, todas as manhãs uma tristeza acompanhada de crises de choro e do sentimento de impotência me acompanhavam até a escola. Logo começaram as contrações involuntárias nos meus lábios e pálpebras, e veio também a gastrite. Muitas vezes eu acordava e não conseguia sair da cama para ir trabalhar, eu chorava por que não conseguia enfrentar aquele obstáculo na minha frente, a sala de aula.

A situação estava me consumindo de forma que ao ver alunos fardados na rua já sentia angustia e o coração acelerava. Eu não conseguia ver meu potencial, minha mente e pensamento estavam tumultuados e a única coisa que eu queria era nunca mais entrar em uma sala de aula. E assim eu fiz. Depois de encerrar o contrato com a prefeitura me afastei da sala de aula, recusei fazer provas de concurso público para professor e me dediquei apenas a pintura em tecido.

Pensei que jamais voltaria para a sala de aula, como professora. Porém, mesmo considerando que a escola estava definitivamente fora do meu caminho, ainda assim sentia vontade de ensinar Arte usando apenas as linguagens do desenho e da pintura. Então, ofereci uma oficina de pintura para crianças durante as férias escolares do mês de julho em 2018. Com isso fui me envolvendo novamente com o ensino e

inicie em seguida uma oficina de desenho para ensinar técnicas de criação para personagens de anime (Animê ou animé, se refere a uma animação desenhada à mão ou por computação gráfica, especificamente produzida no Japão). Foi uma experiência interessante, a proposta era desenvolver nos alunos a aprendizagem das técnicas de desenho, mas também a capacidade de visão e interpretação das imagens.

O contato com as crianças estava despertando curiosidade e passei a me interessar por saber quem eram. Naquele momento buscava entender o porquê do comportamento e a forma de agir de cada um diante da vida, e a partir daí muitos questionamentos surgiram: Quem eram? O que traziam em sua bagagem de experiências? Como era sua relação familiar? Pois todas essas questões podem refletir diretamente no comportamento desses indivíduos dentro do ambiente de ensino. Para (WALLON, APUD NUNES 2015), o método de observação, tomando a criança como ponto de partida deve ser realizado a partir da análise de suas fases de desenvolvimento, compreendendo suas manifestações, pois cada fase da vida de um indivíduo se constitui de características distintas que transitam entre o intelectual e o afetivo.

A partir dessa observação, comecei a refletir sobre o comportamento dos alunos em sala de aula e entendi que tanto o contexto familiar, quanto o social é reproduzido dentro do ambiente escolar. E que cada etapa da vida segue um ritmo próprio, que ao ser descontinuado acaba afetando os indivíduos e suas ações. (WALLON, APUD NUNES 2015), diz que na passagem de um estágio para o outro podem surgir alterações no comportamento da criança, instalando-se crises comportamentais. A partir desse entendimento, deu-se início ao que mudaria minha visão sobre a sala de aula e a tentativa de voltar a me conciliar com ela.

Após dois anos longe das escolas e da sala de aula, em agosto de 2019, recebi uma oferta de trabalho para atuar como professora de Artes nas escolas da rede municipal de ensino de Aquiraz. Me permiti viver essa nova experiência em sala de aula, encarei os medos e comecei a confiar mais em meu potencial. Me sentia mais confiante, segura, livre dos autojulgamentos. Percebi que meu comportamento enquanto professora estava diferente, um sentimento bom emanava do meu ser. A cada aula percebia o quanto era prazeroso envolver os alunos no aprendizado através da arte de maneira significativa. A aprendizagem significativa ocupa o lugar das ideias

e vai se relacionando com o que já existe no cotidiano dos alunos, isso implica em um melhor entendimento do conteúdo, pois ficará armazenado por mais tempo e de maneira estável na memória dos indivíduos.

No entanto todas essas mudanças em minha atuação em sala de aula, só foram possíveis quando mudei algumas estratégias de trabalho. Primeiramente organizei o conteúdo que queria compartilhar, sem me deixar afetar por interferências externas, planejei o que faria nas aulas, e adaptei os conteúdos dos livros para a realidade dos alunos, criando meus próprios cadernos de atividades e fazendo relação entre as demais modalidades do Ensino de Arte, dança, teatro e música com as Artes Visuais. Por exemplo, para falar de dança eu apresentava a pintura de Henri Matisse³⁷, “A dança”, daí falávamos sobre dança, dentro do contexto real da dança, quanto na visão de Matisse. Eu não me via mais como a professora que queria mudar os alunos, mas sim como alguém que poderia propor mudanças no pensamento e na visão de mundo deles. Sem criar muitas expectativas, lancei sobre os alunos um olhar afetuoso e acolhedor e deixei que tudo corresse livre, afinal o professor nem sempre verá os frutos das sementes que plantou. A seguir, a figura 22, mostra imagens de momentos com meus alunos nas aulas de pintura ao ar livre, no pátio de uma das escolas em que trabalhei, mais recentemente, no município de Fortaleza.

³⁷ Henri-Émile-Benoît Matisse (Le Cateau-Cambrésis, 31 de dezembro de 1869 — Nice, 3 de novembro de 1954) foi um artista francês, conhecido por seu uso da cor e sua arte de desenhar, fluida e original. Foi um desenhista, gravurista e escultor, mas é principalmente conhecido como um pintor. Matisse é considerado, juntamente com Picasso e Marcel Duchamp, como um dos três artistas seminais do século XX, responsável por uma evolução significativa na pintura e na escultura.[1][2][3] Embora fosse inicialmente rotulado de fauvista (uso de cores puras, sem misturar com outras), na década de 1920 ele foi cada vez mais aclamado como um defensor da tradição clássica na pintura francesa.[4] Seu domínio da linguagem expressiva da cor e do desenho, exibido em um conjunto de obras ao longo de mais de meio século, valeram-lhe o reconhecimento como uma figura de liderança na arte moderna.



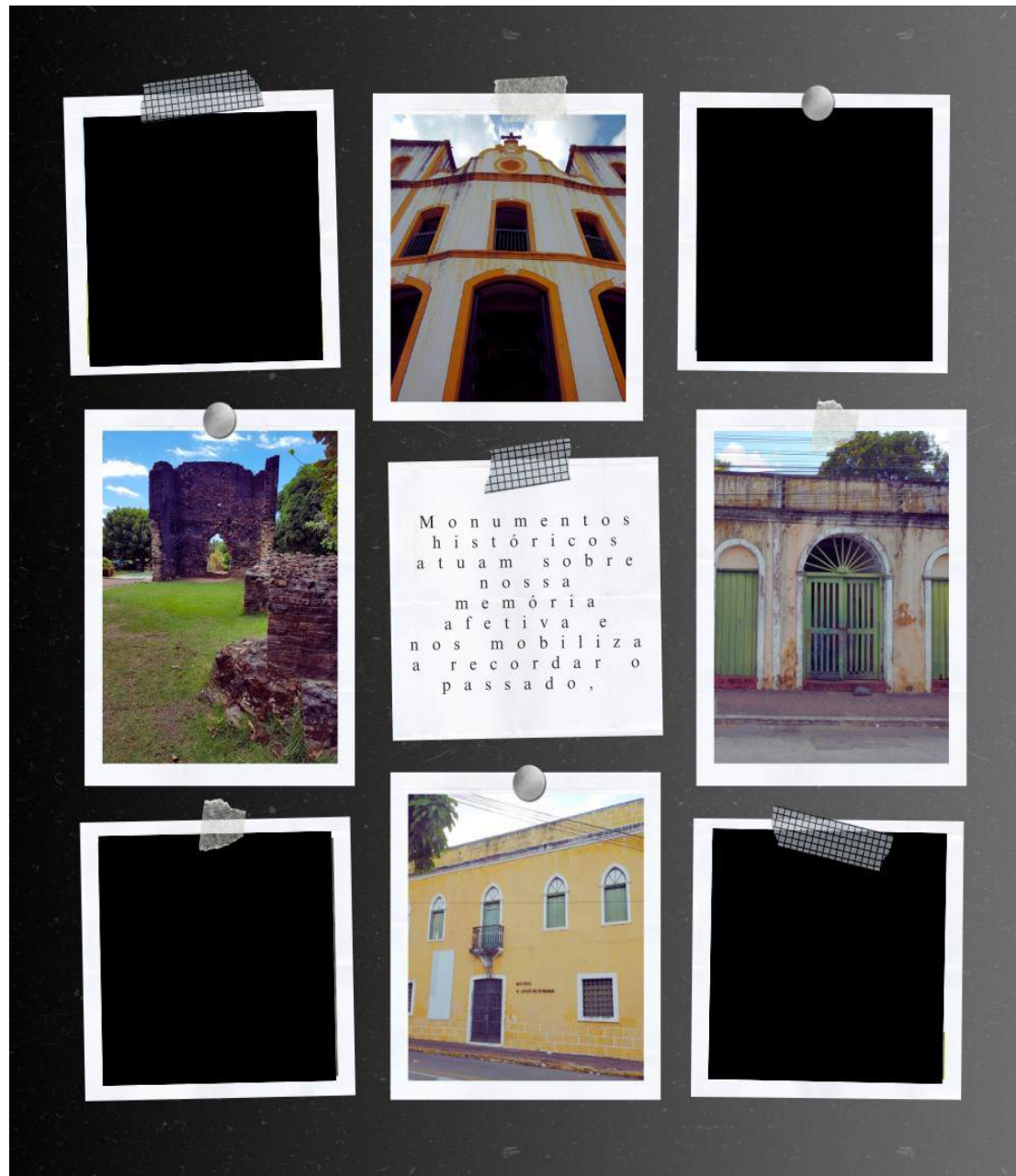
Fonte: Arquivo pessoal-2022

Figura 22- Aulas de arte com alunos do ensino fundamental II, em escola pública de Fortaleza

A educação através da Arte segundo, (FERRAZ E FUSARI, 1993), é na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição do ser humano completo, total, dentro dos moldes de pensamento idealista e democrático. Valorizando assim, aspectos intelectuais, morais e estéticos para despertar sua consciência individual dentro do meio em que vive. Entretanto, por vezes eu talvez não tenha conseguido lidar com a individualidade dos alunos, e me deixei influenciar por padrões de comportamentos idealizados para uma sala de aula. Com isso vieram muitas frustrações, angústias, sentimento de impotência e incapacidade, o que porventura tenha me causado o pânico da sala de aula por tanto tempo.

As experiências de vida se fazem em cada passo da trajetória percorrida. Se faz nos desafios encarados, nos acertos, nos erros e nas descobertas de novas possibilidades. Viajando por minha memória percorri três etapas da vida, onde passei por vivências que foram fundamentais para meu processo de entendimento do que é ser artista e professora e o quanto o lugar de pertencimento diz sobre quem sou. Sinto alegria em produzir arte, bem como na interação com os alunos no processo de ensino e aprendizagem. O artista é antes de tudo um ser de alma sensível, que registra coisas além do que se vê. E o professor é aquele que sente satisfação em acompanhar o desenvolvimento do aluno e se alegra com suas criações. Portanto, entendo que a arte é capaz de proporcionar para o indivíduo um crescimento saudável e enriquecedor expandindo sua visão de mundo, estimulando a criatividade e a capacidade de se expressar. Já o ensino de Artes Visuais é uma aprendizagem que se faz essencial na construção do pensamento crítico, reflexivo, e da leitura de mundo.

Dessa forma, entendi que não bastava dispor de tanto conhecimento sobre artes visuais e guardar unicamente comigo. Nesse instante compreendi que não era suficiente somente o fazer artístico, minha completude se fazia também na docência. Hoje me reconheço como professora e sinto orgulho disso, mas nem sempre esse sentimento esteve comigo. A seguir, no capítulo três, vamos conhecer os conceitos de Patrimônio Cultural; Monumentos Históricos, Tombamento; a breve história de implantação da Vila São José de Ribamar (Aquiraz), a construção da igreja matriz e do museu sacro de Aquiraz, mostrando o percurso desde quando foram criados esses dois monumentos até a função que cada um exerce hoje. Abaixo, na figura 23 imagens dos monumentos históricos.



Fonte: Arquivo pessoal-2023

Figura 23-Fachada da igreja matriz de Aquiraz, Ruínas dos jesuítas, Portão principal do mercado das artes, Fachada do museu sacro São José de Ribamar

3 A PRIMEIRA CAPITAL DO CEARÁ

Aquiraz é um município brasileiro do estado do Ceará, situado na costa leste do litoral, pertencente a região Metropolitana de Fortaleza, distando 32 km da capital. A cidade traz em suas raízes as tradições indígena, europeia e africana. Sua população em 2022 foi estimada em 80.243 habitantes. Segundo (SOUSA 2005), o topônimo Aquiraz está associado a uma antiga vila portuguesa. Existem outros significados para o seu nome, como “água pouco adiante” ou “caroço da fruta”. Entretanto, a hipótese mais aceita pela maioria dos pesquisadores, segundo a autora, é a de que o vocábulo advém da palavra “Akiras”, de origem tupi, que significa “gente da terra”. A cidade é popularmente conhecida como, “A primeira capital do Ceará”.

A História de Aquiraz começa, segundo alguns historiadores, a partir da necessidade de povoação do Ceará. Segundo (GIRÃO, 1984), D. João III rei de Portugal, foi obrigado a povoar o Brasil: assim adotara o sistema de donatários, onde as regiões eram divididas em lotes ou tratos, separados uns dos outros, do mar para o sertão, por linhas paralelas ao Equador e doadas a pessoas de sua nobreza. O atual território cearense compreendia-se em cerca de 100 léguas de frente, costa acima, concedida ao coronel pernambucano João de Barros Braga, em parceria com Aires da Cunha, e limitada entre a porta dos búzios e a enseada dos Negros, que é, para alguns, segundo o autor, a foz do rio Jaguaribe, e para outros a enseada do Iguape. Para o autor, o coronel João de Barros Braga era capitão da cavalaria de Ordenança da Ribeira do Jaguaribe e foi eficaz desbravador dos nossos sertões e muito contribuiu para a obra catequista dos jesuítas, inclusive doando terrenos para à edificação do Real Hospício de Aquiraz.

O autor diz ainda que o povoamento da capitania do Ceará aconteceu através do escoamento de pessoas vindas de Pernambuco e Bahia em busca de novos campos para os gados. Dessa forma, alcançaram as margens do rio Jaguaribe e São Francisco, até se misturarem, formando uma só gente - a dos fazendeiros, localizados em terras que lhe iam sendo doadas em sesmarias. A legalização dessas terras ocupadas era feita por meio da aquisição de cartas de sesmarias ao governo, que eram solicitadas timidamente pelos moradores do forte, para terras localizadas nas embocaduras dos rios Pacoti (Aquiraz), Choró e Piranji.

Ao contrário de outras vilas criadas no Brasil Colonial, que tinham como questão principal a arrecadação de impostos, a instalação da primeira vila no Ceará teve como objetivo oficial amenizar as violências, abusos e arbitrariedades dos capitães-mores. Segundo (SOUZA 2004), recebendo apenas instruções verbais de Pernambuco, o capitão-mor fazia na capitania do Ceará o que bem entendia, abusando do seu poder e prejudicando alguns proprietários de terras. O mandonismo dos capitães-mores governadores crescia de tal forma que eles se sentiam no direito de fazerem a nomeação de outros capitães-mores e demais oficiais das milícias ou ordenanças.

Eles agiam sem apelação nos recrutamentos e incumbia-lhes a prisão dos desertores, malfeitores e vadios. Do mesmo modo intervinham nos negócios eclesiásticos e nas coisas da Justiça, certos de que não seriam afetados, pois sendo eles quem hospedavam os governadores e os ouvidores, desfrutavam, por isso, da generosidade destes. Por esses motivos, a criação de uma vila no Ceará era tão importante, pois com a vila seriam eleitos oficiais de câmara, juízes ordinários e, assim, as arbitrariedades dos capitães-mores iriam diminuir certamente, pois não estariam mais governando “sozinhos”. A Carta Régia, de 13 de fevereiro de 1699, explicava a este respeito:

Havendo visto o que informantes como se vos tinha ordenado sobre a forma que há de governo no Ceará representando-me ser conveniente e acertado mandar se elejam oficiais da câmara, juízes ordinários, como há no Rio Grande, para assim se atalharem parte das insolências que costumam cometer os capitães-mores e se administrar melhor a justiça dando também o nome de vila ou cidade aquela povoação por não ser ainda consideradas as vossas razões e que será mui conveniente o que nelas apontais. Fui servido resolver que se crie em vila o Ceará e que tenha oficiais da câmara e juiz ordinário na forma que mandei praticar com muitas terras do sertão da Bahia para pôr este meio se evitarem muitos prejuízos que até agora se experimentaram por falta de terem em seu governo aqueles moradores do Ceará modo de justiça. De que vos aviso para que nesta conformidade ponhais em execução que por este ordeno (STUDART, 2004, p. 152 e 153).

Após a liberação de criação da vila, veio outra questão: onde ela seria instalada? O documento régio não determinava o lugar exato onde a vila deveria ser estabelecida. Inicialmente, verificaram-se sérias disputas entre Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, onde habitavam os militares, as autoridades coloniais e

eclesiásticas, os capitães-mores governadores e padres; entre a Barra do Ceará, onde se estabeleceram as primeiras fortificações portuguesas; e Aquiraz, área onde residiam grandes senhores de terra, os chamados “homens bons”, a elite local. Para (FARIAS, 2009), as disputas pela vila não passavam de uma maneira de os envolvidos, sobretudo, os fazendeiros, tentarem aumentar seus poderes e influência. Para os “homens bons” de Aquiraz, ter a câmara junto de si, representava acessar posições de controle administrativo e reforçar seu poder econômico e político.

Em meio a tantas disputas entre Fortaleza, Barra do Ceará e Aquiraz, a 25 de janeiro de 1700, foi decidido pelos vereadores e juízes eleitos, reforçada a decisão pelo governo de Pernambuco, de que a vila seria instalada em Aquiraz, alegando ser este local “mais conveniente”. Dessa forma, obedecendo às decisões das autoridades, o capitão-mor Francisco Gil Ribeiro instalou a vila de São José de Ribamar, em Aquiraz. Após a instalação da vila, sucederam-se outras mudanças da sede, conforme a pressão dos vereadores, e, em 1702, a vila é transferida para a Barra do Ceará, ali ficando por quatro anos. Em 1706, a vila retorna para Aquiraz, através dos protestos dos proprietários de terras, que insistiam pela escolha de Aquiraz como sede da vila. Eles apelaram às altas autoridades de Portugal e, por ordem do rei, o capitão-mor Gabriel da Silva instala a sede da vila novamente em Aquiraz. A vila mudou-se inúmeras vezes de Aquiraz para a Barra do Ceará e Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, até instalar-se, segundo (FARIAS, 2009), definitivamente, nesta última, em 27 de junho de 1711, sob os protestos dos moradores.

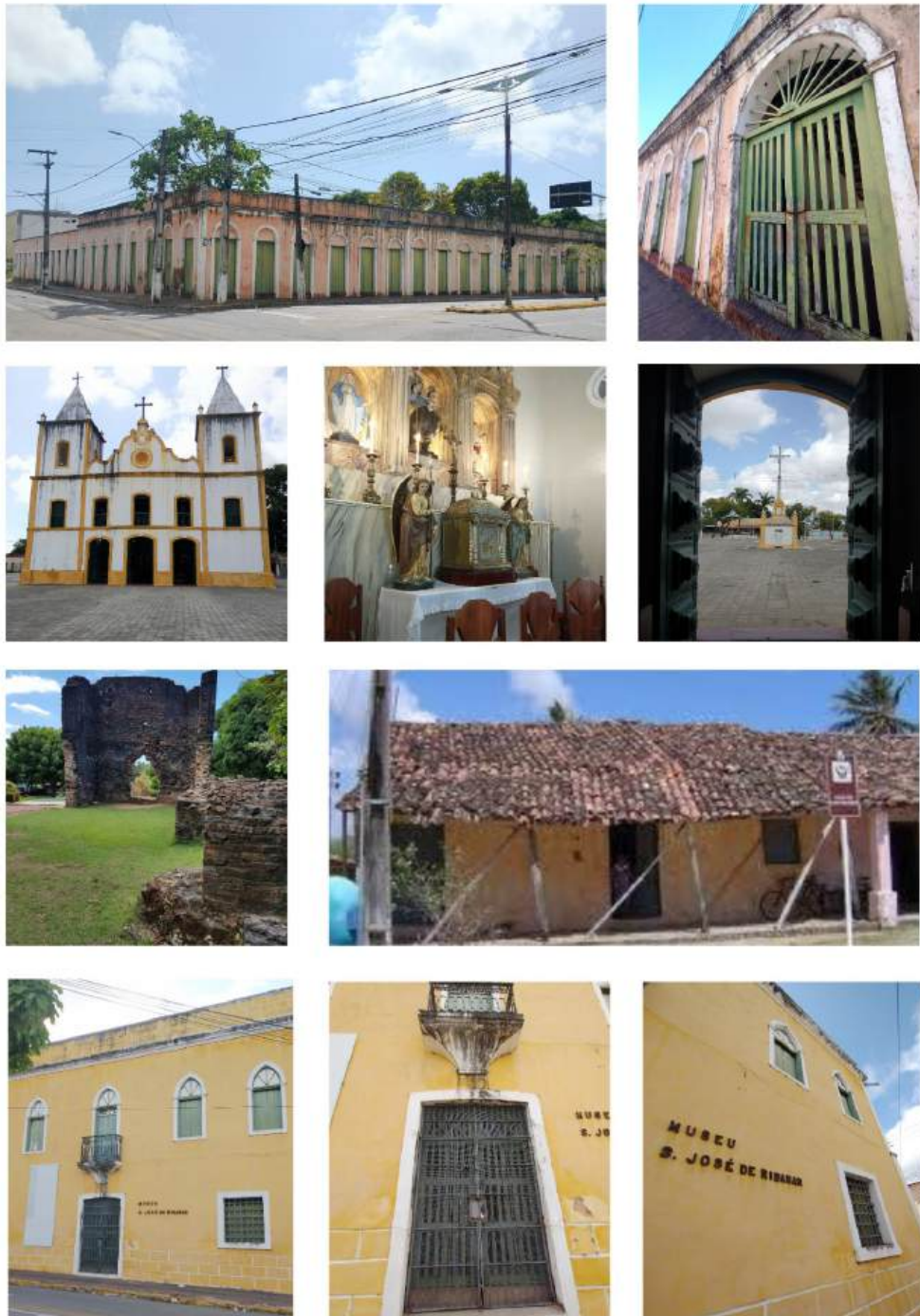
Com a implantação da Vila, a Coroa portuguesa optou em mandar uma missão jesuítica para a Aquiraz, e assim, fossem atendidos interesses do Estado e da Igreja: convertiam-se os índios ao Cristianismo e, ao mesmo tempo, convencia-os a aceitar a presença dos portugueses. Assim, aos jesuítas foram entregues sesmarias, para que estes pudessem criar gado e cultivar alimentos agrícolas. Foi com essa doação que os missionários receberam do coronel João de Barros Braga terras em Aquiraz, erguendo ali um Hospício, ou seja, um “ponto de hospedagem ou residência”, que na linguagem da época, seria um local para descanso e de irradiação dos jesuítas em suas andanças pelo Ceará. Abaixo, imagens do portão de entrada do Mercado das Artes, das lojas em seu entorno, fachada e interior da Igreja Matriz, as Ruínas do Hospício dos Jesuítas, que ficam localizadas dentro do Parque Ecoeducativo

Engenhoca, de propriedade privada, mas com acesso ao público por meio da aquisição de ingresso, a casa do Capitão mor³⁸, uma construção vernacular³⁹ a mais antiga da cidade, a fachada do Museu Sacro São José de Ribamar e os detalhes da grade da sua porta principal. Além de catequisar os índios, os jesuítas⁴⁰ também contribuíram muito na construção de igrejas e seminários. A figura 24 apresenta imagens das construções históricas mais relevantes localizadas no Centro de Aquiraz.

³⁸ Capitão-mor: designação do oficial militar responsável pelo comando das tropas de Ordenança (forças militares) nas regiões de Portugal (vila, cidade, concelho) entre os séculos XVI e XIX. Posteriormente a designação foi aplicada a outras funções militares e administrativas na Marinha e nas colônias portuguesas ultramarinas. Foi uma designação de uso corrente no Brasil na época colonial (durante as capitanias hereditárias). Segundo o Regimento dos Capitães-Mores do rei Dom Sebastião I, publicado em 1570, em cada terra do Reino de Portugal e dos Algarves existiria um capitão-mor (assistido por um sargento-mor) que era responsável pelas capitanias hereditárias e companhias de Ordenança aí existentes. Seriam, por inerência, capitães-mores, os senhores ou os alcaides-mores, respectivamente, no caso dos domínios senhoriais ou das terras da Coroa. No caso de terras que não tivessem senhor nem alcaide-mor, o capitão-mor seria eleito pela câmara local. Com o passar dos tempos e o surgimento do exército pago, já no período da Guerra da Restauração, o capitão-mor transitou de posto militar para cargo que podia ser desempenhado por militar com qualquer patente, fosse ele do exército pago ou da milícia de ordenança. Esta milícia passou então a ser uma reserva de segunda linha, relegada até para terceira linha, quando em 1646 surgiram os milicianos auxiliares a pé, e em 1650 os auxiliares a cavalo. Não obstante, a capitania-mor manteve o prestígio de tempos anteriores, pois além das já referidas tarefas de recrutamento, treino e comando de tropas da ordenança, implicava também as funções de governo militar da localidade (caso não existisse um governador especificamente designado por entidades superiores). Em algumas terras esse governo podia caber a um sargento-mor (da ordenança), embora as funções primordiais deste fossem eminentemente militares.

³⁹ Arquitetura Vernacular: é uma forma de construção que usa materiais locais, algumas técnicas tradicionais, tipologias regionais e adequada ao ambiente. Estamos falando das construções de taipa (pau-a-pique), de adobe, madeira, pedras, bambu, telhado de palha, entre outros.

⁴⁰ Jesuítas: Conhecidos também como, Companhia de Jesus (em latim: Societas Iesu, S. J.), cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida por bula papal em 1540. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional. Os primeiros jesuítas que vieram ao Brasil chegaram com o primeiro governador-geral da colônia, Tomé de Sousa, em 1549. Eles eram liderados por Manuel da Nóbrega e tinham como principal missão a cristianização dos nativos e zelar pela Igreja instalada no Brasil colonial.



Fonte: Arquivo pessoal-2023

Figura 24- Mercado das artes, Igreja Matriz, fachada e parte interna, Ruínas dos jesuítas, Casa do capitão-mor, Fachada do Museu Sacro São José de Ribamar

3.1 Igreja Matriz São José de Ribamar

Todos os monumentos do Centro histórico de Aquiraz são tombados visando a proteção e conservação desses espaços, como parte fundamental da história da cidade. Para contextualizarmos o patrimônio edificado do Centro Histórico da cidade, recorreremos a autores que se destacam pelos livros publicados sobre História do Ceará. Esse Centro Histórico, compreende algumas construções com grande visibilidade estética e histórica, como a tricentenária Igreja Matriz São José de Ribamar, construção oriunda dos séculos XVII e XVIII, uma herança jesuítica; o Museu Sacro São José de Ribamar um dos maiores do Nordeste em Arte Sacra, o Mercado da Carne, com características da arquitetura vernacular, construído por volta do século XIX, outrora, o centro comercial da cidade, a Casa do Capitão-mor e as Ruínas do Real Hospício dos Jesuítas. Nos tópicos seguintes vamos conhecer a história de dois desses monumentos, a Igreja Matriz e o Museu Sacro.

Narrar é dar sentido e refletir sobre um acontecimento. Segundo (PASSEGI 2021), dentro de uma narrativa encontramos ações cognitivas que escolhemos ou não, mas que envolvem a prática cotidiana de narrar e ouvir histórias. Sempre gostei de ouvir as histórias que minha mãe e meus avós contavam sobre Aquiraz. Dentre elas está uma que talvez seja a mais conhecida e comentada entre os moradores da cidade. Popularmente conhecida como, “A praga dos Jesuítas”, a narrativa conta que os padres da Companhia de Jesus, teriam lançado uma maldição sobre a cidade. Relatam os mais velhos que no momento da expulsão dos padres Jesuítas, ato realizado por ordens do Marquês de Pombal⁴¹, na noite de natal do ano de 1759, estes teriam proferido as seguintes palavras: “Aquiraz nunca irá prosperar! O mar haverá de subir sete metros acima das torres da igreja e Aquiraz se tornará cama de baleia”.

Quando criança, tremia só de pensar na possibilidade dessa profecia se realizar. Porém, quando comecei a pesquisar sobre a história da cidade entendi o porquê do insulto. Segundo (GALVÃO 2010), nada era mais triste para os jesuítas, nem mesmo a morte que os esperavam amargava tanto quanto aquele momento da expulsão. Sendo assim, no auge do desespero, os padres Jesuítas blasfemaram de

⁴¹ Marquês de Pombal: Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras foi um nobre, diplomata e estadista português e também secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I, sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa.

ódio e amargura, como um último ato de resistência. Um triste fim para os padres que tanto fizeram pela cidade, construindo espaços de divulgação da fé cristã, de ensino e aprendizagem, a exemplo do Real Hospício, um dos primeiros modelos de escola do Ceará e que hoje encontra-se em ruínas.

Porém, os Jesuítas também tiveram dias de esplendor e magnificência, nas terras de Aquiraz. Quando Portugal tomou posse do território brasileiro e o transformou em colônia, uma das primeiras feitorias do rei Dom Manuel I, foi enviar uma expedição comandada por Martins Afonso de Sousa para dar início à colonização. Junto a embarcação foram mandados missionários que serviam de pacificadores e ao mesmo tempo tentavam catequizar os povos indígenas que aqui viviam antes da colonização. Esses católicos, mais conhecidos como jesuítas também eram responsáveis por criar novos povoados, fundar vilas e instalar construções, como por exemplo colégios, hospícios, igrejas entre outras.

Dessa forma a Vila São José de Ribamar, (Aquiraz), foi agraciada com as construções jesuíticas. Primeiro o hospício e depois a igreja matriz. As igrejas, assim como um lugar de culto, também era um espaço de confraternização do povo, onde compartilhava-se valores sociais básicos. Sua arquitetura era bastante simples, sempre com estruturas retangulares. Foi introduzida no Brasil pelo padre jesuíta Francisco Dias. Os jesuítas possuíam em seus grupos arquitetos e construtores excelentes e com eles se iniciou uma grande tradição de construções religiosas cada vez mais ricas e imponentes. Os primeiros templos católicos construídos no Brasil seguem o estilo tardo-renascentista⁴² ou maneirista⁴³ português conhecido com estilo chão. Segundo (BURY, 2006), a estética se caracteriza pela fachada composta por

⁴² Estilo renascentista: é a fase da arquitetura italiana que se desenvolveu de 1420 até meados do século XVI. As principais características da arquitetura renascentista são de fato a sensibilidade para com o passado antigo, o renascimento das ordens clássicas, a clara articulação nas plantas e nos alçados, bem como as proporções entre as partes individuais dos edifícios. O estilo renascentista enfatiza a simetria, a proporção, a geometria e a regularidade das partes.

⁴³ Estilo maneirista: O Maneirismo foi um estilo e um movimento artístico que se desenvolveu na Europa aproximadamente entre 1515 e 1600 como uma revisão dos valores clássicos e naturalistas prestigiados pelo Humanismo renascentista e cristalizados na Alta Renascença. O Maneirismo é mais estudado em suas manifestações na pintura, escultura e arquitetura da Itália, onde se originou, mas teve impacto também sobre as outras artes e influenciou a cultura de praticamente todas as nações europeias, deixando traços até nas suas colônias da América e no Oriente. Tem um perfil de difícil definição, mas em linhas gerais caracterizou-se pela deliberada sofisticação intelectualista, pela valorização da originalidade e das interpretações individuais, pelo dinamismo e complexidade de suas formas, e pelo artificialismo no tratamento dos seus temas, a fim de se conseguir maior emoção, elegância, poder ou tensão. É marcado pela contradição e o conflito e assumiu, na vasta área em que se manifestou, variadas feições.

formas geométricas básicas, nave e capela-mor, com planta retangular, podendo ter uma ou duas torres, janelas simples, e uma decoração modesta, como podemos ver logo abaixo nas imagens da igreja matriz São José de Ribamar. A figura 25 mostra a fachada da Igreja Matriz de Aquiraz.



Fonte: Arquivo pessoal-2024

Figura 25- Fachada da Igreja Matriz, São José de Ribamar

Localizada na praça Cônego Araripe, no Centro de Aquiraz a tricentenária Igreja Matriz São José de Ribamar, foi uma idealização do padre jesuíta João Guedes, porém infelizmente o padre não teve a oportunidade de ver a igreja concluída, pois veio a falecer antes do término da construção. As igrejas são as obras arquitetônicas mais importantes dos padres jesuítas, apesar de terem construído outras edificações relevantes. (BURY 2006) diz que as igrejas construídas pelos jesuítas seguem o mesmo desenho em todas as fachadas, ou seja, uma sequência clara, que vai desde o frontão sem torres do século XVI, passando pelos campanários encostados às fachadas do início do século XVII, até as soluções intermediárias do século XVII e XVIII, com duas torres escamoteadas em segundo plano. A igreja Matriz São José de Ribamar segue as soluções intermediárias do século XVII e XVIII, com duas torres presentes em sua fachada.

Segundo (DIÓGENES, 2006), a igreja Matriz São José de Ribamar, é considerada um dos mais antigos templos católicos do Ceará, segundo pesquisas, sua construção teve início no ano de 1713. A estrutura física da igreja possui paredes de pedra com 1 metro de espessura. Seu desenho é singelo, com planta retangular e o espaço da nave é coberto com telha canal, seu madeiramento é aparente e dispõe de caibros armados em toda a sua extensão. A autora faz a descrição da parte externa da igreja, afirmando que à fachada principal possui ligeira curvatura na parte central, evidenciando traços do Barroco, que para (BURY 2006) seriam traços do Maneirismo, pois, segundo o autor, neste período o Barroco ainda não havia chegado ao Brasil. Na fachada da igreja destacam-se ainda as três portas, com dez almofadas trabalhadas em madeira de lei em ressaltos e uma flor de oito pétalas entalhada no centro de cada almofada, encimadas pelas janelas com grades de finos balaústres, que abrem para o coro e mais duas janelas que também compõem a fachada, todas elas com molduras em alvenaria.

Na parte interna da igreja merecem destaque, o púlpito de madeira lavrada e o piso em ladrilho hidráulico original. O coro é amplo, com piso em madeira e balaustrada do mesmo material, dando para a nave. O acesso é feito por escada lateral de madeira, sob a torre da direita. A capela-mor tem planta retangular, medindo aproximadamente seis por treze metros, com largos corredores laterais e sacristia ao fundo. No altar, em nível mais elevado, um nicho central abriga a imagem do padroeiro

São José de Ribamar e dois nichos menores de cada lado, um contendo a imagem de Nossa Senhora das Graças, e o outro com a imagem de São Sebastião transpassado de dor. Sobre a mesa do altar-mor tocheiros de prata ladeiam o sacrário, assim como o cálice de prata, o porta-missal, o ostensório, paramentos bordados a fio de prata e ouro, entre outros itens, o crucifixo de prata maciça, que é hoje, uma das peças raras da arte sacra do século XVIII no Brasil.

A Igreja Matriz São José de Ribamar foi ampliada, em 1877, pelos retirantes da seca, por isso, apresenta ecletismo no estilo, fruto das várias modificações que passou ao longo dos anos. Em 1980, foram feitos trabalhos de recuperação da cobertura e madeiramento, e em 1983, foi tombada⁴⁴ no âmbito estadual. A igreja matriz de Aquiraz hoje é propriedade da arquidiocese de Fortaleza, sendo um monumento tombado pelo Departamento de Preservação do Patrimônio Cultural (DEPAC). A seguir narro a história do museu Sacro São José de Ribamar, sua construção e importância para o Estado do Ceará.

3.2- Museu sacro são José de Ribamar

Patrimônio é uma palavra antiga, que de acordo com sua origem ligava-se às estruturas familiares, econômicas e jurídicas. Atualmente a palavra patrimônio segue um percurso diferente. Após a requalificação de sua definição, a ideia de patrimônio alargou-se e passou a constituir uma diversidade de objetos que

⁴⁴ Tombamento, é o instrumento mais conhecido de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. A palavra tombo, significando registro e começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou Livros do Tombo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente. São considerados Patrimônio Cultural e estão sujeitos a tombamento sítios, paisagens, bens e imóveis com valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico, artístico ou afetivo para a população, cuja conservação é de interesse público, para que não sejam destruídos ou descaracterizados. O tombamento é o reconhecimento oficial de um bem e sua importância para a construção e manutenção da história e identidade de uma comunidade. O tombamento é uma das ações mais importantes em relação à proteção de um bem material e não altera a propriedade de um bem. Ou seja, se um bem privado for considerado um Patrimônio Cultural, o dono não perde a propriedade, apenas fica proibido que ele seja destruído ou descaracterizado. Por isso, um bem tombado não necessita ser desapropriado, mas precisa manter as características que tinha na data do tombamento. Quem ameaçar ou destruir um bem tombado está sujeito a processo legal, que pode acarretar em multas, medidas compensatórias e até reconstrução do bem como estava na data do tombamento.

congregam a sua pertença comum ao passado, a exemplo das obras de arte, das construções arquitetônicas, dos saberes e conhecimentos culturais dos diferentes povos. A consolidação do patrimônio histórico como um bem tombado, de reconhecida importância, ocorreu através de um documento organizado pela Convenção sobre Proteção de Patrimônio Cultural e Natural, promovida pela UNESCO em 1972, onde então foi elaborado o documento que viria a identificar o patrimônio cultural como monumento. A palavra monumento vem do latim monumentum, derivado de monere, que significa advertir, recordar, aquilo que interpela a memória.

Segundo (CHOAY, 1999), chama-se de monumento qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. Portanto uma das características indiscutível dos monumentos é sua atuação sobre a memória afetiva, ao mobilizar os indivíduos a recordarem o passado, fazendo-o vibrar no presente. O resgate desse passado contribui diretamente para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar.

Ainda de acordo com (CHOAY, 1999), desde os anos sessenta do século XX, os monumentos históricos constituem parte de uma herança que não para de aumentar em virtude de novos tipos de bens que são agregados e pelo alargamento do quadro cronológico das áreas geográficas. Quando em 1837 foi criada a primeira Comissão dos Monumentos Históricos na França, as principais categorias eram constituídas pelos vestígios da Antiguidade, pelos edifícios religiosos da Idade Média e por alguns castelos. DE acordo com (CHOAY, 1999), no final da Segunda Guerra Mundial, o número de Monumentos Históricos foi multiplicado dez vezes mais. Apesar do aumento desses bens inventariados, eles derivavam essencialmente da arqueologia e da história erudita da arquitetura.

As construções do período colonial foram erguidas tanto por grupos religiosos como por engenheiros militares que vieram juntamente com a expedição de Martins Afonso de Sousa a serviço da coroa portuguesa. Esses engenheiros além de erguerem Fortes, foram responsáveis por construir e projetar edifícios administrativos, como por exemplo Palácios do governo, Casas de câmara e cadeia, assim como projetar estradas, pontes, portos, aquedutos entre outros projetos. Abaixo imagens de um típico exemplo de construção idealizada por engenheiros militares, antiga Casa de Câmara e cadeia de Aquiraz, hoje Museu Sacro São José de Ribamar. A figura 26

apresenta a fachada do Museu Sacro São José de Ribamar.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 26- Fachada do museu sacro São José de Ribamar-202

O Museu Sacro São José de Ribamar, teve sua construção iniciada ainda no século XVIII. Segundo (DIÓGENES 2006) a edificação teve início no ano de 1740 e foi concluída no final do século XIX. Para a autora, o prédio evidencia a construção em duas etapas: o primeiro pavimento, com grossas paredes de pedra e cal, apresenta características comuns do século XVIII, como as vergas retas e esquadrias; o segundo pavimento, com vergas em arcos ogivais revelam traços construtivos, próprios do último quartel do século XIX. Sabe-se que a segunda fase da construção contou com a mão de obra dos retirantes da seca de 1877.

O edifício tem um aspecto sóbrio e imponente e suas fachadas são marcadas pelo tratamento de seus vértices, em forma de cunhais. Na frente, destaca-se a janela, com balcão sobre a porta principal. O piso do térreo em lajotas cerâmicas, conserva o aspecto original, e o assoalho do piso superior é em tabuado de madeira, reforçado com vigas de carnaúba. O primeiro pavimento, construído no século XVIII funcionava como cadeia e possui planta retangular, onde há uma sala central, que abriga atualmente o saguão com escada de acesso ao pavimento superior, e duas salas laterais, as antigas celas; o segundo, construído no século XIX, abrigava o poder público da capitania. Antes de ser museu, a edificação abrigava a Casa de Câmara e a cadeia da vila.

A adaptação do prédio para abrigar o acervo do museu deu-se em 1967. (DIÓGENES 2006), diz que este acervo compreende imagens sacras, ourivesaria e indumentária, todas datadas dos séculos XVIII e XIX, alusivas à fé do povo cearense. O Museu Sacro São José de Ribamar é o primeiro museu de Arte sacra do Ceará, e um dos mais importantes do Nordeste, constituindo um significativo acervo do Patrimônio histórico e cultural representativo do Estado. Esse monumento recebeu trabalhos de recuperação em 1978, elaborados pela Divisão do Patrimônio Histórico Artístico da Secretaria de Cultura do Ceará, sendo reaberto à visitação pública, em 1980, e tombado em 1983, pelo Departamento de Preservação do Patrimônio Cultural- (DEPAC).

Em 1999, todo o acervo do museu foi inventariado, de acordo com as normas técnicas da área museológica. Em seguida, em 2002, parte considerável do acervo passou por um processo de higienização e restauração. Em 2009, uma coleção de anjos, provenientes dos mais diferentes lugares do Brasil e do mundo, com aproximadamente setecentas peças, foi doada por um colecionador e acrescida ao

acervo existente.

Atualmente, o Museu Sacro São José de Ribamar está climatizado e ganhou segurança eletrônica, assim como banheiros acessíveis e uma plataforma elevatória de acessibilidade para o andar superior. Foram ainda devolvidas duas escadas externas que originalmente existiam na fachada dos fundos e uma porta, que permite a comunicação direta do Museu com o Largo da Independência, espaço que dá acesso ao anexo do museu. No entanto até a data desta pesquisa o Museu encontrase fechado, fato que vem se prolongando desde o início da pandemia e que de certa forma gera um incomodo para mim, enquanto pesquisadora de Arte sacra, pois não consegui visitar a parte interna do espaço e fotografar o acervo. Assim como para os turistas que chegam na cidade e encontram o local de portas fechadas, causando-lhes frustração. O Museu Sacro São José de Ribamar, guarda bens que compõem um dos maiores acervos de arte sacra do Nordeste, parte desse material veio de Portugal e de outros estados brasileiros, constituindo assim, um significativo acervo do artístico, histórico e cultural.

Trago em minhas memórias afetivas acontecimentos que há muito tempo não rememorava, entre elas os primeiros contatos com o museu Sacro São José de Ribamar. Um monumento em que na mesma proporção, mostrava a beleza da sua imponência arquitetônica, e causava temor por seu aspecto sombrio, visível nas grades das janelas e na porta principal. Confeccionado com um material robusto e obscuro, esses detalhes me lembravam cenários assustadores. Talvez por ainda emanar a atmosfera dos tempos passados, onde literalmente as duras penas eram aplicadas sobre aqueles que desviavam a boa conduta.

Na década de 1970, o conceito de museu foi reformulado e teve início a fundação da museologia moderna. De acordo com o site do Conselho Internacional de Museus (ICOM), o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. A mais recente atualização na definição de museu passou por uma significativa mudança. Pela primeira vez, foram incluídos os termos “inclusão”, “acessibilidade”, “sustentabilidade” e “ética. A aprovação do novo conceito de museu se deu durante a 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizada de 20

a 28 de agosto, em Praga, na República Tcheca, no ano de 2022. O que antes era considerada elitistas, colonizadora e excludente, hoje se apresenta como uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Aberto ao público, acessível e inclusivo, promove a diversidade e a sustentabilidade. Atuando e se comunicando de forma ética e profissional e instigando a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento.

No tópico seguinte apresentamos a Arte sacra, não apenas como um adorno para enfeitar as igrejas, mas também como um meio pedagógico onde os indivíduos aprendem a educar o olhar, levando-os a uma experiência com o sagrado. A Arte sacra tem como objetivo despertar os fiéis para a liturgia. É através dela que conhecemos a evolução da igreja católica assim como a história da arte em geral. Desde a chegada dos portugueses a Arte sacra faz parte da construção da identidade cultural social e artística do nosso país.

3.3 Arte Sacra

Aqui apresento os conceitos de Arte Sacra. Os bens considerados sacros e sua importância dentro do contexto histórico cultural religioso. Desde os primórdios o homem busca uma conexão com o sagrado, pintando, desenhando nas paredes das cavernas ou esculpindo imagens de argila. Assim a humanidade seguiu induzida a criar símbolos que de certa forma possam aproximá-los do sagrado e dessa forma tentar preencher a ausência visual do divino. Então, o que podemos entender por Arte sacra? Segundo a definição de (PASTRO 2001) a arte sacra se refere ao culto religioso e seria sinônimo de liturgia, tendo como objetivo a celebração cristã:

A arte sacra procede do ser objetivo de Deus, vem do transcendente e se dirige à transcendência. É a expressão da consciência comunitária e litúrgica de que o artista é o Espírito Santo; a interioridade é divina. Como no ícone, a imagem de culto não tem psicologia e sim realidade, essência e poder. Não tem nada para ser analisado ou entender, mas é a manifestação d'Aquele que reina e o homem emudece, contempla, reza. A arte de culto em geral não é assinada por artistas, é bíblica, faz parte da celebração litúrgica e sua forma e cores são rígidas e chapadas (sem movimentos e trejeitos meramente sentimentais). O artista não pinta a paisagem, a realidade do corpo humano e vestes, mas submete-se ao Mistério. A arte sacra é um

prolongamento do Mistério da Encarnação, da descida do Divino no humano. A arte tem valor sacramental e é simbólica, isto é, sinal de união. Não é o tema que faz a arte sacra e sim a forma. A arte de culto indica Presença, é a imagem do invisível, leva à contemplação. O artista não pinta (esculpe) o que quer, mas segue um ordo. (PASTRO, 2001, p.82)

Diante da definição de Pastro acerca da Arte Sacra, percebemos que para uma imagem ser considerada sacra ela precisa transpassar o humano, pois só assim adquire valor histórico e cultural e pode ser referenciada e interpretada em seu local e período de origem. Para contextualizar evidencio o conceito de (ARAÚJO JÚNIOR 2019) ao dizer que uma imagem só é Sacra se do profano estiver afastada, pois somente assim ela torna-se uma inspiração do Divino, ligando o homem a essência de seu Deus, de sua verdadeira beleza, que é absoluta e reflete somente a pura e imutável realidade do ser. É objeto em que nós, seres profanos, devemos inspirar-nos para carregar conosco o entendimento do sagrado. Portanto, as imagens nas igrejas e nos museus sacros devem ser valorizadas como objetos que conservam uma simbologia compatível com a tradição cultural e religiosa de um povo.

A Arte sacra surge no Brasil colonial juntamente com a vinda das missões jesuíticas e de outras ordens religiosas, criando assim uma cultura religiosa a partir do catolicismo. No entanto não se tratava do catolicismo tal qual o europeu, pois aqui no Brasil as práticas religiosas se dividiram em três categorias que segundo (HOORNAERT 2008) se caracterizavam em catolicismo guerreiro, patriarcal e popular, ou seja, cada um atendia as necessidades específicas das diferentes classes sociais da época.

A grande diversidade de manifestações e práticas religiosas no Brasil é uma herança das diferentes culturas que formaram a população brasileira. A princípio o catolicismo implantado pelos jesuítas, estava ligado exclusivamente às necessidades de colonização e pacificação, com o interesse principal de catequizar e dominar os povos indígenas. Com isso, por onde as ordens religiosas passavam construíram-se muitas igrejas, deixando vestígios de arte e religiosidade através dos detalhes decorativos e repletos de simbologia dentro das igrejas e capelas.

Para apresentar o conceito de arte sacra busquei apoio no Guia de Identificação de Arte Sacra do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, 2012. De acordo com o guia o patrimônio cultural brasileiro, a Arte Sacra a princípio estava classificada em duas categorias, bens imóveis e bens móveis. Os

bens imóveis seriam aqueles que se mantem fixos em um lugar e não podem ser transportados, a exemplo das edificações, os espaços paisagísticos, entre outros. Já os bens móveis podem ser conduzidos de um lugar para outro.

Algum tempo depois os pesquisadores do IPHAN⁴⁵ perceberam uma nova categoria de bens presentes nas edificações junto das paredes, muros, forros, pátios e adros das igrejas, são os bens integrados. São eles: as pinturas de forros, a exemplo dos painéis do teto da Igreja Matriz de Aquiraz, molduras esculpidas, retábulos, revestimentos, azulejos, esculturas, tribunas, púlpitos, pias de batismo, fontes, cruzeiros, chafarizes, conjuntos escultóricos, em meio a tantos outros.

Contudo, esses bens móveis, imóveis e integrados representantes da Arte Sacra colonial sofreram uma disparidade de estilo, tanto artístico como arquitetônico, ao passarem por alterações durante e depois das construções. No decorrer do período colonial as igrejas abrigavam em seus interiores, peças de madeira esculpidas, denominadas de talha. Tratava-se de elementos ornamentais encontrados em revestimentos parietais, retábulos, púlpitos, entre outros e apresentam significados simbólicos que ultrapassam aspectos simplesmente decorativos. Cada tipo de árvore, flor e fruto usado na ornamentação possui significados profundos.

De acordo com o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), as árvores são símbolos da vida humana; as ervas, a brevidade; as espigas, sinais de fartura; as flores, símbolos de esperança; e os frutos, representativos de realizações. Além dos significados genéricos, cada elemento possui também um conteúdo simbólico específico. No caso das árvores, o cedro, significa excelência; o cipreste, incorruptível; e o plátano, alteza. Entre as flores, os jacintos, sabedoria; os narcisos, gentileza; e o lírio, pureza. E, nos frutos, a maçã, discórdia; o pêssago, intimidade; e a Pêra, perfeição.

Diante do exposto pelo Guia de Arte Sacra, podemos identificar alguns desses bens na igreja matriz e no museu sacro de Aquiraz, sejam eles bens integrados ou

⁴⁵ IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia federal do Governo do Brasil, criada em 1937, vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação e divulgação do patrimônio nacional. Tem a função de defender os bens culturais do país, proporcionando sua existência e usufruto para as gerações presentes e também futuras. Segundo Salma Saddi, ex-superintendente do Iphan, "O papel do Iphan é o de orientar e fiscalizar o Patrimônio cultural material e imaterial, como os saberes e fazeres da população, as paisagens, as festas e danças folclóricas. Esse trabalho envolve a manifestação do ser humano para preservar os valores históricos da cidade."

móveis. A igreja matriz comporta em seu altar mor um exemplo singelo de um retábulo, como mostra a figura 27, abaixo.



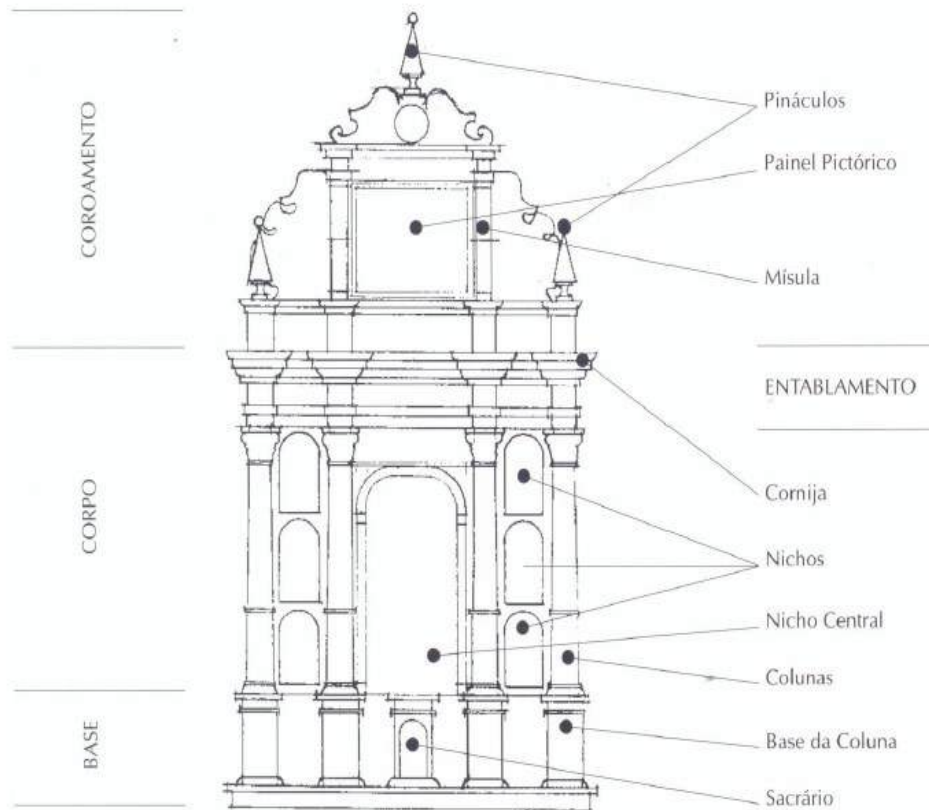
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 27- Retábulo da igreja São José de Ribamar-2024

Retábulo- Do latim *retro tabulam*, significa atrás da mesa (mesa do altar). O retábulo da igreja São José de Ribamar é composto por uma base que fica por trás da mesa do altar e sustenta o corpo, onde estão inseridas as pilastras e colunas que ladeiam o camarim, contendo 3 nichos, sendo um central e dois laterais que comportam imagens de santos. No nicho do meio fica a imagem de São José de Ribamar de Botas⁴⁶, padroeiro da cidade e nos nichos laterais, são Sebastião, copadroeiro e Nossa Senhora das Graças. Na parte superior que compõe o retábulo, chamada de coroamento, se concentra a ênfase ornamental da estrutura. Elaborado em arcos ou arquivoltas concêntricas envolvendo o nicho central, sua forma é inspirada no pórtico de algumas igrejas portuguesas.

Os detalhes desse retábulo lembram o modelo de tipologia tradicional do século XVII, adotado no Brasil pela Ordem dos Jesuítas. De acordo com o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), inicialmente esses retábulos maneiristas faziam uso de pinturas decorativas em sua estrutura. Em sua fase final, os retábulos dão preferência a linguagem escultórica, decaindo a pintura figurativa, suas plantas retas ou planas vão paulatinamente se tornando côncavas. Algumas características descrevem a estrutura, como um enquadramento alongado; predomínio de linhas retas; movimentos estanques; esquema construtivo associado a componentes arquitetônicos greco-romanos; divisão estrutural em base, corpo e coroamento visualizados de forma nítida. Contendo ainda pequenos nichos para colocação de imagens ou pinturas de cavalete denominadas edículas; pouca profundidade dos nichos e do camarim. Abaixo na figura 28, desenho de um retábulo do período jesuítico. E em seguida na figura 29 a imagem do púlpito da igreja Matriz São José de Ribamar, seguida da sua definição.

⁴⁶ São José de Ribamar: Segundo contam os populares, a devoção a São José de Ribamar em Aquiraz, surge com o costume que os portugueses tinham de lançar ao mar imagens de santos em baús de madeira. Assim, uma imagem de São José teria sido encontrada na Prainha (uma das praias da faixa litorânea da cidade), e colocada em uma carroça com destino a Cascavel. Porém os bois, só se moveram quando ficou acertado que a imagem do santo ficaria em Aquiraz. Outro detalhe curioso, são as botas usadas pela figura do santo que configura o altar-mor da matriz. Talvez seja uma homenagem aos bandeirantes.



Fonte: Guia de Arte Sacra do Iphan- 2012

Figura 28- Análise estrutural do retábulo do antigo Colégio dos Jesuítas. Imagens retiradas do livro Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, de Sandra Alvim. Pag. 63. Desenho 14.



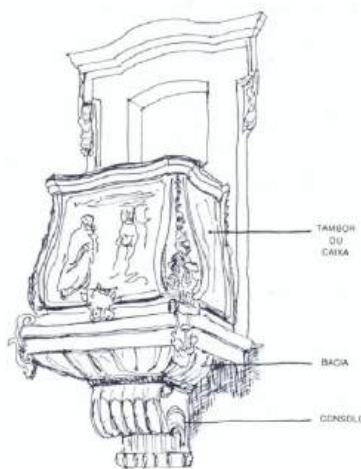
Fonte: Arquivo pessoal-2024

Figura 29- Púlpito da igreja Matriz São José de Ribamar

Púlpito- O pulpito era utilizado nas pregações ou sermões dos sacerdotes. Parece um pequeno camarote, acostado na parede junto com uma escada. Caracteriza-se por ser de madeira, acompanhado de uma pequena cobertura denominada dorsel, baixa-voz ou guarda-pó, talhado em baixo relevo, com balaústres fechando seu corpo. Na primeira tipologia do barroco Português, de acordo com o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), os púlpitos ganharam grande relevância

por serem elaborados em madeira, inteiramente dourados, quase sempre decorados com plumagens e folhas de acanto, podiam aparecer em sua talha, as fênix, os anjos músicos ou ainda atlantes de sustentação.

Na segunda tipologia barroca, os púlpitos aparecem com dosséis⁴⁷ lavrados por sobre a caixa. Há também a utilização de figuras antropomorfas⁴⁸, como os serafins ou anjos com trombetas fixados em cima desses dosséis. Suas linhas são delgadas e suas formas elegantes, com a caixa repleta de pequenas imagens sobrepostas, como: anjos músicos, flores com pétalas delicadas, medalhões, imitação de franjas, borlas, panos e cortinas em forma de lambrequins⁴⁹, conchas e folhas minuciosas em volta de florões. O púlpito da Igreja matriz de Aquiraz, lembra os púlpitos rococós ao apresentar em sua estrutura características com contornos sinuosos, com delicados ornatos, assimétricos, aplicados sobre fundo claro e deixando áreas vazias entre os ornatos. Na figura 30, ilustração de um púlpito e 31 painéis do forro do teto da Igreja Matriz São José de Ribamar.



Fonte: Guia de Arte Sacra do Iphan- 2024

Figura 30- Imagem de púlpito. Ilustração retirada do livro Glossário de Arquitetura e Ornamentação, de Affonso Ávila. Pag. 168. Desenho 51, elaborado por João Marcos Machado Gontijo.

⁴⁷ Dossel: mobiliário, armação de madeira ornamentada, forrada ou não de tecidos, sobre altares, tronos, leitos e até sobre liteiras, cadeirinhas etc. com fins de proteção e/ou ostentação.

⁴⁸ Antropomorfas: O antropomorfismo é uma forma de pensamento que atribui características ou aspectos humanos a animais, deuses, elementos da natureza e constituintes da realidade em geral. Nesse sentido, toda a mitologia grega, por exemplo, é antropomórfica.

⁴⁹ Lambrequins: Lambrequim são recortes e pendentives, feitos em tecido, madeira ou outro material, usados na arquitetura, na decoração e na heráldica. Na heráldica também é denominado paquife.



Fonte: Arquivo pessoal-2024

Figura 31- Pannel do teto da igreja matriz São José de Ribamar

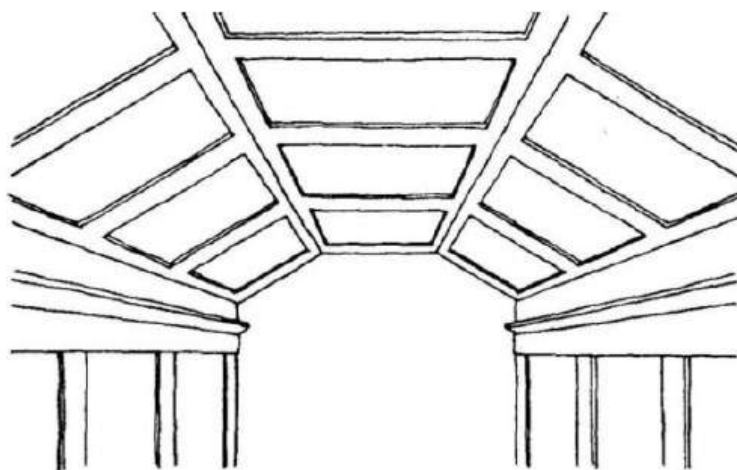
Pintura do forro - O uso de pinturas no teto das igrejas era muito comum no período colonial. O forro composto por caixas em formato geométrico onde são pintadas cenas bíblicas era aplicado como um meio de ensinar aqueles que não sabiam ler. A utilização dos painéis pictóricos se integrou a composição do interior das igrejas católicas nessa época e foram elaboradas pinturas que assumiram valor relevante devido as formas e o contraponto que produziam com os outros elementos ornamentais. (ALVIM, 1996), afirma que esses painéis podem ser organizados de forma variada no interior das igrejas. O teto pode ser compartimentado por fortes molduras que definem o tamanho e a forma dos painéis; pode possuir um único painel retangular e longitudinal ao centro; ou possuir pequenos painéis isolados; há casos ainda em que a pintura não possui cercaduras ou limites impostos pelas molduras, sendo aplicadas diretamente nos painéis ou paredes. Outra estruturação muito comum nos séculos XVII e XVIII, eram os caixotões ou artesoados que de acordo com (HILL, 1997), o forro composto por caixas retangulares recebia ornamentações geométricas de madeira.

Segundo o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), a partir do segundo quartel do século XVIII, a pintura dos forros passa a ser feita diretamente sobre um assoalho de madeira abobadado. Muitas vezes, esse forro era retirado integralmente de igrejas e capelas, formando um grande número de fragmentos. A utilização de painéis se integrou à composição dos interiores das igrejas, assumindo grande valor decorativo, artístico e arquitetônico. Os elementos da pintura eram representados em uma perspectiva vertical, utilizando reproduções de elementos arquitetônicos, como arcos, colunas, balcões, instituindo um espaço ilusório de grande requinte. Para o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), toda a superfície era coberta com pintura que se destinavam à criação de uma ilusão em que o teto das igrejas se abria em uma visão celestial ou apresentavam passagens bíblicas.

Nos painéis da Igreja Matriz de Aquiraz, podemos perceber, que as pinturas retratam cenas da vida do padroeiro do Ceará, São José, em uma iconografia singular. Depois da expulsão da Companhia de Jesus a igreja ficou sob a guarda dos Franciscanos. Daí surge a dúvida se os painéis do forro da capela-mor seriam obra dos padres jesuítas ou dos franciscanos. Distribuídos em uma área retangular de seis por treze metros, as molduras octógonas, são organizadas em fileiras de três em três

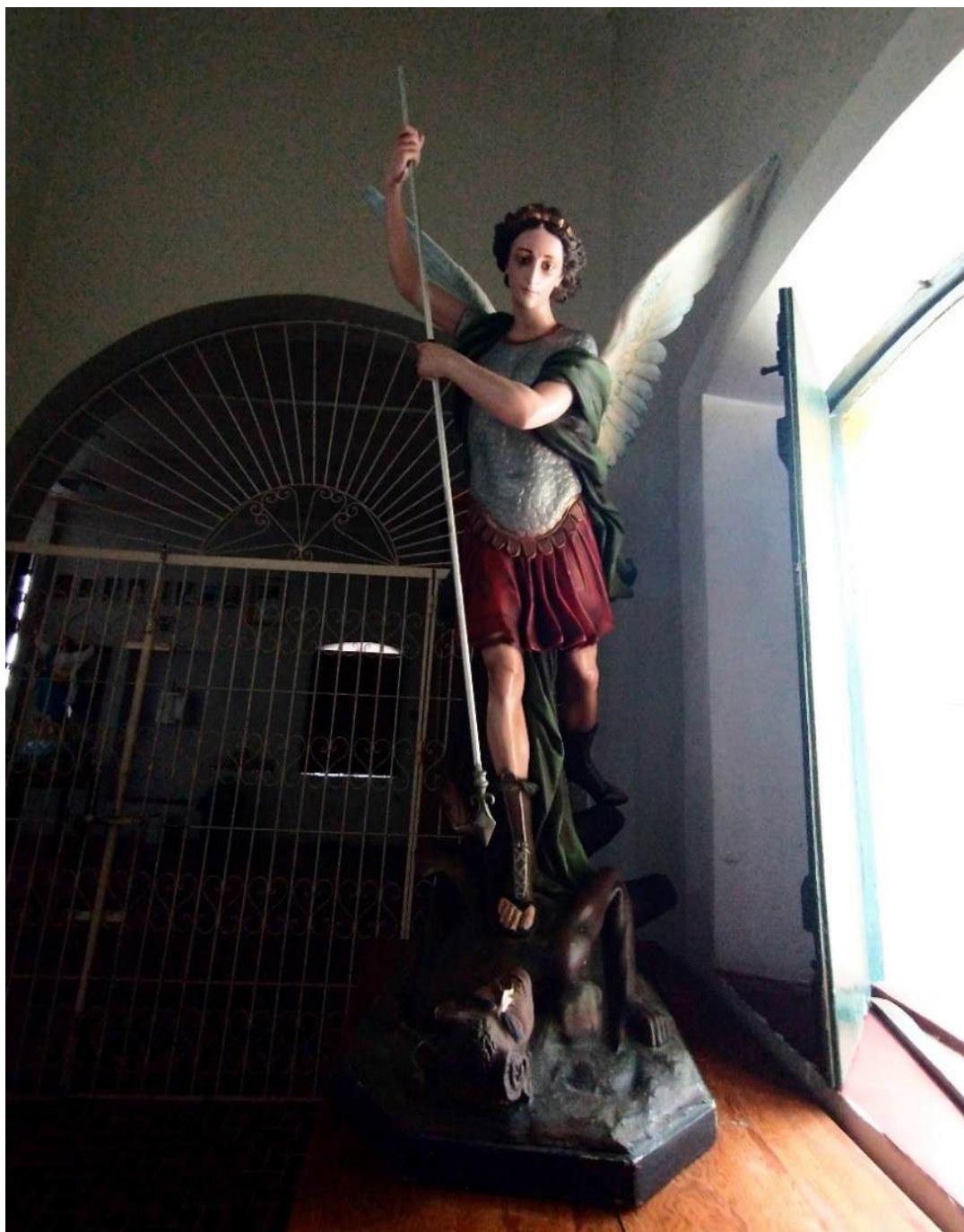
totalizando quinze painéis, porém três permaneceram totalmente em branco. Detalhe que causa incerteza acerca dos autores das pinturas. Por que três painéis não foram pintados? A ausência de pintura nos três painéis teria sido por consequência da expulsão dos jesuítas? Bem, a resposta certa não sabemos, fica a eterna incógnita a respeito desse assunto.

Cada pintura mede aproximadamente 1,50 x 1,20 m. As cenas são sobre a vida de Maria, José e o Menino Jesus, e são dispostas em posição frontal conforme costume português de pinturas de forro mesmo que vistas de baixo para cima. A perspectiva dentro da qual ocorrem as cenas é primitiva, mesmo que os modelos das gravuras de onde foram retiradas fossem complexas e com muitos personagens em várias cenas. A arquitetura é apenas enunciada e as figuras são dispostas de maneira clara evidenciando o santo homenageado. A coloração é limitada com predominância de ocre, vermelhos e azuis já esmaecendo pela ação do tempo. Os painéis são uma obra de grande comoção popular executada em linguagem catequética com clareza de mensagem. Abaixo na figura 32, desenho de um tipo de forro de igreja no estilo caixotão. E na figura 33 escultura de São Miguel Arcanjo.



Fonte: Guia de Arte Sacra do IPHAN-2012

Figura 32-Forro de caixotão. Imagem retirada do livro Introdução ao Barroco Mineiro, de Adalgisa Arantes.



Fonte: Arquivo pessoal-2024

Figura 33- Escultura de anjo, pertencente a igreja Matriz São José de Ribamar

Esculturas - As esculturas sacras traduzem uma forma de representação religiosa de figuras vivas que absorvem características e traços fisionômicos das comunidades locais em que eram elaboradas. Apresentam características de conhecimento das diversas proporções do corpo e suas articulações, o que promove uma coerência na escultura. Segundo a pesquisadora (MYRIAM RIBEIRO, 1986), as imagens sacras são classificadas em quatro tipologias diferenciadas, levando em conta sua função - critérios esses adotados nos inventários promovidos pelo IPHAN. Segundo a autora, a função desempenhada pela imagem gera uma manufatura específica em relação ao tratamento técnico, iconográfico e estilístico que a peça irá receber.

A primeira tipologia são as imagens retabulares, de cunho devocional, presentes no trono ou nos nichos laterais dos retábulos de igrejas e capelas. Esta tipologia se caracteriza pela ênfase em sua expressão dramática, já que é concebida para ser vista à distância, em posição frontal. Devido à posição da imagem no retábulo, o esmero de sua talha e policromia se concentra em sua parte da frente, muitas vezes esse acabamento não acompanha sua face posterior.

A segunda tipologia é denominada imagem processional ou imagem de vestir, são aquelas usadas em rituais litúrgicos a céu aberto (festas e procissões), feitas para serem observadas de vários ângulos em meio à multidão, o que exige maior expressão realista. Seu tamanho é próximo ao natural e, geralmente, apresentam cabelos naturais, olhos de vidro, roupas de tecidos e outros adereços. Podem ser de talha inteira ou possuir articulações que possibilitam a mudança de posição de partes do corpo, como braços e pernas, sendo usadas em comemorações distintas. Outra técnica utilizada na manufatura de imagens de vestir é denominada “roca”, que consiste em esculpir com esmero apenas as partes que ficarão aparentes, como braços, pernas e cabeça, sendo as outras feitas com uma armação de ripas cobertas por tecido.

A terceira tipologia é denominada imagem narrativa ou grupos escultóricos, são imagens que apresentam uma gestualidade não usual e só podem ser entendidas quando estão inseridas em seu conjunto. Essas imagens contam histórias ou representam cenas bíblicas e também são usados nas festas católicas, como nos presépios de Natal e na Paixão de Cristo. Por fim, a última tipologia se refere às imagens de oratório, destinadas ao culto familiar. No período colonial os oratórios

tinham uso cotidiano, e os santos representados eram de devoção especial de determinada família, quase sempre em volta de um Cristo crucificado. Essas imagens podem ter dimensões variadas, correspondentes ao tamanho do oratório.

Além da diferenciação por função, as imagens diferem com relação a sua classificação podendo ser eruditas, populares e de fronteira. Segundo o (GUIA DE ARTE SACRA DO IPHAN, 2012), as imagens eruditas seguem um cânone ou um programa específico relacionado ao seu estilo. Se baseia na busca de um ideal artístico, uma melhor forma de representar, e é determinado pelo ambiente artístico cultural presente em cada época e lugar. Já as imagens populares possuem uma grande variação, são frutos de um conhecimento empírico que não segue os cânones das imagens eruditas, devido à falta de instrução e formação acadêmica de seus artífices, homens do povo. Nas imagens de fronteira a policromia pode se mostrar suntuosa, com uso folhas de ouro e delicadas flores, e a talha demonstra uma tendência para o popular. Esta circunstância se justifica pelo fato de geralmente existirem dois artistas distintos trabalhando em uma mesma peça, um responsável pela talha e outro, pela policromia e douramento.

Ao ver a imagem dessas esculturas, lembrei de um momento da infância em que minha mãe me levava na missa de domingo na Igreja Matriz, apesar disso, não criei o hábito de frequentar o templo pelo ato litúrgico, mas sim pelo meu encantamento com a arquitetura, os adornos, as esculturas, anjos, missais, portas, janelas e pela atmosfera do lugar. A riqueza de detalhes dos objetos, a beleza da arte sacra ali presente, os intrigantes painéis do teto da igreja matriz, tudo me encantava. A propósito, como mencionei anteriormente, o mistério que paira sobre os autores da pintura dos painéis da igreja, vai continuar? Não encontrei nenhum material que me ajudasse a desvendar esse enigma. No entanto por mais que a igreja tenha uma estrutura física singela, é um monumento que expressa nobreza, encantamento, deslumbre e mistério.

Um monumento assegura, sossega e tranquiliza ao incitar o existir dos tempos e garantir o entendimento de nossas origens fazendo com que os indivíduos acalmem a inquietude que gera a incerteza dos princípios. (CHOAY, 1999), diz que, sendo os monumentos históricos possíveis ativadores da memória afetiva, são, portanto, ferramentas ideais para trabalharmos o despertar desse sentimento nos indivíduos. Logo, estimular as memórias não significa apenas dar voz ao “eu”, mas também refletir

sobre elas, como seres pensantes, capazes de sentir e expressar emoções e intencionalidades. Abaixo na figura 34, escultura de anjo, exposto no altar da Igreja Matriz São José de Ribamar.



Fonte: Arquivo pessoal- 2024

Figura 34- Escultura de anjo na Igreja Matriz de Aquiraz

4- NARRO A MIM MESMA, POIS SOU O ASSUNTO QUE MELHOR CONHEÇO.

O título deste capítulo faz referência à famosa frase da grande artista mexicana Frida Kahlo, que dizia: “Pinto a mim mesma porque sou o assunto que melhor conheço”. Assim como Frida Kahlo, eu também busquei expressar o que sou, e o que sinto, utilizando a narrativa autobiográfica em vez de tintas, telas e pinceis. Esse estudo apresenta como base teórica e metodológica uma pesquisa autobiográfica e bibliográfica, visando incitar o pensar sobre o meu percurso enquanto artista visual. Pensar o meu despertar para a docência. E dar continuidade para um assunto que se faz bastante significativo para mim, o Ensino de Arte e Patrimônio Cultural. Considerando que a experiência se dá na relação comigo mesma, com o outro e com os espaços da cidade.

Dessa forma busquei refletir sobre minhas vivências usando-as como ferramentas possíveis de estimular o pensar sobre a prática artística, pedagógica e investigatória. E ao mesmo tempo relacionando essas vivências aos lugares que fizeram parte da minha trajetória, como por exemplo, o Centro Histórico de Aquiraz. Ao refletir sobre a minha atuação artística e pedagógica tenho por objetivo, contribuir para a formação dos discentes, enquanto sujeitos sensíveis, criativos, afetivos e críticos.

A autobiografia como metodologia de pesquisa surge nas investigações acadêmicas nacionais a partir da década de 1980, apresentando pesquisas autobiográficas e de histórias de vida no contexto educacional. Portanto falar de mim mesma, narrando minha própria história, é uma maneira de externar meus aprendizados e minhas percepções de vida até então singulares e restritos a mim. Pois todo sentimento, emoção, valores, desejos ou crenças pertence a individualidade dos sujeitos. (MEDEIROS, 2013), diz que, somente através das narrativas, é possível manifestar essas expressões da existencialidade.

Nessa pesquisa evidenciei meu percurso desde o primeiro chamado (ainda que inconsciente), para o fazer artístico, passando pelos aspectos do Centro Histórico de Aquiraz, que carrega percepções e guarda visualidades, curiosidades e muitas memórias. Transito também pelas lembranças de momentos aflitos e angustiantes, principalmente da minha primeira fase como professora. Todas essas narrativas me

levam a refletir sobre cada etapa da minha vida. E me fazem entender que tudo o que foi vivido tem seu valor e são partes significativas da minha trajetória.

As experiências e vivências são permeadas de subjetividades que me levam a uma compreensão do caminho percorrido buscando ressignificá-lo. Para (JOSSO, 2010), as histórias de vida explicitam realidades sociais e culturais, como elementos que pertencem especificamente a um sujeito e a suas vivências. Dessa forma as narrativas são, portanto, uma possibilidade que tenho de compreender minhas questões identitárias, mediante a interpretação e a reflexão do que foi experiência.

No intuito de construir uma narrativa a partir do vivido, fiz uma analogia entre as minhas memórias e o caminhar, designando as etapas da vida como percursos que precisei trilhar para conquistar objetivos e vencer desafios. O início do percurso se refere as memórias da infância. Por ele percorri muitos momentos, lugares e sensações que estavam guardadas nos meus arquivos mentais. Fiz alguns recortes para priorizar as lembranças dos primeiros contatos com o desenho, a pintura e com o Centro Histórico de Aquiraz. Revisitei as pastas que guardam os meus primeiros estudos de desenhos orientados a partir do passo-a-passo das revistas da coleção “Larousse”. Nesse instante pude ver que mesmo fragmentados todos os pequenos passos se mostraram fundamentais para iniciar minha caminhada rumo ao lugar em que estou hoje, enquanto artista/professora/pesquisadora. Capa de revista de desenho na figura 35.



Fonte: Arquivo pessoal- 2024

Figura 35- Capa da revista do curso prático de desenho

Na pesquisa autobiográfica, presente e passado se entrelaçam para um momento reflexivo. Segundo (PASSEGI, 2021), esse tipo de pesquisa vem sendo utilizada com mais frequência nas investigações atuais no campo educacional em busca de compreender as interações humanas por meio das ações dos sujeitos a partir de suas práticas. Assim, a coleta de dados dentro do processo metodológico se inicia por meio da exploração da minha memória, mas para isso precisei da ajuda das fotografias dos álbuns de família. Assim ficou mais fácil lembrar de alguns pontos consideráveis. Em seguida, examinei os materiais produzidos pelos alunos nas aulas de estágio em Artes Visuais. Dentre eles estão, textos, anotações em cadernos, atividades práticas e fotografias. Reli os escritos, analisei desenhos e pinturas e fui anotando as percepções e informações relevantes, sobre esse momento que se passou durante o período do estágio, com alunos do ensino médio técnico do curso de Telecomunicações do –IFCE, em 2013.

Para narrar a experiência da oficina de Artes Visuais e Patrimônio Cultural, busquei imagens nos meus arquivos fotográficos e revisei meu Trabalho de conclusão de Curso (TCC), onde registrei todos os momentos e o percurso da produção dos alunos no desenvolvimento e criação dos personagens e das Histórias em quadrinhos, que era o produto final da oficina. Assisti aos vídeos produzidos durante as visitas ao Centro Histórico e analisei registros fotográficos. Fiz visitas constantes a igreja Matriz de Aquiraz e tentei visitar o museu, porém este permanece fechado. Fiquei horas sentada no interior da igreja observando minimamente cada detalhe do espaço e dos objetos lá presentes. Li artigos que falam sobre autobiografia e lembrei de uma disciplina do mestrado, ministrada pela professora doutora Lucianne Goldberg, onde ela nos apresentou conceitos de narrativas autobiográficas. Essa lembrança foi como uma luz me guiou no caminho para o desenvolvimento dessa pesquisa.

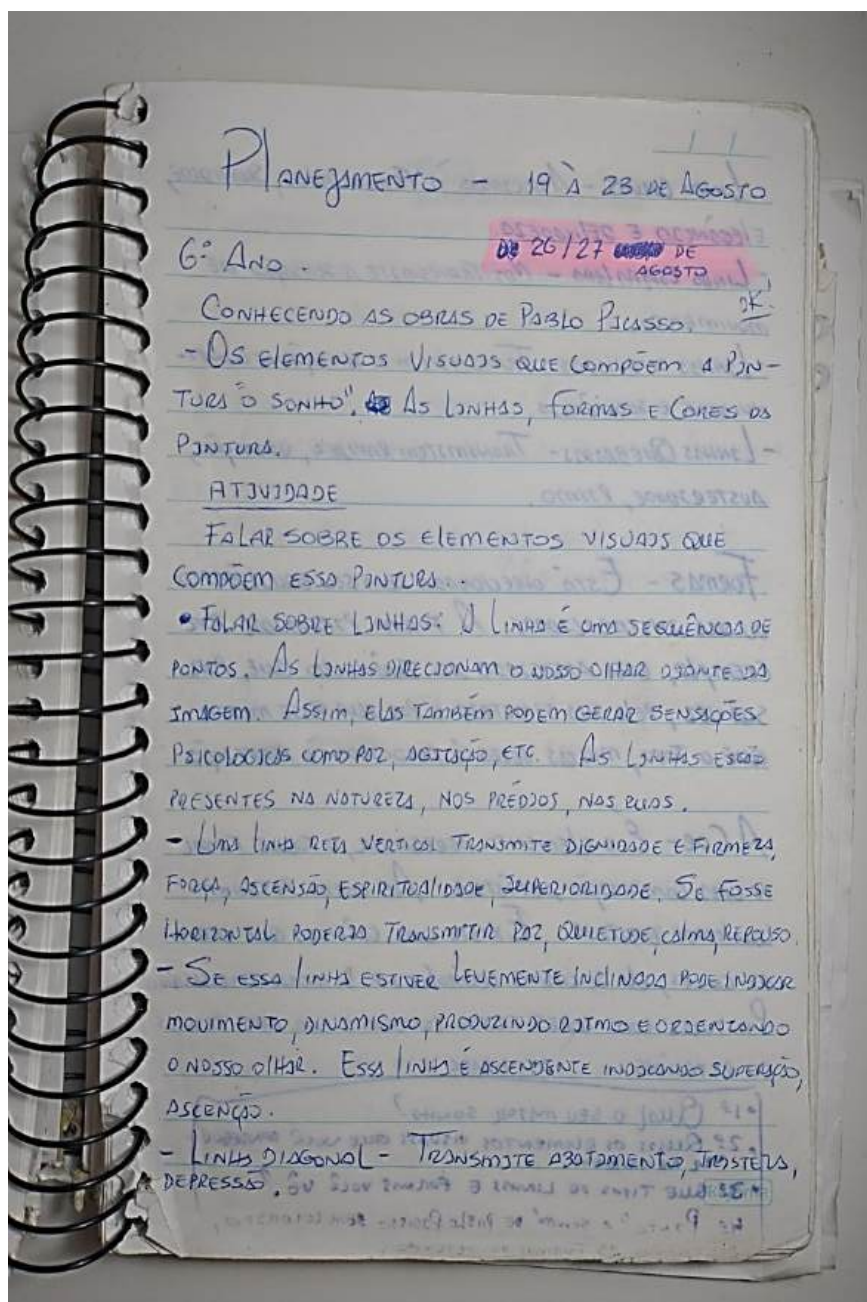
Diante de tantas possibilidades do que explorar e de como fazer esta pesquisa, me debrucei sobre esse material e fui analisando cada detalhe como uma forma de revelar traços da minha história. Dos textos escritos pelos alunos, aos álbuns de fotografia, dos monumentos históricos e peças de Arte Sacra, aos cadernos criados por mim para adaptar os conteúdos dos livros didáticos, tudo foi observado e examinado sempre com muita atenção para que a narrativa fosse feita em sua totalidade. (PASSEGI, 2021), faz uma indagação sobre, como nosso Eu emerge? e

em seguida responde afirmando que o Eu emerge por um ato de atenção voluntária sobre algo que nos desperta curiosidade.

No entanto esta investigação vai além da análise dos escritos, das fotografias encontradas, dos desenhos ou pinturas realizadas. Ela é o despertar e a manifestação do meu Eu, revelado a cada lembrança. Revisitar o que foi vivido me proporcionou rever o meu percurso a partir de um novo olhar. Eu estava descortinando o que ainda não se apresentava de forma clara para mim e isso me fez entender que nada foi por acaso, tudo tem um propósito de ser e acontecer. Sei que esta viagem não finaliza aqui, pois cada ponto de chegada abre portas para se trilhar um novo caminho. Portanto a qualquer momento é permitido desembarcar para seguir viagem em percursos diferentes, inclusive os de volta as origens para retomar a caminhada por outros lugares.

O segundo método de especulação utilizado nessa pesquisa foi a revisão bibliográfica. Para a fundamentação teórica e histórica de Aquiraz e de seus monumentos busquei os escritores que narram a história dos primórdios do Ceará como por exemplo, Ailton Farias, Raimundo Girão, Simone Sousa, Beatriz Helena Nogueira Diógenes, entre outros. Seguida da análise de documentos oficiais da educação, LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), BNCC (Base Nacional, Comum Curricular), PCN artes (Plano Nacional Curricular do Ensino de Artes) e DCRC (Documento Curricular Referencial do Ceará), passando por teóricos do Ensino de Arte como por exemplo, Ana Mae Barbosa e Patrimônio Cultural a partir de Choay chegando a pesquisa autobiográfica em Josso e Passegi.

A relação entre novas vivências e experiências interliga a vida social e profissional. Para (PINEAU, 2006), os relatos de vida apontam para a importância da expressão do vivido pelo desdobrar narrativo, seja oral ou escrita. Nossa identidade enquanto seres humanos segue padrões históricos, culturais e lineares, e se desenvolve, seguindo situações reflexivas impostas pela experiência. Assim a vida vai se construindo. Narrar minha trajetória de vida inclui meus sonhos, minhas lutas, minhas conquistas, superações e a revelação do que vivi e o que sou hoje. Somente assim é possível entender que de certa forma tudo está relacionado e que uma experiência sempre nos prepara para uma nova aprendizagem. (PINEAU, 2006), diz ainda que o modelo autobiográfico, é a expressão e a construção de sentido da obra exclusiva de um sujeito. Na figura 36, registro meu primeiro caderno de Atividades.



Fonte: Arquivo pessoal- 2024

Figura 36- Caderno de atividade da professora

De onde vem a Ideia do livro? Logo que conclui o curso de Licenciatura em artes visuais iniciei minhas atividades em sala de aula, em três escolas públicas do município de Aquiraz. De início não consegui me adaptar, foram dois anos difíceis com crises de ansiedade. Abandonei a sala de aula, fiquei dois anos e meio longe das escolas, estava decidida a nunca mais entrar em uma sala de aula para lecionar. Comecei a trabalhar com pintura em porcelana, e tinha certeza que era isso que faria pelo resto da vida. Recebia diariamente muitas encomendas. Consegui me manter financeiramente com esse trabalho por um bom tempo. Mas depois as vendas foram diminuindo e encerrei as atividades. Então, voltei a dar aulas, dessa vez informalmente. Reforço escolar pela manhã; aulas de desenho a tarde duas vezes por semana e oficinas de pintura para crianças no período das férias escolares de julho. Quando percebi estava novamente atuando como professora.

A decisão de se dedicar ao ensino, nem sempre é espontânea. Para muitos nasce da necessidade de um trabalho remunerado. Contudo, percebi que era possível conciliar o fazer artístico com a docência de maneira que uma se ajustasse a outra. Então em 2019 voltei para a sala de aula. Estava mais confiante, e com novas perspectivas em relação ao ensino de arte e a prática artística. Meu comportamento estava diferente diante dos alunos, um sentimento bom, uma vontade de compartilhar saberes, emanava do meu ser. Porém alguns detalhes não passaram despercebidos. Um deles era o conteúdo dos livros didáticos, que estavam muito distantes da realidade dos estudantes e isso despertava a falta de interesse e a não participação dos mesmos nas aulas.

Diante dessa dificuldade e com a vontade de despertar sentimentos de pertencimento, valorização e resgate da identidade dos estudantes do Ensino Fundamental II, das escolas públicas de Aquiraz, pensei na possibilidade de produzir uma apostila para as minhas aulas. Foi onde comecei a criar conteúdo para as aulas de Artes nos meus cadernos e passei a aplicar em sala de aula. Assim consegui ministrar aulas com melhores resultados e envolvimento e participação dos alunos. No entanto só agora estou perto de realizar esse objetivo.

Dessa forma, realizar o sonho de levar o Patrimônio Cultural de Aquiraz para dentro da sala de aula, por meio do Ensino de Arte, tem grande chance de acontecer. Vejo os monumentos históricos de Aquiraz, para além de um simples espaço turístico. Eles são também instrumentos educativos, estéticos e reflexivos, que dispõem de um

grande potencial didático, juntamente com o ensino de Arte, permitindo uma aprendizagem significativa para o desenvolvimento de um olhar sensível e afetivo sobre o Patrimônio Cultural da cidade. Para (HORTA, 1999), os Centros históricos são um recurso educativo importante, pois permitem o aprendizado de habilidades e temas relevantes para a vida dos alunos e que a educação patrimonial é uma área de saber que pode fazer ligações com várias disciplinas do currículo escolar.

Assim, tanto a sensibilidade, quanto a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades podem se manifestar como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. Esse componente curricular uni saberes que envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre o mundo. E possibilita aos alunos explorar múltiplas culturas visuais. Dialogando com as diferenças e conhecendo outros espaços, criando oportunidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas.

A Base Nacional Comum Curricular-BNCC, propõe que a abordagem do ensino de Arte articule seis dimensões do conhecimento: criação, que refere-se ao fazer artístico; a crítica, o que impulsiona os sujeitos em direção a uma nova compreensão da realidade; estesia que é a experiência sensível em relação ao espaço, ao tempo, ao som, às imagens, às ações do próprio corpo, entre outros; a expressão uma possibilidade que o indivíduo tem de exteriorizar e manifestar a sua subjetividade por meio das linguagens artísticas; fruição o prazer, o deleite ou o estranhamento sobre a arte e a reflexão, o momento de construção de argumentos e do pensamento crítico sobre as coisas do mundo. De forma indissociável e simultânea, essas dimensões caracterizam a singularidade da experiência artística.

Dentre as competências definidas pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC, para o ensino de Arte, estão as que garantem a valorização dos conhecimentos históricos e culturais, como um meio de aprender e colaborar com o processo de apropriação e valorização do Patrimônio Cultural da sociedade. Esses princípios, me levam a perceber os monumentos históricos de Aquiraz como espaços possíveis de gerar aprendizado e conhecimento, extraídos a partir da história e das visualidades ali contidas. Enquanto artista visual e professora, lanço meu olhar sobre esse lugar e vejo um local permeado por elementos capazes de instigar a criatividade, o fazer artístico, a compreensão cultural, estética, reflexiva e o encontro consigo

mesmo, ao me sentir parte desse lugar.

No entanto, é preciso compreender e perceber as visualidades presentes nos espaços, conhecer a história que cada monumento carrega. Assim, podemos estimular a memória afetiva e acalmar a inquietude da incerteza dos princípios. Acredito que entender o mundo por meio da arte e da cultura é uma possibilidade de incitar o saber estético e despertar um pensamento crítico e atuante em meio a sociedade. Portanto, compete ao ensino de Artes, contribuir para desenvolver um olhar atento, para que o indivíduo possa saber ver e perceber o mundo, distinguindo, sensações, ideias e visualidades contidas nos espaços ao seu redor. Dessa forma, considera-se que a interação com outras fontes de conhecimento poderá auxiliar o professor a instigar no aluno uma nova visão de mundo e por consequência torná-lo capaz de pensar de maneira crítica, saindo do estado de alienação e passando para a condição de indivíduo consciente de que pode mudar a si mesmo e sua própria realidade.

Os monumentos históricos são símbolos de valores que testemunham a história de um povo. Independentemente do tempo ao qual esses monumentos pertençam, é possível que seja desenvolvida uma memória viva e afetiva, a partir dos estímulos praticados com os indivíduos. (CHOAY, 1999), diz que para além do puro prazer de olhar um objeto histórico, este pode incitar sentimentos diversos nas pessoas e torná-los capazes de transformar aquilo que foi construído pelo homem ao atribuir-lhe novos destinos, como por exemplo o educativo. Assim, observar o patrimônio histórico e reinventá-lo por meio da arte, é uma possibilidade de enxergar, interpretar e relacionar-se com o mundo a partir de novos conceitos. Dessa forma, conclui-se que as lembranças, o tempo e as visualidades inseridas nesses locais podem provocar reações e transformações no comportamento, nas concepções e nas percepções das pessoas.

Ao longo da minha atuação em sala de aula, contando a partir de 2019, senti a necessidade de adaptar os conteúdos dos livros didáticos para uma linguagem mais simples e que fosse entendida pelos estudantes com mais facilidade. Por isso produzi vários cadernos de atividades, escritos à mão durante minhas horas de planejamento. Dessa maneira, produzir um livro didático que apresenta um conteúdo onde os educandos se reconheçam dentro dele é uma possibilidade de resgatar a própria identidade.

Para a produção do livro escolhi como objeto a ser trabalhado nas aulas as peças de Arte Sacra presentes no acervo da Igreja Matriz e do Museu de Aquiraz. Para cada artefato, um conteúdo de Artes Visuais. Por exemplo, ao apresentar a história sobre os painéis do forro do teto da igreja, abro espaço para as percepções dos alunos e logo após, apresento o conceito de leitura de imagem, estimulando o educando a aprender a ler e interpretar o mundo a sua volta, posicionando-se criticamente frente a realidade. No entanto, para ler uma imagem é preciso conhecer os elementos que compõem visualmente uma figura. Assim, faço a complementação do conteúdo a partir da definição dos elementos visuais e por fim aplico uma atividade prática, para efetivar o embasamento do ver, fazer e contextualizar.

O livro- Em formato e-book, traz uma abordagem específica em Arte Sacra que utiliza plataformas digitais para proporcionar o acesso virtual a esses espaços sem que os alunos precisem se deslocar até o espaço físico, caso os professores assim prefiram. O conteúdo do livro aborda o conceito de Patrimônio Cultural, de monumentos históricos, apresenta a história de implantação da primeira Capital do Ceará, Aquiraz. Mostra a Igreja Matriz e o Museu Sacro São José de Ribamar, dentro dos aspectos históricos, desde a idealização da construção, passando pela importância histórica, social e política de ambos.

O livro também conta com a definição de Arte sacra e seu contexto dentro da escola. E traz um código de acesso em formato QR code, para visita virtual do acervo do museu e da igreja. Este material didático, conta ainda com assuntos relacionados às técnicas de desenhos, pinturas, estudo das cores e traz modelos de atividades que envolvem práticas de desenho, pintura e fotografia, assim como dicas para leitura de imagem.

O título do livro, faz referência ao meu caminhar na busca por articular essas duas áreas de saberes distintas tão necessárias, dentro da sala de aula. “Nas trilhas da aprendizagem em Artes Visuais e no Patrimônio Cultural de Aquiraz” é um livro didático capaz de contribuir com o que pede os documentos oficiais da educação, como por exemplo o Documento Curricular Referencial do Ceará- DCRC que dispõe a Educação Patrimonial como um instrumento pedagógico de compreensão do mundo e de resgate da própria identidade cultural de uma sociedade. Proporcionando assim um autoconhecimento de si e valorização da cultura de um indivíduo. Reforçado por (HORTA, ET AL, 1999, p.6) ao afirmar que a Educação Patrimonial é um instrumento

de “alfabetização Cultural” que possibilita, aos sujeitos fazer a leitura do mundo que os rodeia, levando-os à compreensão do meio em que estão inseridos.

O livro atende, além das especificidades da DCRC (Documento Curricular Referencial do Ceará) os da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), no que diz respeito ao componente curricular Arte, quando expõe que o ensino e a aprendizagem em Arte não estão resumidos apenas a produção artística, mas também as cinco dimensões do conhecimento, como mencionado anteriormente, de forma indissociável e simultânea, caracterizando assim, a singularidade da experiência artística.

Nesse contexto a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, ver, fazer e Contextualizar, configura-se como uma direção, um rumo a ser seguindo. Pois a partir da visão sistematizada da leitura de imagens e obras de arte, busca uma democratização dos saberes artísticos. A abordagem Triangular é fundamentada numa visão crítica e propõe uma pedagógica da Arte emancipatória. Sabemos que o aprendizado não se consolida da mesma forma para todas as pessoas. Cada uma tem suas próprias limitações, individualidades e lacunas de aprendizagem. Porém, o sistema triangular articula o estudo sobre o universo da arte, de forma que as experiências vividas pelos estudantes, ver, fazer e contextualizar, proporcionam um conhecimento de forma significativa.

Leitura de obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica(...). A educação cultural que se prende com a Abordagem Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”. (BARBOSA, 1998, p. 40)

Assim, “Nas trilhas da aprendizagem em Artes Visuais e no Patrimônio Cultural de Aquiraz”, vem entregar autonomia aos professores para estimular o engajamento e a motivação no conhecimento em Artes Visuais e Patrimônio Cultural e desenvolver um pensamento crítico e atuante nos estudantes. Com um conjunto sistemático e contínuo de atividades que desenvolvem as competências para o ensino de Arte e Educação Patrimonial. Valorizando e utilizando os conhecimentos historicamente

construídos sobre o mundo para entender e explicar a realidade.

Criar e propor ações educativas significantes dentro da sala de aula, se faz importante pois a arte está ligada diretamente a vida cultural. Arte e cultura estão conectadas, no tempo, e dentro do contexto social, político e cultural. Como todo e qualquer cidadão, os estudantes também têm direito ao conhecimento artístico, independente da linguagem que desejam se expressar. Desde os primórdios os seres humanos carregam consigo a necessidade de transformar os seus sentimentos em criações, seja produzindo um desenho, uma pintura, uma música, uma dança, enfim, a arte nos faz lembrar que podemos viver várias experiências no ato da criação. Abaixo alunos contemplando releituras da Noite Estrelada de Van Gogh, na figura 37.



Fonte: Arquivo pessoal- 2024

Figura 37- Estudantes contemplando o trabalho da aula prática

O livro trata-se de um material didático, planejado e desenvolvido a partir da minha inquietação com os conteúdos dos livros didáticos de Artes distribuídos nas escolas pelo Programa Nacional de Educação- PNE. Observei que por mais que os estudantes se empenhassem no aprendizado, o conteúdo disponível nos livros, era distante da realidade deles, o que acrescentava um ponto desfavorável na aprendizagem por não trazer significado para os mesmos. E o que fazer diante disso? Acredito que a partir dessa observação nasce meu desejo de criar um material didático que dialogasse com o cotidiano dos alunos e proporcionasse mais sentido ao aprendizado. Assim como, apoiar os professores em sala de aula e levar um conteúdo pautado na história e na memória do espaço em que estão inseridos.

Como o repositório de produtos educacionais da capes é digital e o formato eletrônico facilita a distribuição, escolhi publicá-lo nesse primeiro momento em formato de e-book e disponibilizá-lo em um drive, em nuvem para ser acessado por dispositivos móveis e computadores desde que estejam conectados a internet. No entanto planejo lançá-lo posteriormente na versão impressa e distribuir nas escolas do município de Aquiraz, para que os alunos tenham acesso e comecem a explorar o patrimônio cultural da cidade ao mesmo tempo em que aprendem Artes visuais. Para que os alunos e professores tenham acesso a esse material basta recorrer a internet e utilizar o link de acesso. Podendo ser compartilhado também por um QR code. Para isso, é necessário apontar a câmera do celular para o código e ter acesso ao conteúdo do livro.

O ponto de partida que veio despertar o desejo de produzir esse e-book surge em um determinado dia, no ano de 2019, enquanto apresentava um conteúdo sobre Patrimônio Cultural que trazia como assunto, as ruínas de São Miguel das missões, localizadas no estado do Rio Grande do Sul. Tudo certo em mostrar o mundo e as outras culturas para os estudantes, porém é preciso aproximar essas temáticas da realidade desses indivíduos. Logo lembrei das Ruínas do Real Hospício dos Jesuítas em Aquiraz. Pensei, e porque não apresentar as ruínas dos jesuítas da nossa cidade? E mostrar para os alunos que eles também têm capacidade de desfrutar das coisas relacionadas ao Patrimônio Cultural a partir da cidade em que vivem. Assim comecei a explorar o Patrimônio Cultural de Aquiraz, dentro da sala de aula. Até então eu só havia trabalhado o ensino de Artes e o Patrimônio Cultural em oficinas fora da escola.

Este livro didático tem como proposta explorar e conhecer o acervo de Arte

Sacra da Igreja e do Museu de Aquiraz e incentivar os estudantes do ensino fundamental II das escolas públicas do município, para o fazer artístico e a valorização pelo Patrimônio Cultural da cidade. Nas trilhas da Aprendizagem no Ensino de Artes Visuais e Patrimônio cultural de Aquiraz, foi organizado de modo a funcionar como um apoio didático complementando e enriquecendo os conteúdos de Artes dentro da sala de aula. Ficará a critério do professor (a), escolher em qual série irá utilizar o livro, no entanto o conteúdo deste livro é adaptável para todas as turmas do sexto ao nono ano. Não há obrigatoriedade dos professores de Artes terem sua formação acadêmica em Artes Visuais, já que os textos e as atividades são de fácil assimilação, podendo os mesmos terem sua formação nas outras linguagens artísticas, como por exemplo, teatro, dança e música. Os conteúdos abordados contemplam a diversidade cultural e artística sobretudo da Arte Sacra. Ensinar Arte é prazeroso, aprender sobre arte, também, e mais ainda quando temos a oportunidade de ver despertar na criatividade e expressão de cada um, suas aptidões e seus talentos. Arte não se ensina, se compartilha, através do conhecimento e das experiências vividas pelos indivíduos em sua trajetória. A figura 38 mostra alguns momentos da minha atuação em sala de aula.



Fonte: Arquivo Pessoal- De 2018 a 2024

Figura 38- O ensino de arte

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adotar os métodos da pesquisa autobiográfica, me fez entender que a capacidade que um sujeito tem de constituir uma narrativa a partir de si mesmo, de suas experiências, erros, acertos e aprendizagens é fundamental no processo de formação da sua identidade. (PASSEGI 2021), diz que as abordagens biográficas diante da ação de narrar estimulam o sujeito a refletir sobre as experiências vividas ao dar sentido a elas e reconstitui uma versão de si mesmo ao repensar sua relação com o mundo. Aqui sou autora, narradora e personagem. Reconstitui as minhas diferentes versões, da menina que descobria os espaços da cidade, passando pela adolescente que sentia a arte pulsar dentro de si, chegando a mulher, artista, professora, pesquisadora que sou hoje, mas que continua sua caminhada de mãos dadas com a arte a desbravar as trilhas da docência e da investigação. Dessa forma entendi que cada etapa da vida de um ser humano traz características próprias, isso não quer dizer que as realizações de um estágio anterior sejam anuladas com a chegada do novo, pelo contrário, ambas se integram, e contribuem fortemente para a construção de avanços no pensamento, na maneira de se expressar, e sentir. (NUNES 2015), diz que os indivíduos são dotados de uma capacidade de crescimento constante, e que cada fase da vida os prepara para atingir níveis mais altos de competência na busca por realizações particulares, mostrando assim, o poder de autonomia que cada um tem na construção do percurso pessoal e profissional. As vivências formam experiências fundantes que se propagam e se constroem mediante o cultivo constante do sentir. E emerge no cotidiano e na reflexão que se faz sobre o que foi vivido, sentido e criado, buscando em cada instante, tentativas de desenvolvimento em todos os âmbitos da vida. As experiências de vida se fazem em cada passo da trajetória percorrida. Se faz nos desafios encarados, nos acertos, nos erros e nas descobertas de novas possibilidades. Viajando por minha memória percorri três etapas da vida, onde tive vivências que foram fundamentais para meu processo de entendimento do que é ser artista, professora, pesquisadora e o quanto o lugar de pertencimento diz sobre quem sou. Sinto alegria em produzir arte, bem como na interação com os alunos no processo de ensino e aprendizagem e no método investigativo. O artista é antes de tudo um ser de alma sensível, que registra coisas além do que se vê. O professor de Arte é aquele que sente satisfação em acompanhar

o desenvolvimento do aluno e se alegra com suas criações. E o pesquisador, é quem investiga, e desenvolve ou aprimora os conhecimentos e novos aprendizados. Portanto, entendo que a arte é capaz de proporcionar para o indivíduo um crescimento saudável e enriquecedor expandindo sua visão de mundo, estimulando a criatividade e a capacidade de se expressar. Já o ensino de arte é uma aprendizagem que se faz essencial na construção do pensamento crítico, reflexivo, e da leitura de mundo. E as descobertas das pesquisas abrem um novo campo de exploração para o entendimento das coisas.

Chego a conclusão desta etapa da minha vida com a certeza de que ao refletir sobre minhas vivências e experiências, passei a entender o porquê de cada coisa vivida. E compreendi que nada acontece por acaso, tudo tem um propósito, seja para ensinar algo, para livrar de alguma coisa, para fazer mudar de atitude ou estratégias. A vida está sempre nos proporcionando vivências que nos preparam para os próximos estágios da vida. Porém é preciso estar atento a essas experiências e perceber o que a vida está tentando ensinar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Aparecida. **Trilhas de Aprendizagem: um estudo de caso.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 9., 2013, Niterói. Anais eletrônicos... Niterói: [sn], 2013. p. 1-19.

ALVIM, Sandra. **Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro:** revestimentos, retábulos e talhas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, MINC - IPHAN, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996

ARAÚJO JÚNIOR, Iron Mendes de. **Imagens que falam:** a arte sacra na cultura brasileira / Iron Mendes de Araújo Júnior – 1 Ed. – Curitiba Appris, 2019

ARRUDA, Sara Lustosa da Costa de. **Estratégia de desenvolvimento com base nas trilhas de aprendizagem.** 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/127394> Acesso em: 12 fev. 2018.

ATKINSON, William Walker. **Como desenvolver, treinar e usar sua memória** / William Walker Atkinson; traduzido por Talita Nunes. – Jandira, SP: Principis, 2022

BARBOSA, Ana Mae, **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas visuais/** Ana Mae Barbosa, Fernanda Pereira da Cunha (org.) - São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte Educação:** leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística.** São Paulo: Cortez, 1995

BELL, Julian, **Uma nova História da Arte** – São Paulo: Martins Fontes editora LTDA, 2008

BNCC, **Base Nacional Comum Curricular** – Brasil, MEC - 2018

BURY, John, **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial/** John Bury: organizadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira- Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Unesp, 1999

CEARÁ. Secretária da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará:** educação infantil e ensino fundamental / Secretária da Educação do Estado do Ceará. - Fortaleza: SEDUC, 2019.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira, **Guia dos bens tombados do Ceará** / Beatriz Helena Nogueira Diógenes, Romeu Duarte Junior. Fortaleza: Secult, 2006. (Coleção Nossa Cultura Serie Documental).

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de Identificação de Arte Sacra**. Raphael João Hallack Fabrino. IPHAN – 2012. 147 f.; 30 cm.

FARIAS, Airton de, **História do Ceará** / Airton de Farias. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 5º ed. 2009.

FERRAZ E FUSARI, **Metodologia do Ensino de Arte**: fundamentos e proporções/ Maria Heloísa C. de T. Ferraz, Maria F. de Rezende e Fusari. – 2.Ed.rev.e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009

GALVÃO, Lúcia Helena, **Painéis de Aquiraz: joia da arte popular do Ceará Colonial**/ Lúcia Helena Galvão. – Fortaleza: Instituto olhar aprendiz, 2010.

GIRÃO, Raimundo, **Pequena história do Ceará**. 4ª ed. Ver. E atual, Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da arte**. 16 Rio De Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2015, 688 p.

HERNANDEZ, Fernando, **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**/ Fernando Hernandez: Tradução Jussara Haubert Rodrigues – Porto Alegre, Artmed 2000.

HOORNAERT, E.; RIOLANDO AZZI, K.V.D.G.; BROD, B. **História da Igreja no Brasil**: Ensaio de interpretação a partir do povo – Primeira Época – Período Colonial. Petrópolis: Vozes, 2008

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, **Guia Básico da Educação Patrimonial**/ Maria de Lourdes Parreira Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queiroz Monteiro. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010

LINCENSTEIN, Jaqueline. A pintura- Gêneros pictóricos / Jaqueline Linchenstein – Tradução Magnólia Costa – São Paulo: Ed. 34, 2006A

MACHADO, G. A. **CALIDOSCÓPIO**: Experiência de artistas-professores como eixo para uma história do ensino das artes plásticas em Fortaleza. Tese de Doutorado em Educação - Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. Ano de obtenção: 2008.

MEDEIROS, Emerson Augusto, **Histórias de vida e formação**: Trajetórias,

experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer/ Revista científica das escolas de comunicação e artes e educação – Universidade Potiguar – Rio Grande do Norte

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da aprendizagem**/ Ana Ignez Belém Lima Nunes e Rosemary Nascimento Silveira. – 3. Ed. Ver.- Fortaleza: EdUECE, 2015

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A escultura devocional na época barroca - aspectos teóricos e funções. Revista Barroco, Belo Horizonte, v. 18, p. 247-267, 1997

OSTROWER, Fayga, **Universos da arte**: edição comemorativa Fayga Ostrower. – 24ª Ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PASSEGI, Maria da Conceição, **Reflexividade Narrativa e Poder Auto (Transformador)** / Revista Práxis Educacional v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar./2021

PASTRO, C. **Guia do espaço Sagrado**. São Paulo: Edições Loyola, 2001

PCN, **Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998

PIMENTEL, Lúcia Gouvêia. **Abordagem Triangular e as narrativas de si**: Autobiografia e aprendizagem em Arte. Revista Gearte, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p.307-316, mai/ago. 2017

PIMENTEL, Lúcia Gouvêia. **Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de arte**: o contemporâneo de vinte anos. In Barbosa, Ana Mae (org.), Cunha, Fernanda Pereira- **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas visuais**/ São Paulo: Cortez, 2010.

PINEAU, Gaston, **As histórias de vida em formação**: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial- Educação e Pesquisa, ago 2006, Volume 32

SOUZA, Simone de, **Uma nova história do Ceará** / Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et al] - 3 Ed. Ver. E atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

STUDART, Guilherme, **Notas para a história do Ceará**/ Guilherme Studart. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004

WIERCINSKI, Gilmar, **Pesquisa auto-biográfica**: Uma introdução metodológica / Salão do conhecimento – Ciência- tecnologia- desenvolvimento social- UNUÚ 2014- XIX Jornada de Pesquisa.

APENDICE